

CARTA DO PRESTE JOÃO DAS ÍNDIAS

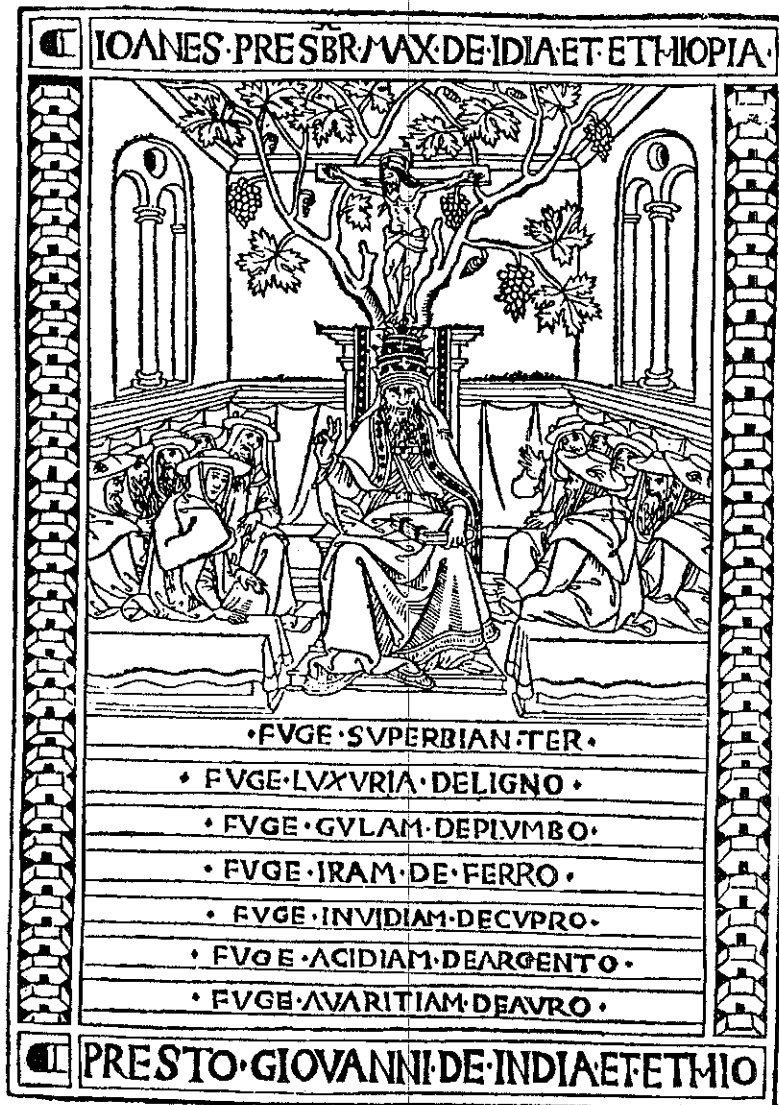
VERSÕES MEDIEVAIS LATINAS

audiret uocem decelou

ca p-e

ASSÍRIO & ALVIM

CLagran Magnificentia del Prete Ianni Signore dellindia
Maggiore & della Echiopia



CARTA DO PRESTE JOÃO DAS ÍNDIAS

VERSÕES MEDIEVAIS LATINAS

prefácio e notas

MANUEL JOÃO RAMOS

tradução

LEONOR BUESCU

selecção iconográfica

MANUEL JOÃO RAMOS

ALEXANDRA CAMPOS

ASSÍRIO & ALVIM

EDIÇÃO APOIADA
PELO PAVILHÃO DE PORTUGAL
DA EXPOSIÇÃO MUNDIAL DE LISBOA - EXPO'98

INTRODUÇÃO
A «VERSÃO ORIGINAL» E AS RECONSTRUÇÕES
DA CARTA DO PRESTE JOÃO

© ASSÍRIO & ALVIM (1998)
RUA PASSOS MANUEL, 67-B, 1150 LISBOA

ISBN 972-37-0461-7
EDIÇÃO 477, ABRIL 1998
DEPÓSITO LEGAL 121161/98

O PRESTE JOÃO

A enigmática figura do soberano indiano *Presbiter Johannes* apresenta nesta *Carta* pseudo-autográfica todo o esplendor do seu maravilhoso e inacessível império, cujas regiões orientais fazem fronteira com o próprio Paraíso terrestre. Em grande medida elaborado sobre dois modelos literários, o *Romance de Alexandre* e o *Apocalipse segundo S. João*, este texto latino medieval revela aos seus leitores um imperador ideal e cristomimético: como o Cristo apocalíptico, o Preste João é um intemporal soberano e sacerdote, senhor dos senhores, que governa uma sociedade cristã a um tempo heterogénea e igualitária, onde as maravilhas de todo o tipo florescem entre o milagroso e o monstruoso, entre o quase divino e o quase diabólico. Na verdade, o império do Preste João é imaginado como uma longa alegoria milenar preparatória da descida da Nova Jerusalém apocalíptica, em estreita articulação com a cosmografia e a cartografia medievais europeias, segundo as quais a Ásia oriental – em cuja extremidade se localizaria o Paraíso terrestre – era concebida como a região da ecúmena mais próxima da esfera celeste. O soberano indiano apresenta-se, por outro lado, como uma reformulação cristã do projecto imperial de Alexandre Magno (de

unificação do Oriente e do Ocidente), que encontra na literatura alexandrina grande parte do seu suporte contextual (geográfico, zoológico, sociológico, etc.).

A *Carta do Preste João*, onde se sugere que a unificação da cristandade oriental e ocidental ocorrerá através de uma aliança cruzadística para a conquista de Jerusalém, manifesta, portanto, um evidente fundo milenarista. Parece ser originária dos meios clericais da corte imperial alemã, surgida num contexto de preparação das segundas cruzadas e de intensa rivalidade política entre os Hohensaufen e a corte bizantina, por um lado, e o pontificado romano, por outro – rivalidades que encontram eco no tom crítico de certas passagens do texto. O seu formato, sob o qual se organiza uma torrencial descrição de maravilhas exóticas orientais e, adicionalmente, se enuncia um apelo cruzadístico pronunciado por uma personagem a vários títulos englobante, mimetiza, a um tempo, a literatura epistolar de características diplomáticas e a tradição das «cartas caídas do céu», supostas mensagens divinas de tons apocalípticos e moralizadores.

A evolução literária e ideológica do Preste João, as identificações sucessivas desta figura ideal com diversos soberanos asiáticos (mongóis, arménios, etc.) e africanos (núbios e etíopes), assim como entre a sociedade que ele governa e as de variadas heterodoxias cristãs (nestorianas, indianas, coptas), influíram fortemente na transformação radical da mensagem milenarista inicial. Mas a multiplicidade de versões da *Carta*, não apenas em latim mas numa profusão de línguas vernaculares, assim como as referências recorrentes ao Preste João, tanto na cartografia como na literatura (de ficção ou docu-

mental) europeias desde o século XII até pelo menos ao século XVII, testemunham a sua extrema relevância não apenas como modelo literário mas como inspiração ideológica e imagética dos projectos imperiais europeus pós-medievais.

A CARTA

De todas as versões hoje conhecidas da chamada *Carta do Preste João*, aquela que tem sido mais frequentemente referenciada em estudos históricos, geográficos e literários, tanto europeus como americanos, foi publicada em 1879, por Friedrich Zarncke, um filólogo de Leipzig. Esta versão, que Zarncke tomou como o texto latino original, escrito porventura entre 1160 e 1190, foi, por este, reconstituída a partir do confronto de 97 exemplares latinos sobreviventes da *Carta do Preste João* (Zarncke, 1879:878-908). É provável, como nota Martin Gosman (um investigador que editou e comparou as versões em francês e provençal antigos da Carta), que Friedrich Zarncke não tenha realmente estudado todas as versões que menciona, o que, de certa forma, «enfraquece a autoridade da sua reconstrução» (Gosman, 1982, I:3). O objectivo da análise comparativa de F. Zarncke era, explicitamente, a reconstituição – ou (re)construção – do texto original latino, não interpolado, da *Carta*. Assim, os vários exemplares sobreviventes foram agrupados em classes, consoante incluíam ou não passagens que desenvolviam certos conteúdos específicos da *Carta*: Zarncke estabeleceu a existência de cinco grandes classes de interpolações (de A a E) que

ocorriam, isolada ou conjuntamente, nos diversos manuscritos latinos. Ao identificar – para expurgar – todas as passagens interpoladas da *Carta*, pareceu-lhe possível aceder a uma versão (re)construída do original latino, o *Urtex*¹, ou «texto-base».

Martin Gosman fez uma verificação crítica da subdivisão dos exemplares em versões interpoladas proposta por F. Zarncke, da qual ressalta que manuscritos pertencentes a tradições isoladas foram indevidamente incluídos em grupos de interpolações, e que há interpolações elas próprias reconstruídas a partir de outras interpolações (Gosman, 1982, I:3 e 97 seq.). Também os editores das versões hebraicas da Carta do Preste João (provenientes das tradições italianas ou provençais), Edward Ullendorf e Charles Beckingham, apresentaram algumas reservas às conclusões de F. Zarncke, e em particular à sua noção de *Urtex*: «Devo confessar que tenho fortes dúvidas acerca da realidade deste conceito» [E.U.] (1982:27). E, no entanto, estes e outros autores voltaram a publicar a versão «original» de F. Zarncke, ou utilizaram-na como ponto de partida para analisar o conteúdo da ficção do rei presbítero indiano². Esta dependência metodológica encerra um curioso e aparente paradoxo cuja apreciação e esclarecimento prévio é essencial não apenas para uma contextualização da edição de F. Zarncke agora traduzida para português, mas para uma compreensão eventual do processo de formação e transformação do Preste João, e também das modulações e motivações ideológicas daqueles que o investigam.

O paradoxo aparente da continuada aceitação, por parte de outros investigadores, do procedimento de F. Zarncke (a tentativa de reconstituição de um «original»), fundamenta-se no reconhe-

cimento implícito da existência de dificuldades heurísticas na abordagem dos manuscritos, e na impossibilidade epistemológica de as ultrapassar. São muito raros os autores que não aceitam o pressuposto de que a *Carta do Preste João*, dirigida ao imperador bizantino Manuel I Comeno, ou mais raramente ao imperador germânico Frederico I Barbarruiva, a outro soberano ocidental ou a um pontífice³, é um documento forjado, uma fabricação, uma fraude ou mistificação. Provavelmente elaborada em fins do século XII, apresenta-se como uma amálgama ou síntese de diversas tradições cosmográficas e enciclopédicas (gregas e romanas, nestorianas, católicas, orientais) que se referem à Índia e a um modelo social e político-religioso a que diversos autores atribuem características utópicas.

O reconhecimento do carácter fictício, fraudulento da *Carta*, carácter esse que é evidenciado por um conjunto de artifícios retóricos comuns em textos deste género⁴, é quase universal⁵. Mas tal reconhecimento é, regra geral, simultâneo de uma investigação exaustiva sobre os modelos possíveis, personagens «reais», a partir dos quais a figura do suposto autor-narrador (fictício) da *Carta*, o Preste João, foi recriada. Supõe-se portanto que por trás da lenda há sempre um facto.

Parece difícil evitar a tentação destas identificações, mesmo em estudos literários e filológicos em que elas surgem como claramente extemporâneas⁶. Do mesmo modo, não tem sido fácil pôr em causa o pressuposto metodológico de F. Zarncke, segundo o qual existiu um texto original, embora desconhecido e nunca referenciado, de onde derivam as versões sobreviventes da *Carta* apresentando várias

interpolações; que essas interpolações foram sendo adicionadas ao original através de um processo cumulativo, do simples ao complexo, e simultaneamente do harmónico ao incoerente; e que a reconstrução desse *Urtext* é possível e pôde constituir um objectivo de análise.

Se a *Carta* original é habitualmente vista como uma fabricação⁷, através da qual se pode adivinhar a existência de um rei presbítero oriental «autêntico», oculto por uma floresta de «patranhas» e «maravilhas»⁸, as versões subsequentes, que apresentam uma maior profusão de informações fantasistas, têm sido consideradas já não ingénuas fabricações mas verdadeiras mistificações cuja função seria defraudar os excessivamente crédulos leitores contemporâneos (Slessarev, 1959:5), ou satisfazer um público progressivamente mais ávido de exotismo⁹ (Caire-Jabinet, 1980:40; Kappler, 1980:51).

A possível eventualidade de uma origem cristã oriental, talvez bizantina, da *Carta*, vem naturalmente complicar ainda mais o emaranhado das filiações: é que tanto os textos latinos apresentados por F. Zarncke, como as versões francesas e provençais analisadas por V. Slessarev e M. Gosman, ou mesmo as versões hebraicas editadas por E. Ullendorf e C. Beckingham, parecem trair uma influência lexical grega, aparentemente confirmada pelo facto de o destinatário expresso da *Carta* ser usualmente o imperador Manuel I Comeno – para vários autores, a haver fabricação, esta teria de ser de origem bizantina e o compilador da versão latina original terá sido também sua vítima crédula. Não há, no entanto, qualquer notícia da eventual existência de um exemplar bizantino da *Carta* (Gosman, 1982,I:48), e, como nota Vsevold Slessarev, mesmo as

versões eslavas são traduzidas do latim e não, como se esperaria, do grego (Slessarev, 1959:42).

Supostamente, a diferença entre o leitor medieval da *Carta* e o investigador moderno que a interpreta proviria do facto de o primeiro crer no seu conteúdo e o segundo não¹⁰. O investigador moderno vê, nos textos copiados e interpolados, fraudes de fraudes, enquanto atribui ao primeiro, porque não encontra nele ecos de incredulidade (porque simplesmente não encontra quaisquer ecos), uma total irredutibilidade à descrença. Mas, curiosidade assinalável, o investigador moderno não só crê frequentemente na possibilidade de existência histórica do modelo de soberania oriental que inspirou a lenda do Preste João, como aceita como «autêntica» uma versão da *Carta* que foi elaborada em fins do século XIX – o *Urtext* de F. Zarncke.

O paradoxo referido anteriormente é aparente e não efectivo porque, ao contrário do que os autores que usam a versão de F. Zarncke como texto de referência deixam entender, o processo de identificação da (re)construção de F. Zarncke à *Carta* original desaparecida não pode ser heurísticamente legitimado: uma não é a outra. E se o problema da credulidade é repostado nestes termos, valerá a pena lembrar também um outro aparente paradoxo: é que, apesar de ser geralmente aceite que as tradições relativas ao Preste João remontam a meados do século XII, e que as primeiras viagens de investigação do *locus* do seu reino datam do século XIII (as descrições da Tartária e da Mongólia), a sua referenciação cartográfica não é anterior a meados do século XIV, no espaço correspondente à África oriental e não (salvo raras excepções) no do

continente asiático, contrariando as informações veiculadas pela *Carta* e pelas tradições literárias a ela aparentadas. A consideração deste enigma é essencial para a compreensão do sistema de transformações associado à figura do Preste João «das Índias». Mas presente-se que a sua solubilidade depende da relativização do postulado segundo o qual a recepção de textos como a *Carta*, pelos seus leitores contemporâneos, era determinada por uma incapacitante irreducibilidade à descrença.

Há que lembrar, por outro lado, que as tentativas de identificação do Preste João da *Carta* a figuras «autênticas», protagonizadas por vários investigadores, durante os últimos cento e cinquenta anos, têm paralelos históricos nos relatos de viajantes do século XII ao século XVII – de Jacques de Vitry a Giovanni da Plano Carpini, Wilhelm de Ruybroeck e Marco Polo, ao Padre Francisco Álvares e aos missionários jesuítas na Etiópia, vários foram os autores que buscaram identificações e contextualizações histórico-geográficas para a figura lendária do Preste João¹¹. Mas, a par da possibilidade de associação do soberano da *Carta* a figuras históricas¹², existe um outro conjunto de correlações igualmente evocativas: a Alexandre-o-Grande, a S. Tomé, a Baltazar (um dos reis magos), aos «reis dormentes», ao Cosmocrator, ao «Endkaiser». Tais correlações supõem a possibilidade de alargamento de certos traços definidores da figura do rei-presbítero oriental presente na *Carta*, tarefa dificultada se forem desvalorizadas, como simples «interpolações», passagens importantes de várias versões.

Para quem pretenda interrogar o conteúdo global da figura do Preste João, comparando diversas versões da *Carta* em vez de

privilegiar uma delas (a «original») – de forma a poder inter-relacionar, por exemplo, os manuscritos mais antigos e os exemplares quinhentistas, incluídos em textos populares de viagens imaginárias –, uma questão difícil se coloca. É legítimo ou não considerar como válida a (re)construção de Zarncke, ligada que está ao conceito de *Urtext*, ou texto-base? Para poder responder convenientemente, será talvez importante esclarecer algumas consequências da sua opção metodológica. Claro que, ao definir como objectivo de trabalho a reconstituição do material da *Carta* original, F. Zarncke assegurou o seu próprio sucesso na pequena história da investigação do mito do Preste João. Forneceu aos investigadores subsequentes um modelo ideal, expurgado, que tem a virtude de, desde que os seus leitores aceitem o «como se», passar por ser a *Carta* original. Este modelo tem uma qualidade óbvia: permite, na ausência do original, ultrapassar o problema da escolha de um manuscrito específico, entre os mais antigos, como versão-base. Numa palavra, facilita o uso da *Carta* na investigação sobre o Preste João... Mas, é importante reconhecê-lo, de uma *Carta* e de um Preste João muito empobrecidos.

Duas objecções de peso desigual dificultam, então, a incondicional utilização da *Carta* «original» reconstruída em finais do século XIX. A suposição de que o texto reconstruído corresponderia ao texto dos manuscritos mais antigos, que seriam os textos sem interpolações, não se sustém perante a consideração rápida das datações dos manuscritos considerados por F. Zarncke: apenas cinco dos quinze exemplares que ele considera «livres» de interpolações são datáveis como do século XII, e pelo menos cinco outros são posteriores ao século XIV; por outro lado, cinco dos vinte sete (mais

quatro) manuscritos contendo a interpolação B, são também do século XII (Zarncke, 1879:878-881, 883-891), assim como dois ou três contendo a interpolação C. Não se deve também esquecer que, se é reconhecível numa leitura comparada um processo de enriquecimento informativo da *Carta*, são também evidentes processos simultâneos de empobrecimento (elipses, sumarizações, metáteses, amputações), de que a *Carta* incluída na parte final do *Libro del infante don Pedro de Portugal*, de Gomez de Santisteban, é um exemplo extremo.

Decorre desta objecção uma outra, porventura metodologicamente mais importante: ao definir como versão-padrão um texto nascido do confronto das versões interpoladas e não interpoladas, o estatuto atribuído ao conceito de «interpolação» parece tornar internamente suspeitas as versões «interpoladas», de alguma forma consideradas não depuradas – ou, como foi sugerido anteriormente, fraudes de fraudes. Duas questões se levantam então: sendo impossível aceder a um texto tido como desaparecido, não pode haver confirmação de que uma versão sobrevivente lhe está mais próxima que outra; e, problema mais central para a compreensão do seu conteúdo, na presença de um conjunto relativamente vasto mas inter-relacionado de versões da *Carta* (manuscritas e impressas, em latim e em vernáculo, mais ou menos detalhadas), a opção de privilegiar uma em relação às outras limita, em definitivo, o impacto provocado pela sua leitura, e, eventualmente, o alcance das conclusões a retirar do seu estudo.

ESTA EDIÇÃO

As importantes objecções anteriormente referidas apontam para a necessidade de uma mudança no modo de abordagem do(s) texto(s). Com efeito, a opção por uma leitura comparativa e global da *Carta*, esquecida a proeminência das versões não interpoladas, e abandonado o conceito de *Urtext*, pode revelar sentidos insuspeitos, inacessíveis de outro modo ao leitor. Segundo esta perspectiva, as interpolações não têm de ser vistas como escolhos, mas como meios essenciais para aceder a uma compreensão mais geral do conteúdo semântico da *Carta*. Este foi, na verdade, o ponto de partida para a publicação desta tradução da *Carta do Preste João*. Com a esperança de que possa surgir, no futuro, uma nova edição crítica comparada dos vários manuscritos latinos da *Carta*, optou-se aqui por publicar, em edição bilingue, o texto estabelecido por Friedrich Zarncke no seu muito recôndito estudo de 1879. Com algumas diferenças, contudo: o objectivo da presente publicação da *Carta* não é o de suportar um estudo filológico e um empreendimento de reconstituição textual, mas o de evidenciar, perante um público não especialista que até hoje viu negada uma familiarização directa com o texto da *Carta do Preste João*, o imenso poder convocador do imaginário – cosmográfico, cosmológico, utópico – aí presente, e permitir o desfrutar, seja no original latino ou na tradução portuguesa, de um fascinante texto literário que teve uma inegável e prolongada influência na formação da visão ocidental do mundo oriental.

Ao reeditar o texto latino da *Carta* tal como foi estabelecido por Zarncke, considerou-se útil manter – de forma meramente indica-

tiva, para efeitos de referência bibliográfica – o sistema de classificação filológica usado por Zarncke para distinguir os parágrafos e períodos comuns e não comuns («interpolados»), e identificar os grupos de «interpolações» denteando-os em relação ao corpo do texto comum. Tal como na edição de Zarncke, também aqui as variações pontuais de manuscritos comportando as mesmas inter-polações surgem grafadas entre parênteses rectos. Procurou-se, no entanto, e ao contrário daquele autor, não sobrevalorizar os parágrafos e períodos do fictivo *Urtext* através de artifícios tipográficos, mas uniformizá-lo com as passagens «interpoladas», em benefício da fluência de leitura do conjunto. Com o objectivo confesso de preservar e valorizar o fascínio imagético e a riqueza semântica que resultam do cruzamento das várias versões da *Carta do Preste João...*

BIBLIOGRAFIA

- ALBERT, J.-P., «Le roi et les merveilles: à propos de la légende du Prêtre Jean», *Cahiers de Littérature Orale*, XXIX, Paris, 1991, pp. 17-45.
- ATHAPPILLY, A., «An Indian prototype for Prester John», *Terrae Incognitae, the Annals of the Society for the History of the Discoveries*, X, Amsterdam, 1978, pp. 15-23.
- BARTHES, R., «L'effet de réel», *Communications*, XI, 1968, pp. 21-34.
- CAIRE-JABINET, M.-P., «Le royaume du Prêtre Jean», *Histoire*, XX, Abril, 1988, pp. 36-43.
- DELUMEAU, J., *Une Histoire du Paradis. Le Jardin des délices*, Paris, Fayard, 1992.
- GOSMAN, M., *La Lettre du Prêtre Jean: les versions en ancien français et en ancien occitan*, 2 vols., Groeningen, Bouma's Boekhuis bv, 1982.
- GUMILEV, L.N., *Searches for an Imaginary Kingdom. The Legend of the Kingdom of Prester John*, traduzido por R.E.F. Smith, Cambridge, C.U.P. (Past and Present Publications), 1987 (Moskva, 1970).
- HELLEINER, K., «Prester John's Letter», *Phoenix, the Journal of the Classical Association of Canada*, XIII, 1959, pp. 47-57.
- KAPPLER, C., *Monstres, démons et merveilles à la fin du Moyen Age*, Paris, Payot, Bibliothèque Historique, 1980.
- KNEFELKAMP, U., *Die Suche nach dem Reich des Priesterkönigs Johannes. Dargestellt anhand von Reisenberichten und anderen ethnographischen Quellen des 12. bis 17. Jahrhunderts*, Gelsenkirchen, Verlag Andreas Müller, 1985.
- MARINESCU, C., «Le Prêtre Jean, son pays. Explication de son nom», *Bulletin de la section historique de l'Académie Roumaine*, X, 1923, pp. 73-112.
- OLSCHKI, L., *Storia letteraria delle scoperte geografiche*, Firenze, Leo S. Olschki Editore, 1937.
- RICHARD, J., «L'Extrême-Orient légendaire au Moyen Âge: roi David et Prêtre Jean», *Annales d'Ethiopie*, Tomo I, 1955, pp. 225-242.

- ROGERS, F. M., *The Quest for Eastern Christians. Travels and Rumor in the Age of Discovery*, Minneapolis, The University of Minnesota Press, 1962.
- SLESSAREV, V., *Prester John, the Letter and the Legend*, Minneapolis, The University of Minnesota Press, 1959.
- ULLENDORF, E., BECKINGHAM, C. R., *The Hebrew Letters of Prester John*, Oxford, Oxford University Press, 1982.
- YULE, H. (org.), *The Book of Marco Polo*, edição traduzida, com prefácio, notas e comentário por H. Yule, revista por H. Cordier, 3ª edição, London, The Hakluyt Society, 1903.
- ZARNCKE, F., «Eine neuer bisher nicht bekannte lateinische Redaktion des Briefes des Priester Johannes», *Berichte über die Abhandlungen der König. Sächs. Gesellschaft der Wissenschaften, Phil. Hist. Klasse*, XXIX, Leipzig, 1877, pp. 111-156.
- «Der Presbyter Johannes», *Abhandlungen der König. Sächs. Gesellschaft der Wissenschaften, Phil. Hist. Klasse*, VII, Leipzig, 1879, pp. 827-1039; VIII, 1883, pp. 1-186.
- ZATLOUKAL, K., «India – ein idealer Staat im "Jüngerer Titorel"», *Strukturen und Interpretationen, Studien zur deutschen Philologie, gewidmet Blanka Horacek zum 60. Geburtstag*, edição coordenada por H. Bierkhan, A. Ebenbauer, F. Knapp, Stuttgart, Philologische Germanica – Wien, Brau Müller, 1974, pp. 401-445.

NOTAS

¹ À lista de manuscritos latinos apresentada por F. Zarncke (1879:878-908), M. Gosman acrescenta os vinte e cinco exemplares franceses e um provençal que comparou (1982,II:535, n.7), e sete manuscritos italianos (1982,II:536, n.10); sobre a lista de manuscritos ingleses, M. Gosman reenvia o leitor para o texto de E. Arber, *The first three English Books on America*, Westminster, 1895 (pp. xxxv-xxxvi); quanto aos textos irlandeses confira-se a lista de D. Green («The Irish versions of the Letter of Prester John», *Celtica*, II, 1952, pp. 117-145); os textos escoceses são listados por F. Zarncke (1877:116), que também analisa as versões em alemão (1879:947-1028), inglês e italiano (1877:113-117); A. Kroon reproduz uma versão tardia em holandês (*Van die Wonderliche den en costelicheden von Pape Jans landen* [facsimile], Amsterdam, 1873); Slessarev, que reproduz em facsimile uma versão francesa também analisada por M. Gosman, menciona (1959:95, n.4) o trabalho de M.N. Speranskii sobre as versões russas e sérvias («Skazanie ob Indeiskom tsartve», *Akademiia Nauk S.S.S.R. Izvestiia po russkomu iazyku i slovesnosti*, vol. III, Leningrad, 1930); algumas das versões italianas (e a versão provençal) mencionadas por M. Gosman são reproduzidas por E. Ullendorf e C. Beckingham, assim como quatro versões hebraicas, fortemente dependentes daquelas (1982:37-151); existe também pelo menos uma versão espanhola tardia (século XVI; incluída na parte final do *Libro del Infante don Pedro de Portugal*, cap. XX; ed. ROGERS, 1962:51-55) de onde deriva a edição portuguesa do século XVII); às versões latinas importa ainda aditar o manuscrito do *Códice Alcobacense* CCLVII/380 da Biblioteca Nacional de Lisboa (do início do século XIII, intitula-se «De India et de eius mirabilibus» e contém a interpolação B da classificação de Zarncke; foi editado em apêndice por W.G. Randles («Notes on the genesis of the discoveries», *Studia*, 5, Lisboa, Jan. 1960) e de novo, mais cuidadosamente por Domingos Maurício («Ainda a "Carta do Preste João" das Índias», *Brotéria*, vol. LXXI, 9, Lisboa, Março 1961).

² Cfr. Constantín Marinescu (1923), Leonardo Olschki (1931, 1937), Youssouf Kamal (1935), Vsevolod Slessarev (1959), Ulrich Knefelkamp (1986), Jean-Pierre Albert (1991), entre outros investigadores.

³ Os soberanos descritos nas versões latinas são habitualmente Manuel I Comeno, Frederico I e Frederico II, ou o papa Alexandre III; as versões em vernáculo optam por designar diversos soberanos nacionais; uma das versões hebraicas é dirigida ao papa Eugénio IV.

⁴ Cfr. sobretudo a Carta de Farasmanes (supostamente dirigida a Adriano ou, em certas versões, a Trajano: cfr. *De rebus in Oriente mirabilibus*), a *Carta de Alexandre a Aristóteles* (esta carta surge integrada em várias versões do *Romance de Alexandre*), a *Carta de Al-Kindi a Teodoro, astrólogo de Frederico II [Epistola prudenti viro]*; sobre cartas falsas e mistificações com funções diplomáticas e religiosas (como a *Doação de Constantino*, o *Voto de Santiago*, as várias versões da *Carta do Cristo caída do céu* e as cartas enviadas pelo Diabo) ver referências em W. Speyer, *Die literarische Fälschung im heidnischen und christlichen Altertum: ein Versuch ihrer Deutung*, München, 1972, pp. 37-82, e H. Fuhrmann, «Die Fälschungen im Mittelalter: Überlegungen zum mittelalterlichen Wahrheitsbegriff», *Historische Zeitschrift*, CXCVII, 1963, pp. 529-601, in: GOSMAN, 1982, I:38-40. M. P. Caire-Jabinet apresentou uma tese de doutoramento (3º ciclo) na Universidade de Paris I sobre a *Carta do Preste João* como documento falso e sobre a sua difusão (M.P. Caire-Jabinet, *La Lettre du Prêtre Jean: étude critique de la confection, de la diffusion et de l'utilisation d'un faux dans l'Europe médiévale (XIIe-XIVe siècles)*, Paris, 1984).

⁵ O livro de Frida Wion constitui uma das raras exceções, na literatura recente dedicada ao Preste João, ao reconhecimento do carácter fictício do texto. A aceitação radical da atribuição da Carta a um soberano cristão oriental correlaciona-se com a hipótese apresentada por Wion da existência presente e ainda inacessível do Preste João. Cfr. F. Wion, *Le royaume inconnu, étude historique. Du royaume du Prêtre Jean à l'empire de l'Agartha*, Paris, Le Courier du Livre, 1966.

⁶ Há, no entanto, exceções: L. Olschki (1937); K. Zatloukal (1974); M. Gosman (1982); U. Knefelkamp (1986), J.-P. Albert (1991), por exemplo.

⁷ São reconhecíveis, no texto da Carta, um conjunto de marcas de autenticidade, ou, na terminologia de Barthes, «efeitos de real» (Barthes, 1968): simulação do estilo comum na correspondência epistolar diplomática medieval (uso de fórmulas

introdutórias, de *intersigniae*, itemização do conteúdo), manipulação das expectativas do leitor (o texto constitui-se como confirmação, através de garantia jurada, de um conjunto reconhecível de informações correntes sobre o mundo social e natural indiano, o cristianismo oriental associado a S. Tomé, etc.), *autoritas* enciclopédica (pormenorização descritiva como prova da inquestionabilidade da informação) e retórica testemunhal (o texto escrito como garante da fiabilidade da observação), etc.

⁸ Gumilev, 1987:4-6, Rogers, 1962:20; a desvalorização da visão medieval do rei oriental é particularmente sentida na literatura portuguesa da «época dos descobrimentos» que identifica o soberano etíope com a figura da Carta, mas opõe claramente a paisagem explorada da África oriental à «fantasia» do texto medieval (processo classificatório que começa a tomar forma na obra do P.º Francisco Álvares e se desenvolve, de forma sistemática, na literatura jesuítica sobre a Etiópia).

⁹ A progressiva popularização da figura do Preste João e a sua inserção nos catálogos de *mirabilia*, é uma faceta particular do seu destino plural, a correlacionar com os estereótipos descritos ou simplesmente referidos em autores como John Mandeville (*As viagens de John Mandeville*, XXX seq.), Marco Polo, (*Livro*, I, 44-45, 54-55; III, 39), Rutebeuf (*O dito de Ervanária*), Giuliano Dati (*Cantares da Índia*), Jordano de Severac, *Maravilhas descritas*, VI, 3 seq.), Ariosto (*Orlando Furioso*, XXXIII, 102-128), Gomez Santisteban (*Livro do infante don Pedro de Portugal*, XVI, seq.) Rabelais (*Pantagruel, rei dos Dipsodos*, XXXIV, 7), Montaigne (*Ensaio*, Livro I, XLVIII, 519), Shakespeare (*Muito barulho por nada*, II, 1), Molière (*Condessa de Escarbagnas*, I, 1), Scarron (*Romance cómico*, II, 9), etc.

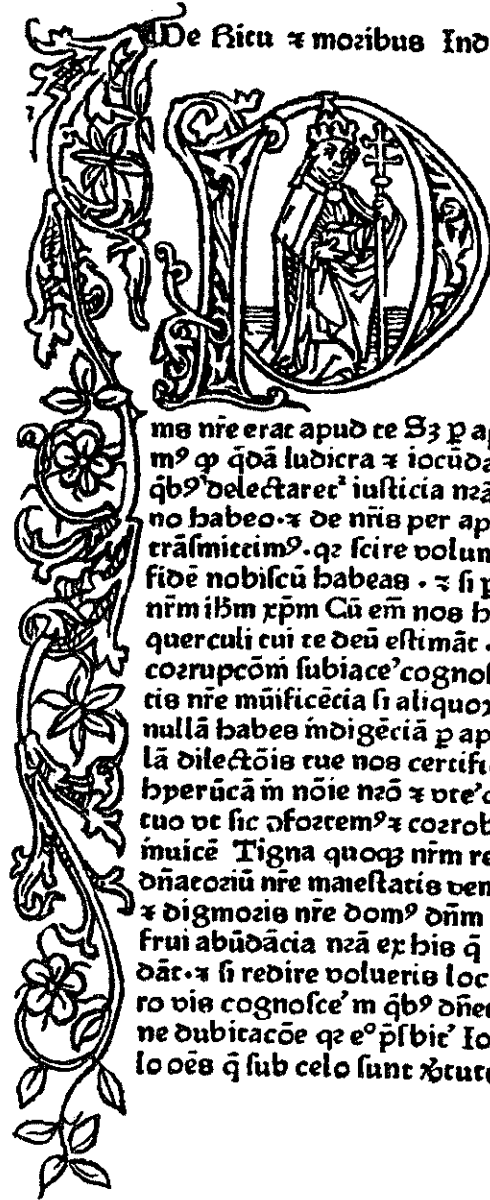
¹⁰ Slessarev afirma-o claramente: «há que ter presente que para os seus contemporâneos a Carta era uma mensagem autêntica de um soberano indiano» (Slessarev, 1959: 41); assim como, mais recentemente, Jean Delumeau: «Nunca, na Idade Média, foi posta em dúvida a autenticidade deste documento» (Delumeau, 1992:102).

¹¹ A lista é evidentemente extensa e está longe de ser exaustiva: a Ásia é descrita pelos franciscanos Plan Carpino, Monte Corvino, Ruybroeck, pelos dominicanos André de Longjumeau, Jordanus Cathala de Severac, por Marco Polo, Odoric de Pordenone, Jacques de Vitry, Giovanni Marignoli, etc.; a África oriental é, por sua vez, visitada e/ou descrita por Jordanus Cathala de Severac, por Francesco Suriano, Bertrandon de la Broquière, Niccolo Brancaleone, etc., e depois por Francisco Álvares, Damião de Gois, João Bermudez, pelo dominicano Luiz de Urreta e pelos missionários e

compiladores jesuítas Pero Pais, Manuel Barradas, Afonso Mendes, Manuel de Almeida, Jerónimo Lobo, Baltazar Teles, Alonzo de Sandoval, etc.

¹² Seja ao filho do rei Mazdaï, Visan, dos Actos de Tomé (Slessarev, 1959:88-92), ao rei sacerdote dos Kara-Khitai, Ye-Liu-Ta-Che (Helleiner, 1959:51-2, Gumilev, 1987:107-123), ao arceidiago cristão do Malabar, o Jatikku Karttavayan (Athappilly, 1978:21), ou ao Negusa Negast, o imperador sacerdote monofisita etíope (Yule, 1903,I:231-n. 4, II:432; Marinescu, 1923:101-112). Certos autores, como J. Richard, propõem-se ver na figura do Preste João um compósito de informações chegadas ao mundo ocidental sobre diversos soberanos: o rei da Geórgia, o Negus etíope, o mongol Ye-Liu-Ta-Che, etc. (Richard, 1955:225-232).

De Ritu et moribus Indorum



Respicer Iohānes potē
cia dei et virtute dñi nři
ihū xpī Rex regū et dñs
dñanciū amico suo Ema
nueli Rome governa
tozi salutē gaude' et grā
dirādi ad ulterioza trā
sire Nūciabat' apud ma
iestatē nrām q' dilige
bas vide' extellēciā no
strā et mencio altitudi
nis nře erat apud te Sz p' apocrifariū nřm cognoui
m' q' qdā ludicra et iocūda volebas nob' mittere
qb' delectaret' iusticia nrā. Et em si hō sum p' bo
no habeo et de nris per apocrifariū nřm aliq' tibi
trāsmittim'. qz scire volum' et desideram' si rectā
fidē nobiscū habeas et si p' omnia credas m dñm
nřm ihū xpī Cū em nos hōies esse cognoscamus
querculi cui te deū estimāt . cū te mortalē et hūmā
corrupcōm subiace' cognoscā' de dñueta largita
tis nře mūificēcia si aliquoz q' ad gaudia p'inent
nullā habes indigēciā p' apocrifariū tuū et p' cedu
lā dilectōis tue nos certifica et impetrab' Accipe
hperūcā m nōie nrō et vte' qz libent' vtim' lechito
tuo ut sic dfortem' et corroborem' vtrutes nrās ad
inūicē Tigna quoqz nřm respice et dñdera q' si ad
dñacoziū nře maiestatis venire volueris . maioris
et dignozis nře dom' dñm te dñsticuem' et potens
frui abūdācia nrā ex his q' ap' nos sunt et abun
dāt . et si redire volueris locupletat' redibis Si ve
ro vis cognosce' m qb' dñer' potēcia nrā crede si
ne dubitacōe qz e' p'f bic' Iohes dñs dñanciū p'cel
lo oēs q' sub celo sunt vtrute diuicije et potēcia.

ILUSTRAÇÕES

1. Frontispício do *La Gran Magnificencia del Prete Ianni Signore dell'India Maggiore e della Ethiopia* de Giuliano Dati (fim do século XV). Florença.
2. O Preste João como rei e sacerdote. Página inicial da primeira versão latina impressa da *Carta do Preste João* (cerca de 1480).
3. Cristo reinando sobre o universo. Página do *Liber Floridus* de Lambert de Saint Omer (Paris, 1260). Bibliothèque Nationale, Paris.
4. Populações asiáticas monstruosas. Versão espanhola impressa das *Viagens de John Mandeville* (cerca de 1500). Madrid, Biblioteca Nacional.
5. O Preste João como rei dos reis. Ilustração do *Wappenbuch* de Conrad Grünenberg (Constância, 1480). Bayerische Staatsbibliothek, München.
6. Cristo reinando sobre a ecúmena, no Extremo Oriente. *Mapa-mundo «Saltério»* (meados do século XIII). British Library, London.
7. Jerusalém como centro da ecúmena. Mapa de Jerusalém (meados do século XIII). Universitätsbibliothek, Upsalla.
8. Raças humanas monstruosas. Iluminura do *De Universo* de Raban Maur. Biblioteca Apostolica Vaticana, Vaticano.
9. Seres monstruosos orientais. Iluminura do Mestre de Boucicaut no *Libre des Merveilles* de Marco Polo. Bibliothèque Nationale, Paris.
10. Fauna maravilhosa do Oriente. Iluminura do Mestre de Boucicaut no *Libre des Merveilles* de Marco Polo. Bibliothèque Nationale, Paris.
11. Cinocéfalos indianos. Iluminura do Mestre de Boucicaut no *Libre des Merveilles* de Marco Polo. Bibliothèque Nationale, Paris.
12. A Ásia extremo-oriental. Pormenor do *Atlas Catalão* de Abraão Cresques (1375). Bibliothèque Nationale, Paris.
13. Dragão alado. Iluminura do *Ms. «Harley»* (fim do século XIII). British Library, London.
14. Salamandras venenosas e incombustíveis. Iluminura do *Bestiário de Oxford* (século XIII). Bodleian Library, Oxford.
15. A recolha da pimenta na Índia. Iluminura do Mestre de Boucicaut no *Libre des Merveilles* de Marco Polo. Bibliothèque Nationale, Paris.
16. Amazonas em combate. Iluminura da *Histoire Universelle* (meados do século XIII). Bibliothèque Municipale, Dijon.
17. A rainha das amazonas. Pormenor do *Atlas Catalão* de Abraão Cresques (1375). Bibliothèque Nationale, Paris.
18. O edifício social de uma ordem militar. Frontispício da *Bíblia da Casa de Alba* (cerca de 1430). Palacio de Liria, Madrid.
19. Elefante usado como montada por guerreiros indianos. Iluminura do *Bestiário de Oxford* (século XIII). Bodleian Library, Oxford.
20. Banho em grupo numa fonte termal. Iluminura do *De balneis puteolanis* (séculos XIII-XIV). Biblioteca Vaticelliana, Roma.
21. Cristo-rei identificado como a árvore da vida. Ilustração do *De Alchimia* 1526. Leyden (fotografia por A. Roob).
22. Representação da Divina Trindade, *Buch der Heiligen Dreifaltigkeit* (inícios do século XV). Bayerische Staatsbibliothek, München.

CARTA DO PRESTE JOÃO DAS ÍNDIAS

1 Presbiter Iohannes, potentia et virtute Dei et domini nostri Iesu
Christi [rex regum et] dominus dominantium, Emanueli, Romeon
gubernatori, salute gaudere et gratia ditandi ad ulteriora transire.
2 Nuntiabatur apud maiestatem nostram, quod diligebas excellentiam
nostram et mentio altitudinis nostrae erat apud te. Sed per apocrisi-
arium nostrum cognovimus, quod quaedam ludicra et iocunda vole-
3 bas nobis mittere, unde delectaretur iusticia nostra. Etenim si homo
sum, pro bono habeo, et de nostris per apocrisarium nostrum tibi
aliqua transmittimus, quia scire volumus et desideramus, si nobis-
cum rectam fidem habes et si per omnia credis in domino nostro
4 Iesu Christo. Cum enim hominem nos esse cognoscamus, te
Graeculi tui Deum esse existimant, cum te mortalem et humanae
5 corruptioni subiacere cognoscamus. De consueta largitatis nostrae
munificentia, si aliquorum, quae ad gaudia pertinent, habes indi-
gentiam, per apocrisarium nostrum et per scedulam dilectionis tuae
6 nos certifica et impetrabis. Accipe ierarcham in nomine nostro et
utere tibi, quia libenter utimur lechito tuo, ut sic confortemus et
corroboremus virtutem nostram ad invicem. Tigna quoque nostrum
7 rescipe et considera. Quodsi ad dominationem nostram venire volu-

O Preste João, [rei dos reis e] senhor dos senhores, pelo poder e 1
graça de Deus e de Nosso Senhor Jesus Cristo, a Manuel, regedor
de Roma, envia saudações e alegria, para alcançar maiores coisas.
Foi anunciado, junto de Nossa Majestade, que muito prezavas a 2
nossa excelência e que a menção da nossa grandeza chegara até ti.
Pelo nosso embaixador também nós tivemos conhecimento de que
tencionavas enviar-nos alguns objectos de divertimento com que a
nossa justiça se deleitasse. Sendo homem generoso, considerarei 3
bom enviar-te também pelo nosso embaixador alguns presentes pois
queremos e ansiamos por saber se professas connosco a verdadeira
fé e se crês sem falha em Nosso Senhor Jesus Cristo. Ora, sabendo 4
nós que tu és um homem, esses teus gregozitos pensam que és um
Deus, quando nós sabemos que estás sujeito à humana corrupção.
Pela costumada munificência da nossa liberalidade, se tens falta de 5
algumas coisas, que possam contribuir para a tua alegria, dá-no-las a
conhecer, quer pelo embaixador quer por cartas da tua prezada pes- 6
soa e obtê-las-ás. Aceita, pelo nosso nome, o colírio e usa-o em
teu proveito, já que em abundância o usamos também no jarro que
nos ofereceste para que assim, mutuamente, robusteçamos e aper-
feiçoemos as nossas forças. Contempla também e aprecia o nosso
diadema. Ora, se quiseses deslocar-te ao nosso reino, nós te atribui- 7

eris, maiorem et digniorem domus nostrae te constituemus, et poteris frui habundantia nostra, et ex his, quae apud nos habundant, si
8 redire volueris, locupletatus redibis. Memorare novissima tua et in
9 aeternum non peccabis. Si vero vis cognoscere magnitudinem et excellentiam nostrae celsitudinis et in quibus terris dominetur potentia nostra, intellige et sine dubitatione crede, quia ego, presbiter Iohannes, dominus sum dominantium et praecello in omnibus divitiis, quae sub caelo sunt, virtute et potentia omnes reges universae terrae. Septuaginta duo reges nobis tributarii sunt. Devotus sum
10 christianus, et ubique pauperes christianos, quos clementiae nostrae regit imperium, defendimus et elemosinis nostris sustentamus. In voto habemus visitare sepulchrum domini cum maximo exercitu, prout decet gloriam maiestatis nostrae humiliare et debellare inimicos crucis Christi et nomen eius benedictum exaltare.
12 In tribus Indiis dominatur magnificentia nostra, et transit terra nostra ab ulteriore India, in qua corpus sancti Thomae apostoli requiescit, per desertum et progreditur ad solis ortum, et redit per declivum in Babilonem desertam iuxta turrim Babel. Septuaginta duae provinciae serviunt nobis, quarum paucae sunt christianorum, et unaquaeque habet regem per se, qui omnes sunt nobis tributarii.
14 In terra nostra oriuntur et nutriuntur elephantes, dromedarii, cameli, ypotami, cocodrilli, methagallinarii, cametheternis, thinsiretae, pantherae, onagri, leones albi et rubei, ursi albi, merulae albae, cicades mutae, grifones, tigres, lamiae, hienae,

remos uma casa maior e mais esplêndida do que a nossa e, nela, poderás usufruir da nossa abundância; se desejares regressar, regressarás cumulado de todas aquelas coisas que no nosso reino temos em abundância. Lembra-te dos teus novíssimos e livrar-te-ás para
8 sempre do pecado. Mas se queres conhecer a grandeza e excelência
9 da nossa alteza e por que terras se estende o nosso poderio, entende e crê sem falha que eu, Preste João, sou o Senhor dos Senhores e me avanto a todos o reis da terra inteira, em todas as abundâncias que existem debaixo do céu, em força e em poder. Setenta e dois reis são nossos tributários. Somos um cristão devotado e, onde quer que
10 haja cristãos pobres, que o poder da Nossa Clemência governa, defendemo-los e sustentamo-los com as nossas esmolas. Desejamos
11 ardentemente visitar o sepulcro do Senhor com um grande exército, pois convém à glória da Nossa Majestade humilhar e desbaratar os inimigos da cruz de Cristo e exaltar o Seu nome bendito.
A Nossa Magnificência domina as três Índias; o nosso território
12 começa na Índia posterior, na qual repousa o corpo do apóstolo São Tomé, estende-se pelo deserto em direcção ao berço do sol, e desce até à deserta Babilónia, contígua à torre de Babel. Setenta e duas
13 províncias nos prestam vassalagem, das quais poucas são de cristãos e algumas têm reis próprios, os quais, todos eles, são nossos tributários. Na nossa terra nascem e crescem elefantes, dromedários, camelos, hipopótamos, crocodilos, metagalinários, cameteternos, tinsiretas, panteras, onagros, leões brancos e ruivos, ursos brancos, melros brancos, cigarras mudas, grifos, tigres, lâmias, hienas,

D a porci agrestes magni ut bubali, habentes dentes longos per cubi-
tum unum, canes magni agrestes magnitudine equorum, quo-
rum ferocitate omne genus ferarum superatur, quos nostri vena-
tores nescio qua arte, qua incantatione quove ingenio, dum
D b catuli sunt et in lecto matris, furantur et eos diligenter nutriunt
et humanizant. Postquam vero sunt magni et in venatione bene
D c docti, nostrae maiestati repraesentantur de quibus in nostra
venatione saepe mille et plures habemus. Oriuntur etiam in
terra nostra equi agrestes, asini agrestes, homines cornuti, boves
agrestes, homines agrestes, monoculi, homines habentes oculos
ante et retro, homines sine capite, habentes os et oculos in pec-
tore, quorum longitudo est XII pedum, latitudo VI; in colore
sunt similes auro purissimo; hominis habentes XII pedes, VI
D d brachia, XII manus, IIII capita, et in unoquoque habent duo
ora et tres oculos. Nascuntur etiam in terra nostra mulieres,
habentes corpora magna, barbas usque ad mammas, capita
plana, vestitae pellibus, venatrices optima, quae nutriunt ad
venacionem bestias pro canibus, leonem contra leonem, ursum
contra ursum, cervum contra cervum et sic de ceteris;

[boves agrestes], sagittarii, homines agrestes, [homines cornuti],
fauni, satiri et mulieres eiusdem generis, pigmei, cenocephali,
gygantes, quorum altitudo est quadraginta cubitorum, [monoculi],
cyclopes et avis, quae vocatur fenix, et fere omne genus animalium,
quae sub caelo sunt.

porcos selvagens, grandes como búfalos, com dentes do com- D a
primento de um côvado, grandes cães selvagens, do tamanho
de cavalos, cuja ferocidade ultrapassa a de quaisquer outras
feras, os quais os nossos caçadores, não sei por que arte, por que
encantamento ou artifício, enquanto são cachorros e estão no
ninho das mães, roubam, alimentam cuidadosamente e huma-
nizam. Mas depois de crescidos e industriados na caça, são apre- D b
sentados à Nossa Majestade e muitas vezes, nas nossas caçadas,
chegamos a ter vários milhares. Nascem também na nossa terra D c
cavalos e burros selvagens, homens de cornos, bois selvagens,
homens selvagens, monóculos, homens com olhos adiante e
atrás, homens sem cabeça, com a boca e os olhos no peito, cujo
comprimento é doze pés, e a largura seis; na cor, são semelhan-
tes ao ouro puríssimo; homens com doze pés e seis braços, doze
mãos, quatro cabeças, em cada uma das quais têm duas bocas e
três olhos. Nascem ainda na nossa terra mulheres com grandes D d
corpos, barbas até às mamas, cabeças rapadas, vestidas de peles,
ótimas caçadoras, que criam animais selvagens como cães para
a caça, leão contra leão, urso contra urso, cervo contra cervo e
assim todos os outros;

[bois selvagens] sagitários, homens selvagens, [homens com cor-
nos] faunos, sátiros e mulheres da mesma raça, pigmeus, cinocéfa-
los, gigantes, cuja altura é de quarenta côvados, [monóculos], ciclo-
pes e uma ave que chamam fénix e quase todo o género de animais
que existem debaixo do céu.

D e In quibusdam aliis provinciis nostris oriuntur formicae magnitudine catulorum, habentes VI pedes et alas quasi locustae marinae, et habent dentes infra os, quibus comedunt, maiores quam canes, et dentes extra os maiores quam silvestres apri, quibus perimunt tam homines quam celera animalia. Et illis peremptis stalim eos devorant. Non est siquidem mirum, sunt enim in cursu ita veloces, ut putares sine dubio volare, ideoque in illis provinciis non habitant homines nisi in tutis et munitissimis locis. Istaenamque formicae ab occasu solis usque ad terciam horam diei sunt sub terra et tota nocte fodiunt aurum purissimum et proferunt in lucem. A tercio vero hora diei usque ad occasum solis sunt super terram et tunc comedunt. Deinde intrant sub terram ad fodiendum aurum. Et sic faciunt per singulos dies. In nocte namque descendunt homines de municionibus suis et colligunt aurum, quod elephantis, ypothamis, camelis, camethurnis et aliis bestiis magnis corpore et potentibus virtute imponunt et deferunt omni die ad aeraria nostra. In nocte laborant, arant, seminant, metunt, vadunt et veniunt, et faciunt quaecunque volunt, in die vero nullus audent apparere, donec formicae sunt super terram, et hoc fortitudine et ferocitate ipsarum formicarum.

D f

D g

D h

C 15 Habemus alias gentes, quae solummodo vescuntur carnibus tam hominum quam brutorum animalium et abortivorum, quae nunquam timent mori. Et cum ex his aliquis moritur, tam

Em algumas outras províncias nossas crescem formigas com as dimensões de cachorros, com seis pés e asas, à maneira de lagostas marinhas; têm dentes dentro da boca, com os quais comem, maiores do que os dos cães e dentes fora da boca maiores do que os dos javalis bravos, com os quais capturam quer homens quer outros animais. Uma vez capturados, imediatamente os devoram. E, o que é mais espantoso, são tão velozes na corrida que se julgaria, sem duvidar, que voam e, por tudo isso, nessas províncias não habitam homens, senão em lugares muito seguros e fortificados. Com efeito, essas formigas permanecem debaixo da terra desde o pôr-do-sol até à hora de terça do dia e durante toda a noite extraem ouro puríssimo e trazem-no para a luz. Mas, desde a hora de terça até ao pôr-do-sol mantêm-se à superfície da terra e alimentam-se. Depois, entram debaixo da terra para extraírem ouro. E assim procedem todos os dias. Quando anoitece, os homens descem das suas fortificações e recolhem o ouro que carregam em elefantes, hipopótamos, camelos, quimeras e outros animais de grande porte e força e transportam-no, durante todo o dia para os nossos erários. De noite, trabalham, lavram, semeiam, colhem, vão e vêm e fazem tudo aquilo que querem, pois durante o dia ninguém ousa mostrar-se, enquanto as formigas se encontram à superfície da terra e isto pela força e ferocidade dessas mesmas formigas.

D e

D f

D g

D h

Temos outros povos que somente se alimentam de carnes, quer de homens, quer de animais brutos e disformes, os quais não temem a morte. E quando algum de entre eles morre, tanto os

parentes eius quam extranei avidissime comedunt eum, dicentes: «Sacratissimum est humanam carnem manducare».

C 16 Nomina quarum sunt haec: Gog et Magog, Amic, Agic, Arenar, Defar, Fontineperi, Conei, Samantae, Agrimandi, Salterei,

C 17 Armei, Anofragei, Annicefelei, Tasbei, Alanei. Ista nempet et alias multas generationes Alexander puer magnus, rex Macedonum, conclusit inter altissimos montes in partibus aquilonis. Quas cum volumus ducimus super inimicos nostros et data eis licentia a maiestate nostra, quod eos devorent, continuo nullus hominum, nullum animalium remanet, quin statim devoretur. Inimicis namque devoratis, reducimus eas ad propria loca. Et ideo reducimus, quia, si absque nobis revertentur, omnes homines et universa animalia, quae invenirent,

C 18 penitus devorarent. [Istae quidem pessimae generationes ante consummationem saeculi tempore Antichristi egredientur a quatuor partibus terrae et circuibunt universa castra sanctorum et civitatem magnam Romam, quam proposuimus dare filio nostro, qui primo nascetur nobis, cum universa Italia et tota Germania et utraque Gallia, cum Anglia, Britannia et Scotia; dabimus ei Hispaniam et totam terram usque ad mare coagulatam. Nec mirum, quia numerus earum est sicut arena, quae est in litore maris, quibus certe nulla gens, nullum regnum resistere poterit.] Hac vero generationes, sicut quidam propheta prophetavit, propter suas abominationes non erunt in iudicio, sed deus mittet super eas ignem de caelo, et ita consummabit eas, quod nec etiam cinis ex eis remanebit.

C 20

parentes como os estranhos o comem com muita avidez, dizendo: «Sacratíssimo é comer carne humana.» Os nomes deles são estes: Gog e Magog, Amic, Agic, Arenar, Defar, Fontineperi, Conei, Samantae, Agrimandi, Salterei, Armei, Anofragei, Annicefelei, Tasbei, Alanei. A esses e a muitos outros povos, o jovem Alexandre Magno, rei dos Macedónios, enclausurou, entre altíssimos montes, para o lado do Aquilão. A esses, quando queremos, conduzimos contra os nossos inimigos, e é-lhes permitido pela Nossa Majestade devorá-los, não restando nenhum homem, nenhum animal que, imediatamente, não seja devorado. Uma vez devorados os inimigos, reconduzimo-los aos seus lugares de origem. E reconduzimo-los, porque, se daí voltassem para junto de nós, todos os homens e todos os animais que encontrassem os devorariam. [Estas nações abomináveis sairão das quatro partes da terra antes da consumação do século no tempo do Anticristo e cercarão todos os castelos dos santos e a grande cidade de Roma que nos propusemos dar ao nosso filho, com toda a Itália e toda a Germânia e ambas as Gálias, a Inglaterra, a Bretanha e a Escócia: Dar-lhe-emos a Espanha e toda a terra que se estende até ao mar coalhado. E não nos admiremos porque o seu número é como a areia que está nas praias do mar, e a essas nações nenhuma raça, nenhum reino, poderá certamente resistir.] Estas nações, como efectivamente o profeta profetizou, não se apresentarão a juízo, devido às suas abominações, mas Deus lançará sobre elas o fogo do céu, de tal maneira que serão consumidas e delas não restarão nem sequer as cinzas.

C 16

C 17

C 18

C 19

C 20

21 Terra nostra melle fluit lacte habundat. In aliqua terra nostra
nulla venena nocent nec garrula rana coaxat,
scorpio nullus ibi, nec serpens serpit in herba.

Venenata animalia non possunt habitare in eo loco nec aliquos lae-
22 dere. Inter paganos per quandam provinciam nostram transit flu-
vius, qui vocatur Ydonus. Fluvius iste de paradiso progrediens
expandit sinus suos per universam provinciam illam diversis meati-
bus, et ibi inveniuntur naturales lapides, smaragdi, saphiri, carbun-
culi, topazii, crisoliti, onichini, berilli, ametisti, sardii et plures pre-
23 ciosi lapides. Ibidem nascitur herba, quae vocatur assidios, cuius
radicem si quis super se portaverit, spiritum immundum effugat et
cogit eum dicere, quis sit et unde sit et nomen eius. Quare immundi
24 spiritus in terra illa neminem audent invadere. In alia quadam pro-
vincia nostra universum piper nascitur et colligitur, quod in fru-
25 mentum et in annonam et corium et pannos commutatur. Est
autem terra illa nemorosa ad modum salicti, plena per omnia ser-
pentibus,

D qui sunt magni et habent duo capita et cornua velut arietes et
oculos, qui lucent velud lucerna

Sed cum piper maturescit, accenduntur nemora et serpentes fugien-
tes intrans cavernas suas, et tunc excutitur piper de arbusculis et
desiccatum coquitur, sed qualiter coquatur, nullus extraneus scire
permittitur.

A 25 *Sed cum piper maturescit, veniunt universi populi de proxi-
mis regionibus, secum ferentes paleas, stipulas et ligna aridis-*

A nossa terra escorre mel e abunda em leite. Em nenhuma terra 21
nossa

os venenos são nocivos nem coxa a rã palradora,
não existe o escorpião nem a cobra serpenteia na erva.

Os animais venenosos não podem habitar neste lugar nem aqui cau-
sar qualquer dano. Através de uma província nossa, onde vivem os 22
pagãos, corre um rio chamado Idono. Esse rio, saindo do paraíso,
estende o seu curso por toda aquela província em diversos meandros
e aí são encontradas pedras naturais, esmeraldas, safiras, carbúncu-
los, topázios, crisólitos, ónices, berilos, ametistas, sardas e muitas
pedras preciosas. Aí nasce uma erva chamada assídio, cuja raiz, se 23
alguém a trazer consigo, afugenta o espírito imundo e, obriga-o a
dizer quem é, de onde é e que nome tem. Por isso, naquela terra, os
espíritos imundos não ousam apoderar-se de ninguém. Em outra 24
província nossa nasce e colhe-se toda a pimenta que é trocada por
trigo, provisões, couro e panos. Essa terra, porém, é cheia de flores- 25
tas, principalmente de salgueiros, e repleta de serpentes

que são grandes e têm duas cabeças e cornos, como os carnei- D
ros, e olhos que brilham como lanternas.

Quando a pimenta amadurece, incendeiam-se os bosques e as ser-
pentes, fugindo, refugiam-se nas suas cavernas e assim a pimenta é
arrancada dos arbustos e seca,

*Quando a pimenta amadurece, vêm todos os povos das re- A 25
giões próximas, trazendo consigo caniços, e lenha muito seca*

sima, quibus cingunt totum nemus undique, et cum ventus flaverit vehementer, ponunt ignem infra nemus et extra, ne aliquis serpens extra nemus possit exire, et sic omnes serpentes in igne fortiter accenso moriuntur praeter illos, qui suas intrant cavernas. Ecce consumpto igne viri et mulieres, parvi et magni, portantes furcas in manibus, intrant nemus et omnes serpentes assos furcis extra nemus proiciunt et ex eis densissimos acervos componunt, [veluti in area fit paleis granis excussis.]

A 26

Di quos quidem Indi sapientes cum quibusdam salutiferis herbis bene siccis subtiliter in molendino farinizant. Quae siquidem farina super omnes medicinas valet non valentibus generare, etiam mulieribus non valentibus concipere, et, ut generaliter et breviter loquar, valet ad omnes infirmitates [si secundum modum uniuscuiusque infirmitatis fuerit apposita vel recepta.]

A Sic siccatur piper et de arbusculis combustis colligitur et coquitur,

Sed qualiter coquatur, nullus extraneus scire permittitur.

27 Quod nemus situm est ad radicem montis Olympi, unde fons perspicuus oritur, omnium in se specierum saporem retinens. Variatur autem sapor per singulas horas diei et noctis, et progreditur itinere dierum trium non longe a paradyso, unde Adam fuit expulsus.

28 Si quis de fonte illo ter ieiunus gustaverit, nullum ex illa die infir-

com que cercam o bosque, por todos os lados, e, quando o vento sopra com força, ateam fogo ao bosque, dentro e fora, para que nenhuma serpente possa sair do bosque e assim todas as serpentes morrem no fogo fortemente ateado, excepto as que se refugiaram nas cavernas. Uma vez extinto o fogo, homens e A 26 mulheres, pequenos e grandes, trazendo forcados nas mãos, entram no bosque e, com os forcados, lançam para fora do bosque as serpentes queimadas e com elas formam enormes montões, [como na eira se faz com a palha separada do grão,]

as quais alguns sábios índios, misturando-lhes algumas ervas Di medicinais bem secas, no moinho as moem finamente como farinha. Na verdade, essa farinha vale mais do que todas as outras mezinhas, quer na geração dos homens quer na concepção das mulheres e, para dizer tudo em poucas palavras, ajuda em todas as enfermidades [se for aplicada ou ingerida de acordo com cada uma das enfermidades.]

Assim é seca a pimenta e colhida dos arbustos queimados e A sazoadada,

mas de que modo ela é seca, a nenhum estrangeiro é permitido sabê-lo. Ora, este bosque fica situado no sopé do monte Olimpo, de onde nasce uma clara fonte que conserva em si o sabor de todas as especiarias. De facto, varia o seu sabor em cada hora do dia e da noite e espalha-se a uma distância de três dias, não longe do Paraíso de onde Adão foi expulso. Se alguém beber em jejum três vezes dessa fonte, 28

mitatem patietur, semperque erit quasi in aetate XXX duorum
29 annorum, quamdiu vixerit. Ibi sunt lapilli, qui vocantur midriosi,
quos frequenter ad partes nostras deportare solent aquilae, per quos
30 reiuvenescunt et lumen recuperant. Si quis illum in digito portave-
rit, ei lumen non deficit, et si est imminutum, restituitur et cum
plus inspicitur, magis lumen acuitur. Legitimo carmine consecratus
hominem reddit invisibilem, fugat odia, concordiam parat, pellit
invidiam.

- E 1 In extremis mundi partibus versus meridiem habemus quan-
dam insulam magdam et inhabitabilem, in qua dominus omni
tempore bis in septimana copiosissime pluit manna, quod a
populis circumhabitantibus colligitur atque comeditur, nec alio
cibo rescuntur. Non enim arant, seminant, metunt, nec aliquo
modo conmorent terram ad uberrimum fructum percipiendum
ex ea. Sapit hoc namque manna in ore ipsorum quemadmo-
E 2 dum sapiebat in ore filiorum Irahel in exitu de Egypto. Isti
siquidem non connoscunt mulieres nisi suas uxores. Non
habent invidiam neque odium, pacifice vivunt, non litigant
inter se pro suo; super se non habent maiorem nisi quem mise-
rimus pro tributo nostro recipiendo. Solvunt namque pro tri-
buto singulis annis maiestati nostrae L elephantes et totidem
ypotamos, et ipsos honeratos [purissimo balsamo, et totidem
honeratos] lapidibus preciosis et obrizo auro. Habundant certe
homines terrae illius lapidibus preciosis fulvissimoque auro.

a partir desse dia nunca mais sofrerá de qualquer doença e será sem-
pre, enquanto viver, como se tivesse trinta e dois anos de idade. Aí 29
há umas pequenas pedras a que chamam «midriosos» que frequen-
tamente as águias costumam transportar para as nossas terras, com
as quais rejuvenescem e recuperam a vista. Se alguém usar uma des- 30
sas pedras no dedo, nunca lhe faltará a vista e, se está ameaçado
disso, a recobrará e quanto mais a contemplar, mais se lhe aguçará a
vista. Consagrada por uma bênção legítima, torna o homem invisí-
vel, afugenta os ódios, proporciona a concórdia e afasta a inveja.

Nos confins do mundo, contra o sul, possuímos uma ilha E 1
grande e inabitada, à qual o Senhor sempre envia copiosíssimas
chuvas de maná duas vezes por semana, o qual os povos cir-
cunvizinhos recolhem e comem, não se alimentando de mais
nada. Não lavram, não semeiam nem colhem nem de qualquer
outro modo trabalham a terra para dela colherem tão abun-
dante fruto. Com efeito, este maná tem, na boca deles, o
mesmo paladar que tinha na boca dos filhos de Israel no seu
êxodo do Egipto. Estes povos não têm comércio com mulhe- E 2
res, excepto com as próprias esposas. Não conhecem a inveja
nem o ódio, vivem pacificamente, e não têm litígios entre si por
haveres; acima deles não têm ninguém maior, a não ser aquele
que enviamos para receber o nosso tributo. Pagam, com efeito,
todos os anos, como tributo à Nossa Majestade, cinquenta ele-
fantes, e outros tantos hipopótamos, todos eles carregados de
[puríssimo bálsamo e igualmente de] pedras preciosas e acriso-
lado ouro. Certo é que os homens dessa terra abundam em

E 3 Isti homines, qui sic caelesti pane virunt, omnes vivunt quin-
gentis annis Verumtamen in capite C annorum reiuvenescunt
et renovantur omnes bibendo ter de quodam fonte, qui egredi-
tur ad radicem cuiusdam arboris illo stantis, videlicet in prae-
dicta insula. Et aqua ter sumpta seu bibita, ut ita dicam senec-
tutem C annorum ita abiciunt et ea ita denudantur, ub sine
hesitatione videantur esse in aetate XXX vel XL annorum et
E 4 toto mutantur. Porro finitis D annis moriuntur et, ut est con-
suetudo gentis illius, non sepelliuntur set deferuntur ad prae-
nominatam insulam et ad arbores illo stantes eriguntur, folia
quorum nullo tempore decidunt et sunt densissima. Umbra
quorum foliorum gratissima et earum arborum fructus odore
suavissimo. Caro illorum mortuorum non pallescit, non putres-
cit, non umescit, non cinerescit seu pulverescit, sed sicut vivens
erat recens et colorata, sic permanebit usque ad Antichristi tem-
E 5 pora illaesa, sicut quidam propheta prophetavit. Temporibus
vero Antichristi, ut sermo divinus impleatur, qui dictus est ad
Adam: terra es et in terram reverteris, tunc quidem aperietur
per se terra profundissime, nullo eam fodiente, et sic absorbebit
eos terra. Et illis absorbtis claudetur terra, sicut prius erat, et ita
caro illorum sub terra fiet terra, et inde resurgent et venient ad
iudicium iudicandi aut iudicaturi.
E 6 Est etiam versus septentrionem in ea parte, in qua mundus fini-
tur, quidam noster locus, qui dicitur caverna draconum Longe

pedras preciosas e fulvo ouro. Todos estes homens, que vivem E 3
do pão celeste, vivem quinhentos anos. E, todavia, ao atingir os
cem anos, rejuvenescem e renovam-se bebendo todos três vezes
de uma certa fonte que brota junto da raiz de uma árvore que se
ergue na mencionada ilha. E, bebida ou absorvida essa água três
vezes, eu afirmarei que se despojam da velhice de cem anos e,
desnudando-se, aparentam, sem hesitação, a idade de trinta ou
trinta e cinco anos, não mais. E assim, sempre, todos os cem
anos rejuvenescem e de todo se transformam. Terminados os E 4
quinhentos anos, morrem e, segundo o costume dessa nação,
não são sepultados mas levados para a sobredita ilha e são infi-
xados junto das árvores que aí se encontram, cujas folhas jamais
caem e são duríssimas. A sombra dessas folhas é agradabilíssima
e os frutos dessas árvores de suavíssimo odor. A carne desses
mortos não empalidece nem apodrece, não se liquefaz nem se
desfaz em cinzas ou se pulveriza mas, assim como em vida era
fresca e rosada, assim permanecerá até que cheguem os tempos E 5
do Anticristo, tal como o profeta profetizou. Mas, nos tempos
do Anticristo, para que se cumpra a palavra de Deus a Adão:
«Terra és e em terra te tornarás», então se abrirá por si própria a
terra em profundíssimo abismo, sem que ninguém o tenha
escavado, e assim a terra os engolirá. E, uma vez engolidos, a
terra fechar-se-á, tornando ao que era, e assim a carne deles sob
a terra tornar-se-á terra e ressurgirão depois e serão chamados a
juízo, para serem julgados e julgarem.
Existe também, em direcção ao Setentrião, naquela parte em E 6
que o mundo acaba, um certo lugar que nos pertence, que é

E 7

lateque nimia difficultate et asperitate asperrimus atque difficilis, profundissima profunditate profundissimus est et multum cavernosus seu latebrosus. In quo quidem loco sunt infinita milia draconum terribilium, quos incolae illarum provinciarum circumstantium cum maxima diligencia custodiunt ne aliqui Indorum incantatores vel aliunde venientes quemquam illorum draconum queant furari. Solent namque principes Indorum in nuptiis et in aliis conviviis suis dracones habere et sine draconibus non putant plenum convivium habere. Et sicut pastores armentorum et iumentorum pullos equorum solent humiliare et humanizare, docere atque domare, ac propriis nominibus eos vocare, frenum et sellam eis imponere et quocunque volunt equitare, sic et isti homines, qui habent custodiam et disciplinam draconum, praepositi draconum, suis incantacionibus et veneficiis eosdem dracones humiliant, humanizant, docent atque perdomant et propriis nominibus eos vocant, frenum et sellam eis imponunt et, quando et quocunque volunt, equitant.

E 7a Isti populi draconum singulis annis magnificentiae nostrae solvunt pro tributo C homines, magistros draconum, et C dracones ita humanizatos, quod sunt inter homines velut oves, et cum hominibus, caput et caudam hinc et illinc deducendo, admirabiliter ludunt, sicut canes. Isti nempe homines cum draconibus sunt nostri cursores, quos, cum nostrae placet clemenciae, cum ipsis draconibus per aera volantes mittimus per universa climata mundi, scire volentes undique universa nova.

chamado a caverna dos dragões. Em toda a extensão, em comprimento e largura, em enorme dificuldade e aspereza, profundíssima em profundíssima profundidade, é muito cavernosa e obscura. Neste lugar, na verdade, existem infinitos milhares de terríveis dragões, os quais os habitantes das províncias circunvizinhas guardam com a maior diligência para que nenhuns encantadores dos índios ou provenientes de qualquer outro lugar tentem roubar esses dragões. Com efeito, costumam os príncipes dos índios, em suas bodas e outras festas, ter dragões, e sem dragões consideram que a festa não teve esplendor. E tal como os pastores costumam domar e domesticar as crias de cavalos dos seus rebanhos de éguas, ensiná-las e adestrá-las e chamá-las com nomes próprios, impor-lhes freio e sela e cavalgá-las sempre que queiram, do mesmo modo esses homens que têm a guarda e adestramento desses dragões, domam-nos, domesticam-nos, põem-lhes freio e sela e, quando e onde querem, cavalgam-nos. Esses povos dos dragões pagam todos os anos à Nossa Magnificência, como tributo, cem homens, domadores de dragões e cem dragões já tão domesticados que são como ovelhas e, sacudindo a cabeça e a cauda para um e outro lado, brincam com os homens como se fossem cães. Com efeito, esses homens dos dragões são os nossos emissários, os quais, quando apraz à nossa clemência, enviamos, com esses dragões voando pelos ares por todos os céus do mundo, para obter informações acerca de todas as novidades da terra.

E 7

E 7a

31 Inter cetera, quae mirabiliter in terra nostra contingunt, est harenosum mare sine aqua. Harena enim movetur et tumescit in undas ad similitudinem omnis maris et nunquam est tranquillum. Hoc mare nere navigio neque alio modo transiri potest, et ideo cuiusmodi terra ultra sit sciri non potest. Et quamvis omnino careat aqua, inveniuntur tamen iuxta ripam a nostra parte diversa genera piscium ad
32 comedendum gratissima et sapidissima, alibi nunquam visa. Tribus dietis longe ab hoc mari sunt montes quidam, ex quibus descendit fluvius lapidum eodem modo sine aqua, et fluit per terram nostram
33 usque ad mare harenosum. Tribus diebus in septimana fluit et labuntur parvi et magni lapides et trahunt secum ligna usque ad mare harenosum, et postquam mare intraverit fluvius, lapides et ligna evanescent nec ultra apparent. Nec quamdiu fluit, aliquis eum transire potest. Aliis quatuor diebus patet transitus.

- C 34 Est etiam inter mare harenosum et inter praedictos montes in planicie lapis admirandae virtutis, vim in se habens fere incredibilis medicinae. Curat enim tantum christianos vel id fleri cupientes, a quacumque detineantur infirmitate, hoc modo.
- C 35 Est lapis quidam cavus ad modum conchae aeneae, in quo semper est aqua in altitudine quatuor digitorum, et custoditur semper a duobus senibus, reverendae sanctitatis viris. Illi primo
C 36 interrogant venientes, si Christiani sint vel fieri velint, deinde, si sanitatem toto corde desiderent. Quod quum fuerint professi, vestibus propriis exuti, intrant concham. Et si vera professi

Entre outras coisas maravilhosas que cabem em sorte à nossa terra, 31
está o mar arenoso, sem água. Com efeito, a areia encapela-se e avo-
luma-se em ondas à semelhança do mar que nunca está tranquilo. Este mar não pode ser atravessado em navios nem de qualquer outro
modo. E embora esteja totalmente privado de água, todavia, encon-
tram-se, perto da margem, do nosso lado, diversas espécies de pei-
xes, agradabilíssimos para comer e saborosíssimos, nunca vistos nou-
tras paragens. A três dias de distância deste mar existem uns montes 32
dos quais desce um rio de pedras, de igual modo sem água, e que
corre, através da nossa terra, para o mar arenoso. Três dias por 33
semana corre e ficam pedras grandes e pequenas que trazem consigo
madeiros até ao mar arenoso e depois que o rio entra no mar, as
pedras e os madeiros desaparecem e nunca mais se vêem. E quando
não corre, então pode ser atravessado. Durante quatro dias a passa-
gem é possível.

- Existe também na planície, entre o mar arenoso e os sobreditos C 34
montes, uma pedra com admirável virtude, tendo em si um
poder curativo quase incrível. Com efeito, cura somente os cris-
tãos que o desejam, atacados de qualquer doença, do modo
seguinte: A rocha é côncava à maneira de concha de bronze e C 35
nela há sempre água da altura de quatro dedos e está sempre à
guarda de dois velhos, homens de venerável santidade. Esses C 36
homens perguntam primeiro aos que chegam se são cristãos e
se querem ser curados, e, em seguida, se desejam, de todo o
coração, a saúde. Quando estes confirmam tal, entram na gruta
revestidos com as vestes próprias. E se afirmaram coisas verda-

sunt, aqua incipit crescere et adeo crescit, quod cooperit ita eum totum, quod super caput eius ascendit. Idque tercio facit.

C 37 Deinde paulatim decrescit et redit ad cottidianam mensuram. Et sic qui intraverat ascendit de aqua sanus factus a lepra vel a quacumque detinebatur infirmitate.

38 Iuxta desertum inter montes inhabitabiles sub terra fluit rivulus quidam, ad quem non patet aditus nisi ex fortuito casu. Aperitur enim aliquando terra et si quis inde transit tunc potest intrare et sub velocitate exire, ne forte terra claudatur. Et quicquid de harena rapit, lapides preciosi sunt et gemmae preciosae, quia harena et sabulum

39 nihil sunt nisi lapides preciosi et gemmae preciosae. Et rivulus iste fluit in aliud flumen amplioris magnitudinis, in quod homines terrae nostrae intrant et maximam habundantiam preciosorum lapidum inde trahunt: nec audent illos vendere, nisi prius excellentiae nostrae ipsos demonstrant. Et si eos in thesauro nostro vel ad usum potentiae nostrae retinere volumus data medietate precii accipimus; 40 sin autem, libere eos vendere possunt. Nutriuntur autem in terra illa pueri in aqua, ita ut propter inveniendos lapides aliquando tribus vel quatuor mensibus sub aqua tantum vivant.

41 Ultra fluvium vero lapidum sunt x tribus Iudaeorum, qui quamvis fingant sibi reges, servi tamen nostri sunt et tributarii excellentiae nostrae.

42 In alia quadam provincia iuxta torridam zonam sunt vermes, qui lingua nostra dicuntur salamandrae. Isti vermes non possunt vivere

deiras, a água começa a subir de tal maneira que os cobre completamente e lhes sobe acima da cabeça. Três vezes se faz o mesmo. Depois, vai decrescendo e regressa à habitual medida. E assim, quem aí, entrou sai da água sarado da lepra ou de qualquer enfermidade que o tivesse atacado. C 37

Contíguo ao deserto, entre os montes inabitáveis, corre sob a terra 38 um ribeiro para o qual não se encontra passagem, a não ser por um acaso. Com efeito, a terra abre-se de quando em quando e, se alguém nesse momento atravessa, pode entrar e sair a grande pressa, não vá, por acaso, a terra fechar-se. E o que se apanha da areia são pedras preciosas e gemas preciosas, porque a areia e o saibro não são 39 aí senão pedras preciosas e gemas preciosas. E esse ribeiro corre para outro rio de maior grandeza no qual os homens da nossa terra entram e daí trazem a maior abundância de pedras preciosas; não ousam, porém, vendê-las sem primeiro as mostrarem à Nossa Excelência. E se nós quisermos ficar com elas para o nosso tesouro ou para uso do nosso poderio, recebemo-las por metade do preço; se não, eles podem livremente vendê-las. Nessa terra são tam- 40 bém criados meninos na água, de tal modo que para que possam achar as pedras, por vezes vivem três ou quatro meses debaixo de água.

Para lá do rio das pedras, porém, estão dez tribos de Judeus que, 41 ainda que tenham reis fictícios, são, todavia, nossos vassallos e tributários da nossa excelência.

Em outra província, junto da zona tórrida, existem uns vermes que 42 na nossa língua se chamam salamandras. Esses vermes não podem

nisi in igne, et faciunt pelliculam quandam circa se, sicut alii ver-
43 mes, qui faciunt sericum. Haec pellicula a dominabus palatii nostri
studiose operatur, et inde habemus vestes et pannos ad omnem
usum excellentiae nostrae. Isti panni non nisi in igne fortiter accenso
lavantur.

44 In auro et argento et lapidibus preciosis, elephantibus, dromedariis,
45 camelis et canibus habundat serenitas nostra. Omnes extraneos hos-
pites et peregrinos recipit mansuetudo nostra. Nullus pauper est
46 inter nos. Fur nec praedo invenitur apud nos, nec adulator habet ibi
locum neque avaricia. Nulla divisio est apud nos. Homines nostri
habundant in omnibus divitiis. Equos paucos habemus et viles.
Neminem nobis habere credimus parem in divitiis nec in numero
gentium.

- E 8 Praeterea inter cetera mirabilia nostrae terrae, quae hominibus
videntur nimis incredibilia, habemus V lapides incredibiliter vir-
E 9 tuosos magnitudine avellanae. Primi quorum natura talis est,
quod tam in jeme quam in aestate, si sub divo ponatur, undique
circa se ad X miliaria tam magnum et ita asperissimum frigus facit
quod nullus siquidem hominum nullumque animalium per
dimidiam dietam possit pati, quin statim constipetur et moria-
E 10 tur. Secundi lapidis natura est talis, quod similiter tam in ieme
quam in aestate, si sub caelo ponitur, tam magnum et ita ferven-
tissimum calorem facit, quod nulla vivens creatura per dimidiam
dietam posset pati, quin, velut stupa in camino ignis ardentis
E 11 conburitur, penitus conburatur ac in cinere resolvatur. Tercius

viver senão no fogo e produzem uma película em volta de si, tal
como os outros vermes que fabricam a seda. Esta película é cuida- 43
dosamente trabalhada pelas damas do nosso palácio e dela obtemos
vestes e panos para todos os usos da Nossa Excelência. Esses panos
não são lavados senão no fogo fortemente aceso.

A Nossa Serenidade tem abundância de ouro, prata e pedras precio- 44
sas, elefantes, dromedários, camelos e cães. A Nossa Mansidão aco- 45
lhe todos os hóspedes estrangeiros e peregrinos. Entre nós não exis-
tem pobres. Não existe entre nós nem roubo nem rapina, nem o 46
adulador ou o avaro têm aqui lugar. Não há disputas entre nós. Os
nossos homens abundam em todas as riquezas. Temos poucos cava-
los e de pouca qualidade. Julgamos que não há ninguém que nos
iguale em riquezas ou em número de povos.

Além das outras maravilhas da nossa terra, as quais parecem E 8
completamente incríveis aos homens, possuímos cinco pedras
incrivelmente poderosas, do tamanho de avelãs. A natureza da E 9
primeira é tal, que, tanto no Inverno como no Verão, se a colo-
camos ao relento, ela irradia um frio tão intenso em dez milhas
ao redor de si que, na verdade, nenhum homem nem nenhum
animal o pode suportar pelo espaço de meio dia, que imediata-
mente não se resfrie e morra. A natureza da segunda pedra é tal, E 10
que, igualmente, tanto no Inverno como no Verão, se a coloca-
mos ao sol, produz um tão grande e ardentíssimo calor, que
nenhuma criatura vivente o pode suportar pelo espaço de meio
dia, que, tal como a estopa arde no meio do fogo ardente, não
se queime completamente e fique reduzida a cinzas. A terceira E 11

lapis est medius inter utrumque. Qui non est frigidus neque
calidus sed est frigidus et calidus; in utroque ita est contempe-
ratus, quod huius et huius intemperiem ita modificat, quod
E 12 eorum asperitas in nullo quidquam potest nocere. Quartus lapis
talis est, quod, si in media nocte in magnis tenebris sub caelo
ponitur, circa se ad decem miliaria tam magnum lumen et splen-
dorem facit, quod nihil tam subtile tam exiguum potest cogitari,
quin quisque tamquam in media die, sole lucidissime lucente,
E 13 clarissime posset intueri. Quintus vero talis est, quod, si in
media die, fervescente sole, ponitur sub caelo, undique circa se
similiter ad X miliaria talem facit cum tenebris obscuritatem,
quod nullus siquidem mortalium potest aliquid videre, nec
E 14 etiam potest ubi sit scire vel cogitare. Isti namque lapides, ut
dictum est, si sub caelo fuerint positi, praedictas habent virtu-
tes, si vero fuerint absconsi, nec istas virtutes habent nec alias,
immo ila deformes sunt, quod nichil penitus valere videntur.
E 15 Alios V lapides habemus, III quorum sunt consecrati et II incon-
E 16 secrati. Primus istorum duorum naturaliter talis est virtutis,
quod, si ponatur in vas plenum aqua, statim ex ipsa aqua fit lac
albissimum, ad comedendum atque ad bibendum dulcissimum
ac suavissimum, de nullo siquidem animali eo melius et suavius.
Si vero ex ipsa aqua lapis iste astrahatur, remanet utrumque quod
E 17 erat. Natura secundi lapidis talis est, quod similiter, si in vas ple-
num aqua ponatur, illico ex ipsa aqua fit vinum meracissimum,
multum redolens et ad bibendum certe valde gratissimum.

pedra está no meio, entre as outras duas. Não é fria nem quente,
mas é fria e quente; em ambas as situações é temperada para
modificar esta ou aquela intempérie cuja violência não poderá
assim prejudicar ninguém. A quarta pedra é tal que, se a meio
E 12 da noite, em grandes trevas, é colocada ao relento, ao seu redor,
irradia uma tão grande luz e esplendor num circuito de dez
milhas, que nada de tão subtil ou tão exíguo pode ser imagi-
nado que não possa ser visto, como ao meio dia, com o sol bri-
lhante luzindo. Mas a quinta pedra é tal que, se, ao meio dia,
E 13 com sol ardente, é colocada ao ar livre, de modo semelhante,
dez milhas ao seu redor produz trevas obscuras, de modo que
nenhum mortal pode enxergar o que quer que seja, nem pode
também saber ou calcular onde se encontra. Como ficou dito,
E 14 estas pedras, se são colocadas ao ar livre, têm as virtudes sobre-
ditas, mas se estiverem escondidas, não têm estas nem outras
virtudes; pelo contrário, são tão desengraçadas que não pare-
cem, de todo em todo, ter qualquer valor.
Temos ainda outras cinco pedras, três das quais são consagra-
E 15 das e duas não. A primeira destas duas, tem por natureza tal vir-
E 16 tude que, se é colocada num vaso cheio de água, imediatamente
dessa mesma água se forma leite muito alvo, muito doce para
comer e para beber, não havendo, produzido por qualquer ani-
mal, nem melhor nem mais agradável. Mas se dessa água é
tirada a pedra, volta a ser o que era. A natureza da segunda
E 17 pedra é tal que, semelhantemente, se se coloca num vaso cheio
de água, aí essa mesma água se torna em vinho puríssimo,
muito perfumado e, efectivamente, agradabilíssimo para beber.

E 18

De vite aut de arbore aliqua nusquam profecto reperitur eo melius et dulcius. Et si de ipsa aqua iste lapis eripitur, quod erat utrumque remanet, ut de alio lapide dictum est superius. Primus lapidum consecratorum ita est consecratus, quod, si mittitur in aqua, in qua pisces sunt, statim quum ponitur in ipsa, omnes pisces, ubicunque fuerint in aqua, citissime veniunt ad eum nec ab eo possunt separari donec est in aqua. Tanta est virtus consecracionis ipsius lapidis. Et tunc quicumque vult pisces capere, sine rete et hamo et sine omni alio artificio de parvis et magnis piscibus secundum suam voluntatem quoscunque vult et absque labore potest habere. Cum vero de aqua emittitur, recedunt pisces, quocunque volunt. Secundus lapis ita consecratus est, quod, si quilibet venator per silvam gradiens nervis draconum eundem lapidem ligatum post se trahat, omnes siquidem bestiae, tam maiores quam minores, tam ursi quam leones, tam cervi quam caprioli, tam lepores quam vulpes, tam lupi quam ceterae bestiae ibidem commorantes velocissimo cursu ipsum venatorem secuntur, quocunque ierit, nec queunt se ab ipso separare quamdiu eas vult ducere. Tanta est virtus consecracionis ipsius lapidis. Et tunc ex illis bestiis, quantum quisque voluerit, absque impedimento valet capere. Nec est mirum, quia non possunt se defendere aut quoquam ire. Recepto vero lapide et a nervis draconum absoluto et in sinu absconso, recedunt bestiae quocunque volunt. Tercius lapis

E 19

E 20

Nem da videira nem de árvore alguma jamais se colheu melhor e mais doce. E, se dessa água é retirada a pedra, volta a ficar como era, como foi explicado antes acerca da outra pedra. A primeira das pedras consagradas foi consagrada de tal maneira que, se é metida na água onde existem peixes, logo que é colocada nela, todos os peixes, onde quer que estejam dentro de água, velozmente são atraídos para a pedra, e não podem ser arrancados dela enquanto estiver na água. Tão grande é a virtude da consagração desta pedra. Então, quem quer que pretenda apanhar peixes, sem rede, sem anzol ou qualquer outro artificio, sem qualquer trabalho pode alcançar peixes grandes ou pequenos, na quantidade que quiser, conforme queira. Mas quando a pedra é retirada da água, os peixes fogem para onde quiserem. A segunda pedra foi consagrada de tal maneira que, se algum caçador, embrenhando-se pela floresta, arrastar a pedra atrás de si, presa com tendões de dragão, certamente, todos os animais, maiores ou menores, tanto os ursos como os leões, tanto os cervos como os cabritos, tanto as lebres quanto as raposas, tanto os lobos quanto os outros animais que aí habitam, seguem em veloz corrida a trilha do próprio caçador, para onde quer que ele vá e não procuram separar-se dele, enquanto ele quiser levá-los consigo. Tão grande é a virtude de consagração dessa pedra. E por isso, de entre esses animais, quem quer que o queira, pode apanhá-los sem qualquer dificuldade. E não admira, pois não podem defender-se nem fugir. Mas, recolhida a pedra, e solta dos tendões de dragão, metida no esconderijo, os animais regressam para onde quiserem. A terceira pedra foi

E 18

E 19

E 20

tali modo est consecratus, quod, si calido sanguine leonis fuerit aspersus, talis ignis ex eo exit, quod tam [aquam quam] lapides, tam terram quam cetera, quae ei opponuntur, velut stupam facillime penitus conburit, nec potest aliquo modo extinguí, nisi lapis iste adspargatur calido sanguine draconis. Quando namque nostrae placet maiestati talem ignem facere, habemus leones et dracones paratos, quorum quidem sanguine ignis iste accenditur et extinguitur. Tali quippe igne consumimus inimicos nostros, si aliquando aliqui nobis apparent.

- 47 Quando procedimus ad bella contra inimicos nostros, XIII cruces magnas et praecelsas, factas ex auro et lapidibus pretiosis, in singulis plaustris loco vexillorum ante faciem nostram portari facimus, et unamquamque ipsarum secuntur X milia militum et C milia pedum armatorum, exceptis aliis, qui sarcinis et curribus et induendis victualibus exercitus deputati sunt. Cum vero simpliciter equitamus, ante maiestatem nostram praecedit lignea crux, nulla pictura neque auro aut gemmis ornata, ut semper simus memores passionis domini nostri Iesu Christi, et vas unum aureum, plenum terra, ut
48
49
50
51
- 49 terram. Et aliud vas argenteum, plenum auro, portatur ante nos, ut omnes intelligant nos dominum esse dominantium. Omnibus divitiis, quae sunt in mundo, superhabundat et praecellit magnificentia nostra.
- 51 Inter nos nullus mentitur, nec aliquis potest mentiri. Et si quis ibi mentiri coeperit, statim moritur i. quasi mortuus inter nos reputatur.

consagrada de tal modo que, se for aspergida com sangue quente de leão, dela sairá tão grande fogo que, tanto a água como as pedras, tanto a terra como as outras coisas, que o combatam, tal como a estopa facilmente arde até ao fim e não pode de nenhuma maneira ser extinta, assim acontece a esta pedra, se não for aspergida com sangue quente de dragão. Quando, porém, apraz à Nossa Majestade fazer um fogo desses, temos leões e dragões preparados com o sangue dos quais esse fogo é ateado e extinto. Na verdade, com esse fogo destruimos os nossos inimigos, se alguma vez se nos apresentam.

Quando avançamos para a guerra contra os nossos inimigos, mandamos transportar ante a nossa face treze grandes e altas cruces, feitas de ouro e de pedras preciosas, em cada um dos carros, em lugar de estandartes, e a cada uma delas seguem dez mil soldados e cem mil peões armados, exceptuando aqueles que, com as bagagens e os carros, são escolhidos para transportar as vitualhas do exército. Como cavalgamos sem pompa, à frente da Nossa Majestade segue o lenho da cruz, sem qualquer pintura ou ornato de ouro ou de gemas, para que sejamos sempre lembrados da paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, e um vaso de ouro, cheio de terra, para que saibamos que a nossa carne regressará à sua própria origem. E é levado à nossa frente um vaso de
45
46
47
48
49
50
51

45 prata, cheio de ouro, para que todos compreendam que nós somos o Senhor dos Senhores. De todas as riquezas que existem no mundo, a Nossa Majestade as possui em suprema abundância e excelência. Entre nós, ninguém mente, nem ninguém pode mentir. E se alguém
51
52

51 começasse a mentir, imediatamente morreria e como morto entre

tur, nec eius mentio fit apud nos i. nec honorem ulterius apud nos
52 consequitur. Omnes sequimur veritatem et diligimus nos invicem.
Adulter non est inter nos. Nullum vicium apud nos regnat.
53 Singulis annis visitamus corpus sancti Danielis prophetae cum exer-
citu magno in Babilone deserta, et omnes armati sunt propter tyros
54 et alios serpentes, qui vocantur terrentes. Apud nos capiuntur pis-
55 ces, quorum sanguine tingitur purpura. Municiones habemus mul-
tas, gentes fortissimas et diversiformes. Dominamur Amazonibus et
etiam Pragmanis.

D k Amazones sunt mulieres, quae habent reginam per se, habita-
cio quarum est una insula, quae extenditur in omni parte usque
ad mille miliaria, et circumcingitur undique quodam flumine,
quod non habet principium neque finem, sicut anulus sine
gemma. Latitudo huius fluminis est M. quingentorum LXV
D l stadiorum. In isto namque flumine sunt pisces dulcissimi ad
comedendum [et aptissimi ad capiendum]. Sunt et alii pisces
ibidem, formati ut magni dextrarii, habentes quatuor pedes
optime dispositos, collum longum decenter, caput breve, aures
D m aculas et caudas iacentes maxime convenienter. Isti siquidem
naturaliter sunt ita humani, velud ab hominibus essent nutriti,
et in cursu ita veloces, sicuti venti marini, [qui ultro se ad capi-
endum in littore offerunt, bini et bini i masculus et femella].
Quos quando volunt Amazones equitant tota die, et in nocte
D n sinunt eos in aquam redire. Non enim pisces sine aqua possunt

nós seria considerado, nem menção dele seria feita perante nós, nem
depois alcançaria de nós qualquer honra. Todos respeitamos a ver- 52
dade e amamo-nos uns aos outros. Não existe adúltero entre nós.
Nenhum vício grassa entre nós.

Todos os anos visitamos o corpo do Santo Profeta Daniel, com um 53
grande exército, na deserta Babilónia e são todos armados por causa
dos «tiros» e outras serpentes que chamam terráqueas. Entre nós são 54
capturados peixes com cujo sangue é tingida a púrpura. Temos mui- 55
tas munições e gentes fortíssimas e de diversos aspectos. Temos
domínio sobre as Amazonas e também sobre os Brâmanes.

As Amazonas são mulheres que têm uma rainha, sendo a habi- D k
tação delas uma ilha que se estende por todas as partes na exten-
são de mil milhas, e é rodeada por todos os lados por um rio
que não tem princípio nem fim, como um anel sem gema. A
largura desse rio é de mil quinhentos e sessenta e cinco estádios.
Nesse rio, porém, existem peixes saborosíssimos para comer [e D l
fácilimos de apanhar]. Há também aí outros peixes, grandes e
dextros, com quatro pés dispostos de muito boa maneira, pes-
coço normalmente longo, cabeça pequena, orelhas agudas e
caudas dispostas de modo muito conveniente. Estes são por D m
natureza tão mansos como se tivessem sido criados pelos
homens e na corrida são tão velozes como os ventos marinhos
[e, além disso, oferecem-se no litoral como presa, aos pares,
macho e fêmea]. As Amazonas, quando querem, cavalgam-nos
durante todo o dia e à noite permitem-lhes que voltem para a
água. Com efeito, os peixes não podem viver sem água mais do D n

vivere ultra diem. Sunt et alii formati ut pulcherrimi pallafredi vel muli et pingues ut rombi, quos per totam diem similiter equitant, in sero dimittunt eos in aquam ire. Alii sunt ut boves et asini formati, quibus arant, seminant, ligna lapides et quaecunque volunt trahunt tota die, et in nocte sunt in aqua usque ad alium diem. Sunt et alii formati ut parvi et magni canes, et ita veloces sunt in cursu et in venacione docti, quod nulla bestia potest ante eos fugere vel latere, quin statim capiatur. Alii sunt ut pulcherrimi accipitres vel austures, falcones brodiones formati, et sunt ita pulcherrimi, ac si decies vel vicies essent mutati, ac ita sunt fortes et veloces in volatu, quod nulla siquidem avis potest fugere ab eis, ut non statim capiatur. Mariti praedictarum mulierum non morantur cum eis nec audent ad eas venire nisi statim vellent mori, sed habitant in ripa praedicti fluminis ultra. Statutum est enim, quod quicumque vir intra-verit praedictam insulam, ipso die morietur. Istae namque vadunt ad eos et stant cum eis per septimanam vel per XV dies vel plures et postea dimittunt eas ad alias redire. Quando nascuntur pueri, nutriunt eos usque ad VII annos et postea reddunt eos patribus. Quando vero nascuntur puellae, retinent eas secum. Istae Amazones sunt doctissimae in bello et maxime in arcu, contis et venabulis. Habent arma argentea, quia non habent aliud aes sive metallum nisi argentum, unde faciunt vomeres, ligones, securim et alia instrumenta. Habent etiam

que um dia. Há também outros, formados como formosíssimos palafreiros, muitos e gordos e rombos, os quais, durante todo o dia, semelhantemente cavalgam, e à noite mandam-nos ir para a água. Outros têm o aspecto de bois e de burros, com os quais lavram, semeiam, transportam todo o dia madeira, pedras ou qualquer outra coisa que queiram, e à noite ficam na água até ao outro dia. Há também outros, formados como cães grandes e pequenos e são tão velozes na corrida e ensinados para a caça que nenhum animal pode fugir diante deles ou esconder-se, que não seja imediatamente capturado. Outros são como formosíssimos açores, milhafres, falcões e são tão belos como se dez ou muitas vezes fossem transformados, e são de tal modo fortes e velozes no seu voo que nenhuma ave pode fugir deles que não seja imediatamente capturada. Os maridos das ditas mulheres não moram com elas nem ousam aproximar-se delas se não querem morrer de imediato, mas habitam na outra margem do dito rio. Está estabelecido, com efeito, que qualquer varão que entre na mencionada ilha morrerá nesse mesmo dia. São elas, pelo contrário, que vão ao encontro deles e ficam com eles pelo espaço de uma semana, por quinze dias ou mais, após o que se despedem e partem para outras actividades. Quando nascem meninos alimentam-nos até aos sete anos de idade e, depois, entregam-nos aos pais. Mas quando nascem meninas ficam com elas. Essas Amazonas são muito preparadas para a guerra e principalmente no arco, lança e venábulo. Usam armas de prata, porque não têm outros metais senão prata, de que fazem relhas de arado, enxadas, machados e outros instrumentos. Têm

terrenos equos fortissimos [et velocissimos], super quos pugnant, et [cum pugnant] in ipsa pugna [...], ut ante et retro [et ex omni parte] vulnerent [et perimant] inimicos. [Velocius siquidem se volvunt super equos quam volvatur ipsa rota figuli, quum est in maximo motu rotandi]. Currunt nempe propriis pedibus ita ut, si simul cum sagitta emissa fuerit de arcu incipiunt ire, antequam cadat in terram, velocissimo cursu eam manu recipiant. Quando altitudini nostrae placet ex hiis exercitum colligere, super inimicos nostros ducimus decies centena milia vel plures, si volumus. Mariti vero earum secuntur eas, non ut pugnent sed ut adorent eas, cum redeunt de pugna cum victoria.

D s

D t

Bragmani infiniti sunt et simplices homines, puram vitam ducentes. Nolunt plus habere quam ratio naturae exigit. Omnia compaciuntur et sustinent. Illud dicunt esse superfluum quod non est necessarium. Sancti sunt in carne viventes.

D u

Quorum sanctitate et iusticia universa fere christianitas ubique sustentatur, ut credimus, et ne a dyabolo superetur, oracionibus eorum defenditur. Isti serviunt maiestati nostrae solummodo oracionibus suis nec nos aliud ab eis habere volumus.

56 Palatium vero, quod inhabitat sublimitas nostra, ad instar et similitudinem palatii, quod apostulus Thomas ordinavit Gundoforo, regi Indorum, in officinis et reliqua structura per omnia simile est
57 illi. Laquearia, tigna quoque et epistilia sunt de lignis cethim.

também cavalos terrestres, muito fortes [e velozes], e lutam montando-os, e [quando lutam,] nesse mesmo combate [...], à frente, atrás, e [por todos os lados], ferem e [destroem] os inimigos. [Voltam-se sobre os cavalos mais velozmente do que a roda do oleiro quando atinge o máximo do seu movimento rotativo]. Correm, seguramente, com os próprios pés, de tal maneira que, se começam a correr ao mesmo tempo que a seta for disparada do arco, antes que ela atinja a terra, na sua velocíssima corrida, agarram-na com a mão. Quando apraz a Nossa D s Alteza recrutar um exército delas, contra os nossos inimigos, podemos alistar dez vezes cem mil ou mais, se quisermos. Ora os maridos delas seguem-nas, não para lutarem mas para as celebrarem quando regressam vitoriosas da batalha. Os Brâmanes são muitos e homens simples que levam uma vida D t pura. Não querem ter mais haveres do que a necessidade da natureza exige. Suportam e aguentam tudo. Dizem ser supérfluo tudo o que não é necessário. São santos mesmo quando ainda em vida. Com cuja santidade e justiça toda a cristandade D u é em toda a parte sustentada, como veremos, e, para que não seja vencida pelo diabo, é defendida pelas suas orações. Eles estão ao serviço da Nossa Majestade somente com suas orações e nós não desejamos deles ter mais nada.

Ora o palácio que a Nossa Sublimidade habita, à maneira e semelhança do palácio que o apóstolo Tomé construiu para Gundoforo, rei dos indianos, nos fundamentos e restante estrutura é, em tudo, semelhante àquele. Os tectos trabalhados, traves e arquitraves são de 56
57

Coopertura eiusdem palacii est de ebano, ne aliquo easu possit com-
buri. In extremitatibus vero super culmen palacii sunt duo poma
aurea, et in unoquoque sunt duo carbunculi ut aurum splendeat in
58 die et carbunculi luceant in nocte. Maiores palacii portae sunt de
sardonico inmixto cornu cerastis, ne aliquis latenter possit intrare
59 cum veneno, ceterae ex ebano, fenestrae de crystallo. Mensae, ubi
curia nostra comedit, aliae ex auro aliae ex ametisto, columpnae,
60 quae sustinent mensas, ex ebore. Ante palacium nostrum est platea
quaedam, in qua solet iusticia nostra spectare triumphos in duello.
Pavimentum est de onichino et parietes intexti onichino, ut ex vir-
tute lapidis animus crescat pugnantibus.
61 In praedicto palacio nostro non accenditur lumen in nocte nisi
62 quod nutritur balsamo. Camera, in qua requiescit sublimitas nos-
tra, mirabili opere auro et omni genere lapidum est ornata. Si vero
alicubi propter ornatum sit onichimus, circa ipsum eiusdem quan-
tatis quatuor sunt corneolae, ut ex virtute earum iniquitas onichini
63 temperetur. Balsamum semper in eadem camera ardet. Lectus noster
64 est de saphiro propter virtutem castitatis. Mulieres speciosissimas
habemus, sed non accedunt ad nos nisi causa procreandorum filio-
rum quater in anno, et sic a nobis sanctificatae, ut Bersabee a David,
redit unaquaeque ad locum suum.
65 Semel in die comedit curia nostra. In mensa nostra comedunt
omni die XXX milia hominum praeter ingredientes et exeuntes.
Et hi omnes accipiunt expensas singulis diebus de camera nostra

madeira de cedro. A cobertura desse palácio é de ébano, para que,
por um acaso, não possa arder. Mas nas proximidades, sobre o cume
do palácio, estão dois pomos de ouro e, em cada um deles, dois car-
búnculos, para que o ouro resplandeça de dia e os carbúnculos bri-
lhem de noite. As portas maiores do palácio são de sardónica mis- 58
turada com corno de cerasta, para que ninguém, ocultamente, possa
entrar com veneno; as outras são de ébano e as janelas de cristal. As 59
mesas, onde a nossa corte come, umas são de ouro, outras de ame-
tista e as colunas que sustentam as mesas são de marfim. Diante do 60
nosso palácio existe uma praça, na qual Nossa Justiça costuma assis-
tir aos triunfos dos torneios. O pavimento é de ónix e as paredes
entremeadas de ónix, para que, pela virtude desta pedra, se renove
a coragem dos lutadores.

No nosso já mencionado palácio não se acende luz de noite a não 61
ser a que se alimenta de bálsamo. A câmara, na qual repousa a Nossa 62
Sublimidade, é ornamentada com maravilhoso trabalho a ouro e
todo o género de pedras. Mas, se por causa do ornato, em qualquer
lugar existir ónix, à volta deste na mesma quantidade se colocam
quatro pequenos cornos para que, pela virtude deles, se mitigue a
má influência do ónix. Na mesma câmara estará sempre aceso o bál- 63
samo. O nosso leito é de safira por causa da virtude da castidade.
Temos esposas formosíssimas, mas não vêm até nós senão para a 64
procriação de filhos quatro vezes por ano e assim, santificadas por
nós, como Betsabé por David, cada uma regressa ao seu aposento.
A nossa corte tem apenas uma refeição por dia. À nossa mesa 65
comem todos os dias trinta mil homens não contando com os foras-
teiros que chegam ou partem. E todos eles recebem em cada dia, da

66 tam in equis quam in aliis expensis. Haec mensa est de pretioso smaragdo, quam sustinent duae columpnae de ametisto. Huius lapidis virtus neminem sedentem ad mensam permittit inebriari.

D v Et quia molendina nostra inundacione aquarum saepe submergebantur, ne curiae nostrae propter infinitam multitudinem adveniencium et nobiscum comorantium panis aliquando fieret defectus, non longe a civitate nostra Bibric fecimus fieri molendinum sine aqua cum forno, conveniens nostrae maiestati. Hoc modo. Quatuor nempe columnas magnas et praecelsas de auro purissimo fieri fecimus, quae in quadam planicie in quadrum sunt dispositae, distantes inter se plus quam XX pedes. Quarum longitudo est XL cubitorum, grossitudo X.

D w Inter quas quidem columpnas superius fieri fecimus domum ceu globum rotundam, quae ita capitibus columpnarum est aequalis et iuncta, quod nichil praecellit columpnas nec columpnae superminent. In qua domo non est aliqua fenestra nec hostium. Infra domum sunt duae magnae molae, optime ad molendum disposilae, factae de adamante lapide, quem namque lapidem neque lapis neque ignis neque ferrum potest confringere. Subtus vero domum infra columpnas est magna rota cum forti fuso de auro fulvissimo formata et disposita, velud est in aliis molendinis.

D x Quae rota ita fortiter currit virtute lapidis [qui est in pavimento], quod si quis eam firmis oculis vellet intueri, statim

nossa câmara, ajudas de custo quer em cavalos quer em outras espécies. Esta mesa é de preciosa esmeralda, sustentada por duas colunas de ametista. A virtude dessa pedra não permite que alguém que se sente à mesa possa ficar embriagado. 66

E porque os nossos moinhos muitas vezes ficam submersos por inundações de águas, para que o pão, não venha, ocasionalmente, a faltar na nossa corte, por causa da enorme multidão dos que nos visitam e dos que moram connosco, não longe da nossa cidade de Bibrie mandámos fazer um moinho sem água, com forno, como convém a Nossa Majestade. Deste modo: mandámos que fossem feitos quatro grandes e altas colunas de ouro puríssimo, as quais estão dispostas, numa planície, em forma de quadrado, distantes entre si mais de vinte pés. O comprimento delas é de quarenta côvados, a espessura de dez. Entre essas colunas, na verdade, mandámos construir uma abóbada mais acima ou um globo redondo que assim é igual e unido aos capitéis das colunas, de tal modo que não se eleva acima das colunas nem as colunas a ultrapassam. Nessa abóbada não existe nenhuma janela nem fresta. Abaixo da abóbada estão duas grandes mós, dispostas para moer o melhor que se pode, feitas de pedra adamantina, a qual pedra nem pedra nem fogo nem ferro podem desgastar. Mas sob a abóbada, debaixo das colunas está uma grande roda com robusto espigão de ouro fulvíssimo, formada e disposta como nos outros moinhos.

D x Essa roda gira velozmente de tal modo, pela virtude da pedra [que está no pavimento], que se alguém quiser nela fixar os olhos

- D y amitteret visum. Similiter granum virtute lapidum per quamdam columpnam ascendit in molendinum et per quamdam descendit farina in circulum, ubi a pistoribus panis efficitur et in clibano facto ex asbesto ponitur et coquitur. Pavimentum clibani est de topazio viridi...
- E 21 Quae quando volvitur, mola superior velocius, quam credi vel cogitari possit, invisibiliter volvitur. Qualiter autem rota volvatur, audi. Longe enim ab isto molendino fere per XX miliaria versus orientem super altissimos montes, in quibus est ventus semper vehementissimus, fecimus sub terra magnam et introitu
- E 22 largissimam viam fieri. Fecimus et alias minores vias duo milia, quae omnes sub terra respondent huic viae maiori, quae via maior sub terra ducitur usque ad molendinum. Per quas vias ventus intrat et per, auream columpnam exit, quae est versus rolam inclinata et usque ad eandem rotam extenditur, et inferius est larga et stricta superius, ut ventus fortius et durius et maiori impetu rotam reverberet et eam volvere faciat velocius.
- E 23 Similiter fecimus fieri ab occidente, meridie et septentrione, ut, undecunque ventus veniat, faciat molendinum indesinenter et continue volutare super domum rotundam seu globeam, quae non est largior quam ipsae molae sunt latae, quae sunt interius.
- E 24 Et non est ibi hostium neque fenestra, ne ventus aliquando posset ventilare farinam et spargere. Praecipimus alteram domum
- E 25 fieri largam et altam ad quam ascenditur per centum XL gradus,

firmemente, imediatamente perderá a visão. Do mesmo modo, D y o grão, pela virtude das pedras, sobe para o moinho por uma das colunas e a farinha desce por outra, em círculo, onde o pão é feito pelos padeiros e, colocado num forno feito de asbesto, é cozido. O pavimento do forno é de topázio verde...

Ora, quando a mó superior roda mais velozmente do que pode E 21 acreditar-se ou imaginar-se, o seu movimento torna-se invisível. Afastada deste moinho, na direcção do oriente, sobre altíssimos montes nos quais sopra sempre um vento violentíssimo, mandámos construir uma grande via, subterrânea, de quase E 22 vinte milhas, com uma larguíssima abertura. Construámos também outras vias menores, de duas milhas que, todas elas, E 23 debaixo da terra, correspondem a esta via maior, a qual conduz, debaixo de terra, até ao moinho. Por essas vias entra o vento, o qual sai pela coluna de ouro, que está inclinada para a roda e se estende até essa mesma roda e que, na parte inferior é larga e estreita na parte superior, de modo que o vento se repercute na roda com ímpeto mais violento, fazendo-a girar mais velozmente. Mandámos fazer coisa semelhante a ocidente, meridiano E 23 e setentrão para que, venha o vento de onde vier, faça mover o moinho ininterruptamente e em contínuo, por cima da abóbada ou globo, que não é mais ampla do que as largas mós que E 24 estão no interior. E não há aí qualquer abertura ou janela para que o vento, porventura não sobre sobre a farinha, espalhando-a. Mandámos também preparar outro edifício largo e alto, para E 25 o qual se sobe por uma escadaria de cento e quarenta degraus e

E 26 et per totidem ex alia parte descenditur, quorum alii sunt de
auro, alii de argento, alii de preciosis lapidibus mixtim inter se
dispositis. Huius scalae latitudo est X ulnarum, et est ila ampla,
quod portat magis quam plaustrum oneratum frumento. Galli,
E 27 qui nascuntur in quadam insula nostra, qui sunt maiores stru-
cionibus, et etiam ipsi struciones per ipsam scalam facilime
superius ad molendinum trahunt. In pavimento huius domus,
quod est tectum molendini, est quoddam foramen magnum,
per quod frumentum in molendinum mittitur, ad quod offi-
cium deputati sunt omni die CC homines, nec possunt tantum
E 28 nutrire, quod molendinum sacietur. Est etiam in isto molen-
dino inferius infra columpnas aliud foramen in ea parte, unde
molendinum expuit farinam, quae descendit in pistrinum per
columpnam fusilem magnam et auream, quae columpna est ita
coniuncta foramini, quod nullus umquam posset aliquo modo
E 29 percipere. In quo pistrino noster furnus est factus mirabiliter.
Est enim furnus factus exterius de lapidibus preciosis et auro,
interius caelum et parietes sunt de albesto lapide, cuius natura
talis est, quod, semel calefactus sit, deinde inremissibiliter sine
igne semper erit calidus. Pavimentum vero est de auro ada-
mantino, fortitudo cuius neque ferro neque igne neque alio
medicumine potest confringi sine yrcino sanguine. Sub isto ita-
que pavimento fecimus aliud pavimentum fieri...

D *de topazio viridi*, qui naturaliter est frigidus, ut caliditas as-
besti temperetur. Alioquin panis non coqueretur sed con-

por outra igual, do outro lado se desce, sendo os degraus uns
de ouro, outros de prata, outros de pedras preciosas variadas e
entre si dispostas. A largura desta escadaria é de dez côvados e é E 26
tão larga que por ela cabe um carro carregado de trigo. Os
Galos, que nascem numa ilha dos nossos domínios, que são
maiores em estatura, até mesmo esses, por essa escadaria o arras-
tam facilmente até ao cimo do moinho. No pavimento desse E 27
edifício que é o tecto do moinho, existe uma grande abertura
através da qual o trigo é lançado no moinho para cuja tarefa são
destacados, todos os dias, duzentos homens, e estes não podem
comer tanto que o moinho os não possa satisfazer. Existe tam- E 28
bém, neste moinho, do lado de baixo, sob as colunas, outra
abertura naquela parte em que o moinho despeja a farinha que
desce para a padaria pela grande e áurea coluna afuselada, a qual
está de tal maneira acoplada à abertura, que ninguém jamais
poderá aperceber-se dela. Nessa padaria o nosso forno é cons- E 29
truído de maneira admirável. Com efeito, o forno, exterior-
mente, é feito de pedras preciosas e ouro e, no interior, o tecto
e as paredes são de asbesto, cuja natureza é tal que, uma vez
aquecido, mesmo sem fogo, ficará para sempre quente. Ora, o
pavimento é de ouro adamantino, cuja resistência nem o ferro
nem o fogo nem qualquer outro material senão o sangue de
«ircino», poderá desgastar. Sob este pavimento, mandámos
ainda construir um outro...

de topázio verde que é, por natureza, frio para temperar a D
quentura do asbesto. Doutro modo, o pão não cozeria, mas

D z bureretur. Tantus est calor asbesti. Longitudo huius furni est XL cubitorum, latitudo XV. Hostia sunt hinc et inde X, et pro unoquoque hostio sunt X pistores, et unusquisque pistorum habet de beneficio furni possessiones quingentorum militum et alias divicias multas. Magister vero pistorum habet tantum quantum omnes pistores [et pro honore principatus habet tantumdem plus omnibus]. Totidem sunt molendinarii et omnes sunt in beneficio aequales cum pistoribus nostris, [quod si pistores pauciores essent molendinariis aut molendinarii pauciores pistoribus, aliquando invidia et contencio posset inter eos oriri. Ideoque placuit maiestati nostrae eos tam in numero quam in beneficio coaequare].

67 Ante fores palatii nostri iuxta locum, ubi pugnant in duello agonizant, est speculum praecelsae magnitudinis, ad quod per CXXV
68 gradus ascenditur. Gradus vero sunt de porfirítico, partim de serpentino et alabastro a tertia parte inferius. Hinc usque ad tertiã partem superius sunt de cristallo lapide et sardonico. Superior vero
69 tertia pars de ametisto, ambra, iaspide et panthera. Speculum vero una sola columpna innititur. Super ipsam vero basis iacens, super basim columpnae duae, super quas item alia basis et super ipsam quatuor columpnae, super quas item alia basis et super ipsam VIII columpnae, super quas item alia basis et super ipsam columpnae XVI, super quas item alia basis, super quam columpnae XXXII, super quas item alia basis et super ipsam columpnae LXIII, super quas item alia basis, super quam item columpnae LXIII, super quas item alia basis et super ipsam columpnae XXXII. Et sic descendendo

queimar-se-ia. Tal é a quentura desse material. O comprimento D z deste forno é de quarenta côvados, a largura de quinze. As moendas são de um lado e de outro dez, e por cada moenda há dez padeiros e cada um deles tem de benefício do forno a posse de quinhentos soldados e muitas outras riquezas. Mas o chefe dos padeiros tem tanto quanto todos os outros juntos [e, pela honra do cargo, tem até mais do que os outros]. Do mesmo modo há moleiros e todos têm os mesmos benefícios que os nossos padeiros [porque se os padeiros fossem menos do que os moleiros, ou os moleiros menos do que os padeiros, porventura poderia entre eles nascer inveja ou conflito. Assim, aprouve à Nossa Majestade igualá-los tanto em número como em benefício].

Diante dos portais do nosso palácio, contíguo com o local onde ago- 67 nizam os que combatem em duelo, está um espelho de enormes dimensões, ao qual se acede por cento e vinte e cinco degraus. Ora, 68 os degraus são de pórfiro e, parte deles, de serpentino, e de alabastro o terço inferior. Daqui até à terça parte superior são de pedra cristalina e sardónica. A terça parte superior é de ametista, âmbar, jaspe e pantera. O espelho está infixado sobre uma única coluna. Mas 69 sobre esta existe uma base jacente e duas colunas sobre essa base e, sobre elas, outra base e sobre ela quatro colunas, sobre as quais outra base e sobre esta oito colunas, sobre as quais, de novo assenta outra base, sobre a qual dezasseis colunas, sobre as quais ainda outra base, sobre a qual trinta e duas colunas, sobre as quais outra base, e sobre ela sessenta e quatro colunas, sobre as quais outra base, e sobre ela trinta e duas colunas. É assim, em ordem decrescente, diminuem as

diminuuntur columpnae, sicut ascendendo creverunt, usque ad
70 unam. Columpnae autem et bases eiusdem generis lapidum sunt,
71 cuius et gradus, per quos ascenditur ad eas. In summitate vero
supremae columpnae est speculum, tali arte consecratum, quod
omnes machinationes et omnia, quae pro nobis et contra nos in adi-
72 centibus et subiectis nobis provinciis fiunt, a contuentibus liqui-
dissime videri possunt et cognosci. Custoditur autem a XII milibus
armatorum tam in die quam in nocte, ne forte aliquo casu frangi
possit aut deici.

73 Singulis mensibus serviunt nobis reges VII, unusquisque illorum in
ordine suo, duces LXII, comites CCCLXV in mensa nostra, excep-
74 tis illis, qui diversis officiis deputati sunt in curia nostra. In mensa
nostra comedunt omni die iuxta latus nostrum in dextra parte
archiepiscopi XII, in sinistra parte episcopi XX, praeter patriarcham
sancti Thomae et protopapaten Sarmagantium et archiprotopapa-
ten de Susis, ubi thronus et solium gloriae nostrae residet et pala-
cium imperiale. Quorum unuquisque singulis mensibus redeunt ad
75 domum propriam per vices suas. Ceteri a latere nostro nunquam
discedunt. Abbates vero secundum numerum dierum anni serviunt
nobis in capella nostra et singulis mensibus redeunt ad propria, et
alii totidem singulis kalendis ad idem officium capellae revertuntur.

B 76 Habemus aliud palatium non maioris longitudinis sed maioris
altitudinis et pulcritudinis, quod factum est per revelationem,
quae, antequam nasceremur, apparuit patri nostro, qui ob sanc-
tatem et iusticiam, quae mirabiliter vigeabant in eo, vocabatur
B 77 Quasideus. Dictum namque est ei in somnis: «Fac palatium

colunas, como tinham aumentado na ordem crescente, até uma.
Porém, as colunas e as bases são do mesmo género de pedras das dos 70
degraus por onde se sobe até elas. E no cume da última coluna está 71
o espelho, com tal magia fabricado, que todas as conseqüências e tudo
o que, por nós ou contra nós nas províncias adjacentes e por nós
dominadas forem feitas, podem ser clarissimamente vistas e identi-
72 ficadas. O espelho é guardado dia e noite por doze mil soldados
armados, não fosse acontecer que se quebrasse ou desviasse.

Todos os meses à nossa mesa nos servem sete reis, cada um dos quais 73
segundo a sua ordem, sessenta e dois duques, trezentos e quarenta e
cinco condes, excepto aqueles que foram destronados para diversos
encargos na nossa corte. À nossa mesa comem todos os dias a nosso 74
lado, à direita, doze arcebispos, à esquerda, vinte bispos, além do
patriarca de São Tomé e o protopapaten de Sarmagantino e o arqui-
propapaten de Susa, onde tem sua sede o trono e o sólio da Nossa
Glória e o palácio imperial. Cada um dos quais, todos os meses,
rotativamente regressam à sua própria mansão. Os outros nunca se
afastam do nosso lado. Os abades, por seu lado, servem-nos segundo 75
o número dos dias do ano na nossa capela e todos os meses regres-
sam a suas casas e os outros igualmente em cada mês regressam para
o desempenho do encargo da capela.

Temos ainda outro palácio que não é maior em extensão mas B 76
sim em altura e esplendor, o qual foi construído segundo uma
revelação que, antes de sermos nascido, nosso pai teve, a quem,
pela santidade e justiça que maravilhosamente havia nele, era
dado o nome de Quasideus. Foi-lhe, pois, dito em sonhos: B 77

B 78 filio tuo, qui nasciturus est tibi, qui erit rex regum terrenorum et dominus dominantium universae terrae. Et habebit illud palatium a Deo sibi talem gratiam collatam: quod ibi nullus unquam esuriet, nullus infirmabitur, nullus etiam intus existens poterit mori in illa die, qua intraverit.

C Nullus ea die, qua intraverit, infirmabitur, nullus esuriet, nec ibi quis stans morietur.

B Et si validissimam famem quis habuerit et infirmetur ad mortem, si intraverit palatium et steterit ibi per aliquam moram, ita exiet satur, ac si de centum ferculis comedisset, et ita sanus, quasi nullam infirmitatem in vita sua passus fuisset.»

C 79 Nascetur etiam in eo fons quidam super omnia sapidissimus et odoriferus, qui nunquam exiit de palacio, sed de uno angulo, quo nascetur, fluet per palacium ad alium angulum ex adverso, et ibi recipiet eum terra, et sub terra revertetur ad ortum suum, quemadmodum sol de occidente revertitur sub terra ad orientem. Sapient enim in ore cuiusque gustantis quicquid optabit comedere et bibere. Tanto siquidem odore replebit palacium, ac si omnia genera pigmentorum, aromatum et unguentorum ibi pilarentur et commoverentur et multo bis plus omnibus.

C 81 De quo quidem fonte si quis per triennium et trimensium et tres septimanas et per tres dies et per tres horas omni die ter ieiunus gustaverit et in tribus horis ita gustaverit, quod nec ante ipsam horam et post horam, sed in spacio, quod est infra prin-

«Constrói um palácio para o teu filho que te nascerá, o qual será rei dos reis terrenos e senhor dos senhores de toda a terra. E obterá esse palácio da mão de Deus uma graça tal que, dentro dele, ninguém terá fome nem cairá doente, ninguém, dentro dele, poderá morrer desde o dia em que tiver lá entrado. B 78

Ninguém nesse dia em que lá entrar ficará doente, ninguém terá fome, nem, permanecendo aí, morrerá. C

E se, porventura, alguém tiver a mais forte fome que puder e adoecer de morte, se entrar no palácio e aí se demorar um curto espaço, sairá saciado como se tivesse comido cem iguarias e tão são como se na vida nunca tivesse estado enfermo.» B

Aí nasce também uma fonte de água saporosíssima e perfumada, e que nunca sai do palácio mas, do canto onde nasce, corre através do palácio para o outro canto e aí a recebe a terra e volta para o interior da terra de onde brotou, tal como o sol do ocidente regressa, por debaixo da terra, ao oriente. Terá, na boca de quem quer que a tomar, o sabor de tudo o que cada um desejar comer e beber. Inundará o palácio de tantos odores, como se todos os géneros de especiarias, aromas e unguentos aí fossem preparados e trazidos, e muito mais até do que esses. Da qual fonte, sem falha, se alguém por três anos e três meses e três semanas e três dias e três horas todos os dias a tiver provado em jejum três vezes, e nessas três horas a tiver provado, não antes dessa hora nem depois dessa hora mas se a tiver bebido C 79 C 80 C 81

cipium et finem uniuscuiusque istarum trium horarum, ter ieiunus gustaverit, ante siquidem trecentos annos et tres menses et tres septimanas et tres dies et tres horas non morietur, et erit
C 82 semper in aetate extremae iuventutis. [Porro quicumque tamdiu vixerit, in ultima die praedictorum temporum convocabit parentes et amicos suos et dicet eis: «Amici mei et proximi mei, ecce iam cito moriar. Rogo vos, ut claudatis super me sepulchrum, et orate pro me.» Hoc nempe dicto ilico intrabit sepulchrum et, valedicens eis, deponet se, quasi velit dormire et ut
C 83 impleatur prophetia «finita iam hora reddet animam creatori suo.» Videntes autem hoc omnes more solito plangent super
C 84 corpus dilecti et clauso sepulchro commendant eum domino et recedunt.

E 30 «Et quod tibi hoc eveniat, hoc tibi sit signum:
E 31 In planicie, quae dicitur Rimoc, est quidam lapis magnus et excelsus, quem Porus, rex Indorum, mirabiliter fecit complanari et quadrari. Altitudo cuius est C passuum et latitudo L, et undique ab eo lapide extenditur haec planicies fere per XX miliaria. In qua quidem non est arbor neque lapis, non est collis
E 32 neque vallis, sed sunt ibi multi fontes et rivuli dulcissimi, passim per planiciem manantes; et omnia genera herbarum odoriferarum ibi repperiuntur. Super quem lapidem hac nocte nascetur tanta et talis arbor, quanta et qualis numquam fuit visa a principio mundi, nec erit usque ad finem. Ad quam nulla avis
E 33 accedet, ne aliquo modo possit deturpari. Nullum eciam folio-

no espaço que está antes do princípio e depois do fim dessas três horas, três vezes em jejum, certamente, não morrerá dentro de trezentos anos e três meses e três semanas e três dias e três horas e ficará para sempre na idade da mais florida juventude. [Quem
C 82 quer que tenha vivido tanto tempo, no último dia dos tempos prenunciados, convocará seus amigos e parentes e lhes dirá: «Meus amigos e parentes, eis que se me aproxima a morte. Peço-vos que fecheis o sepulcro sobre mim e rogueis por mim.» Dito
C 83 isto assim, entrará no sepulcro e, despedindo-se deles, acomodarse-á como se quisesse dormir, para que se cumpra a profecia «acabada a hora rende a alma ao Criador». Ao verem isto, todos,
C 84 segundo o costume, choram sobre o corpo do ente querido e, fechado o sepulcro, encomendam-no ao Senhor e partem.

«Desses acontecimentos, eis os sinais que te dou: E 30
Na planície que chamam Rimoc há uma cantaria grande e alta E 31 que Poro, rei dos indianos maravilhosamente mandou aplanar e afeiçoar em quadrado. Tem de altura cem passos e cinquenta de largura e para todos os lados, a partir dessa cantaria estende-se esta planície quase por vinte milhas. Na qual, é certo que não
E 32 existe árvore nem pedra nem colina nem vale mas sim muitas fontes e ribeiros de água muito doce, correndo irregularmente pela planície; e todos os géneros de ervas aromáticas aí são
E 33 encontradas. Sobre a tal pedra esta noite nascerá uma tão grande e formosa árvore a qual nunca foi vista desde o princípio do mundo nem o será até ao fim. A ela não acederá ave alguma para que, de nenhum modo a possa estragar. E nenhuma das

E 34 rum eius, quae sunt densissima et velud aurum lucidissima, aliquo tempore cadet. In summitate vero huius arboris nascetur quaedam virga directissima sine ramis, sine foliis, alta C pedibus et grossa quantum duo homines possunt anplexari. In cuius capite nascetur quoddam pomum incredibiliter magnum et lucidissimum splendorem cuius nemo oculis poterit pati, nisi E 35 manum in fronte posuerit, velud solem vellet respicere. Et ubicunque [fuerint vel] steterint hoc pomum intuentes, si fuerint infirmi, suavitate odoris eius illico optime sanabuntur, vel, si fuerint lassi, statim forciores fient quam prius fuerint. Si fuerint famelici vel sitibundi, in continenti ita saturabuntur, quod ad minus per X et VIII dies non esurient neque sicient amplius.»

B 85 Mane facto Quasideus, pater meus, perterritus de tanta visione, surrexit et

C cum cogitaret et multum esset sollicitus, audivit altisonam vocem, quam et omnes, qui secum aderant, audierunt dicentem: «O Quasideus, fac quod praeceptum est tibi, noli aliquo modo hesitare, quia omnia erunt, sicut tibi praedicta sunt.» C 86

C 87 Ad istam nempe vocem admodum confortatus est pater meus et statim

B praecepit palatium fieri, in cuius compositione non sunt nisi lapides preciosi et aurum optimum liquatum pro cemento.

suas folhas que são densíssimas e brilhantes como o ouro, jamais cairá. Mas no cume dessa árvore nascerá um madeiro E 34 completamente direito e sem ramos nem folhas, com cem pés de altura e com um diâmetro que dois homens podem abraçar. Na sua extremidade nascerá um pomo, incrivelmente grande e brilhante, cujo esplendor ninguém poderá suportar com o olhar, a menos que coloque a mão na frente como se quisesse E 35 contemplar o sol. E onde quer que [estejam ou] se detenham a contemplar esse pomo, se estiverem enfermos ficarão curados com a suavidade do seu aroma ou, se estiverem cansados, imediatamente recuperarão as forças que antes tinham. Se estiverem esfomeados ou sequiosos rapidamente serão saciados, de tal modo que, pelos menos por dezoito dias não terão mais fome nem sede».

Ao amanhecer, Quasideus, meu pai, aterrorizado por tão grande de visão, ergueu-se e B 85

meditando e estando mui cuidadoso, ouviu uma voz altissonante C que todos os que estavam presentes também ouviram, a qual dizia: «Ó Quasideus, faz o que te está assinalado e não hesites C 86 de modo algum, porque todas as coisas sucederão como te foi anunciado.» Com esta voz, na verdade, meu pai ficou confortado e C 87

imediatamente mandou construir o palácio, em cuja composição não entram senão pedras preciosas e, por cimento, ouro do B

B 88 Caelum eiusdem, i. tectum, est de lucidissimis saphiris, et clarissimi topazii passim sunt interpositi, ut saphiri ad similitudinem purissimi caeli et topacii in modum stellarum palatium illuminent. Pavimentum vero est de magnis tabulis cristallinis. Camera nec alia divisio est infra palatium. Quinquaginta columnae de auro purissimo ad modum acus formatae intra palatium iuxta parietes sunt dispositae.] In unoquoque angulo est una, reliquae infra ipsas locatae sunt. Longitudo unius cuiusque columnae est LX cubitorum, grossitudo est, quantum duo homines suis ulnis circumcingere possunt, et unaquaque in suo cacumine habet unum carbunculum adeo magnum, ut est magna amphora, quibus illuminatur palatium ut mundus illuminatur a sole.

C 91 Si [Sed si] quaeris,

B Quare columnae sint ut acus acutae? Hac videlicet de causa, quia, si ita essent grossae superius ut inferius, pavimentum et totum palatium non ita illuminaretur splendore carbunculorum.

C 92 item [Et] si quaeris, si [utrum] claritas sit ibi.

B Tanta est namque claritas ibi, ut nichil tam exiguum, tam subtile possit excogitari, si in pavimento esset, quin possit ab aliquo intueri. Nulla fenestra nec aliquod foramen est ibi, ne claritas carbunculorum et aliorum lapidum

melhor quilate, liquefeito. O tecto é de safiras brilhantíssimas e, misturados irregularmente, topázios transparentes, de maneira que as safiras à semelhança do claro céu e os topázios à maneira de estrelas iluminem o palácio. Mas o pavimento é composto de grandes lages cristalinas. A câmara sem outra divisão ocupa a parte de baixo do palácio. Quinhentas colunas de ouro puríssimo, à maneira de agulhas, estão dispostas dentro do palácio junto às paredes.] Está uma em cada canto e as restantes estão colocadas a seguir. A altura de cada uma das colunas é de quarenta côvados, a sua espessura é a que dois homens podem abranger com os braços e no cume de cada uma está um carbúnculo tão grande como uma grande ânfora, pelos quais o palácio é iluminado como o mundo pelo sol.

Responder-te-ei se perguntares,

por que são as colunas agudas como agulhas? É evidente que a causa é que se fossem tão grossas em cima como em baixo, o pavimento e todo o palácio não seria tão esplendorosamente iluminado pelos carbúnculos.

Do mesmo modo, te responderei, caso me perguntes se existe aí claridade

É tão grande aí a claridade, que nada de tão pequeno e insignificante pode ser imaginado que, estando sobre o pavimento, não pudesse ser claramente enxergado. Nenhuma janela ou abertura aí existe para que a claridade dos carbúnculos

claritate serenissimi caeli et solis aliquo modo possit obnubilari.

C 94 Porta est una in eo de purissimo et lucidissimo crystallo, circumcincta de auro fulvissimo, posita ad orientem, altitudo cuius est centum XXX cubitorum, quae quando sublimitas nostra venit ad palatium, per se aperitur et clauditur, nullo eam tangente. Sed quando alii intrans, ostiarii eam claudunt et aperiant. C 95 Omni siquidem die intramus palacium istud ad bibendum de fonte, quando sumus in civitate illa, in qua est palacium, quae dicitur Briebric. Quando vero equitamus, facimus de fonte illo, quocumque imus, nobiscum portari, et omni die ter ieiuni gustamus, sicut in paterna visione praeceptum est.

B 96 In die nativitatis nostrae et cotiens coronamur, intramus palatium istud et tamdiu sumus intus, donec potuissemus ibi comedisse, et inde eximus saturi, ac si omni genere ciborum essemus repleti.

D aa Iuxta hoc palacium habemus capellam vitream non manu factam, mirabiliores omnibus mirabilibus, quae cum nichil ibi esset, in prima die nativitatis nostrae apparuit, ubi nunc est, ad gloriam et decorem nominis nostri. Divina enim dispositione facta est adeo: si tres homines intrans, plena est; si X vel XX D bb

e das outras pedras não possa, de modo algum, ser obnubilada pela claridade do sereníssimo céu e do sol.

Há apenas uma porta de puríssimo e lícido cristal, circundada C 94 de fulvo ouro, virada a oriente, cuja altura é de trinta côvados a qual, quando Nossa Sublimidade vem ao palácio abre e fecha sozinha, não lhe tocando ninguém. Mas quando outrem entra, são os porteiros que a abrem e a fecham. Por vezes, entramos C 95 nesse palácio para beber da fonte, quando estamos nessa cidade em que está implantado o palácio, chamada Briebric. Mas, quando viajamos a cavalo mandamos transportar connosco, para onde quer que vamos, da água dessa fonte, e todos os dias em jejum dela provamos três vezes, tal como foi preceituado na visão de meu pai.

No dia do nosso nascimento e sempre que somos coroado, B 96 entramos nesse palácio e enquanto permanecemos no seu interior, e se podemos aí comer, depois, ao partir, estamos tão saciado, como se tivéssemos ficado repleto de todo o género de alimentos.

Contígua ao palácio temos uma capela de vidro, não fabricada D aa por mão humana, mais maravilhosa do que todas as maravilhas, a qual, nada existindo nesse lugar, no primeiro dia do nosso nascimento surgiu aí, onde agora está, para honra e glória do nosso nome. A sua divina disposição é assim: se entram três D bb homens, fica cheia; se entram dez ou vinte aumenta e cheia fica

intrans, crescit et plena est [si centum vel mille, crescit et plena est; et] si X vel XX milia, vel C milia intrans, crescit et plena est. [A tribus et supra usque ad infinitum semper crescit et plena est]. Et sicut crescit in introitu hominum usque ad infinitum et semper est plena, ita decrescit usque ad tres et semper est plena. A tribus vero et infra non crescit neque decrescit. Hoc autem habet significare sanctam et individuum trinitatem, quia, sicut capella a tribus infra non patitur augmentum neque detrimentum, ita sancta trinitas non patitur augmentum neque detrimentum, i. non recipit plures personas vel pauciores quam tres. Semper enim in tribus personis consistit, scilicet in patre et filio et spiritu sancto, quae tres personae sunt unus verus Deus et una essentia divina.

D cc

D dd

D ee

D ff

D gg

Capellani huius capellae omnes dementulati sunt, et omnes, qui debent esse capellani in eadem capella, ab uberibus matris dementulantur. Virgines enim et mundi ab omni labe debent esse, qui in tam sacro et sanctissimo loco Deo nostro exhibent officia divina. Cum vero statutis horis debent hanc intrare capellam ad celebranda divina officia, prius ex toto se denudant in quadam camera, quae est iuxta capellam, quam ad hoc fecimus fieri. Et ita denudati stant in limine capellae, in quo quidem loco vestes mirabiles suscipiunt [et inenarrabiles], quibus induiti sollempniter [et devote] divina officia celebrant. Si quaeratur, unde sint vestes et quomodo factae, et a quo vel a quibus dentur, nec ipsi, qui eas recipiunt, nec alius mortalis posset hoc

[se entram cem ou mil, volta a crescer e continua cheia; e] se entram dez ou vinte mil, ou até cem mil, continua a aumentar e a ficar cheia. [De três e acima de três até ao infinito aumenta sempre e fica sempre cheia]. E assim como cresce com a entrada dos homens até ao infinito e está sempre cheia, assim também decresce até ao número de três e continua cheia. Mas de três para baixo não aumenta nem diminui.

Isto, na verdade têm a significância da Santa e indivisa Trindade porque, assim como a capela de três para baixo não sofre aumento nem diminuição, assim também a Santa Trindade não sofre aumento nem diminuição, não aceita mais nem menos Pessoas do que as três. Na verdade, consiste sempre nas três Pessoas, a saber, Padre, Filho e Espírito Santo, que são três Pessoas em um só Deus verdadeiro e uma essência divina.

Todos os capelães desta capela foram escolhidos e todos os que devem ser capelães na mesma capela são escolhidos no ventre das mães. Também devem ser virgens e limpos de toda a mancha, esses que em tão sagrado e santíssimo lugar procedem aos officios divinos. Mas quando nas horas devidas devem entrar na capela para celebrar os officios divinos, antes de entrar desnudam-se completamente numa câmara contígua à capela que, para isso, mandámos construir. E assim ficam desnudos no limiar da capela e nesse lugar recebem [admiráveis e indescritíveis] vestes, revestidos das quais celebram solene [e devotamente] os officios divinos. Se se pergunta de onde vêm as vestes e de que modo são feitas e por quem são entregues, nem eles próprios que as recebem nem nenhum mortal poderá dizer nem

- D hh dicere vel etiam aliquo modo excogitare. Scimus hoc tantum, quod ita sunt lucidae et praeclarae, quod nemo sine caligine oculorum potest eas contemplari. Ecce divinis celebratis, ubi vestes assumpserunt, ibidem, nescientes qualiter aut quomodo, eas deponunt et, receptis propriis vestibus in praedicta camera,
- D ii redeunt in claustrum, quod est ibi prope. De divitiis et magnitudine huius claustrum longum esset enarrare. Unum tantum sciri potest, quod nullum regnum in divitiis potest ei coaequari.
- D kk Habemus siquidem arborem[magnam], in summitate cuius est quaedam virga cum pomo superius. De praedicta vero arbore quaedam gumma lucidissima per unum solum foramen indesinenter egreditur, quae cum durescit, fit ex ea quidam lapis, qui dicitur stintochim. Natura eius, velut aqua ignem extinguit et ut ignis candelam comburit, ita praedicta gumma ferrum consumit, et si per maria et alia flumina de littore ad litus navigio trahitur, ea certe ita dividit aquam, quod quilibet sicco pede potest hinc inde indubitanter transire. Ex hac namque gumma, cum est tenera, vasa anulos et quaecunque volumus facimus fieri tamquam de mollissima cera. Porro pro fortitudine huius lapidis ex praedicta gumma nostra facimus arma fieri, scilicet clipeum, lanceam, gladium, galeam, loriam et ocreas, et etiam calcaria, quae namque tam in die quam in nocte resplendent, sicut duo luminaria caeli.
- D nn Indorum quidam sapientes dicunt praedictam arborem nostram personam significare, quia, sicut illa arbor alias superat fructu et odore, ita nostra persona in hoc mundo non habet

- sequer imaginar. Sabemos apenas isto, que são de tal modo brilhantes e esplendorosas que ninguém sem protecção nos olhos pode contemplá-las. Eis que, celebradas as cerimónias, no mesmo lugar onde receberam as vestes, não sabendo como nem de que modo, delas se despojam e, vestindo as suas próprias vestes, na sobredita câmara, voltam para o claustro que é ali mui perto. Das riquezas e grandeza desse claustro, longo seria narrar. Somente se pode saber que nenhum reino se lhe pode igualar em riquezas. Possuímos também uma árvore [magna] em cujo cimo existe um madeiro com um pomo na extremidade. Dessa dita árvore escorre espontaneamente uma resina brilhante por apenas uma abertura, a qual, quando endurece, se torna como numa pedra a que chamam «stintoquim». A sua natureza é tal que, assim como a água extingue o fogo e assim como o fogo queima a candeia, a sobredita resina consome o ferro e se um navio é conduzido pelos mares ou através dos rios de costa a costa, essa resina, sem falha, divide a água, de tal modo que quem quer pode atravessar, sem qualquer dúvida, de um lado a outro a pé enxuto. Ora, desta resina, quando está fresca, podemos mandar fazer anéis ou o que quer que seja, como de maleável cera. Mais ainda, pela resistência desta pedra proveniente da mencionada resina, mandamos fazer as nossas armas como, por exemplo, o escudo, a lança, o gládio, a loriga, as esporas e perneiras as quais, com efeito, resplandecem quer de dia quer de noite, como duas estrelas no céu. Ora, alguns sábios índios dizem que a sobredita árvore representa a nossa pessoa porque, tal como essa árvore ultrapassa as outras em fruto e aroma, do mesmo modo a nossa pessoa neste

similem neque parem. Virgam, quae est in summitate huius arboris dicunt potenciam nostram significare, quia sicut illa alta est et fortissima, ita nostra potentia est [alta, immo est] altissima et ita fortis, quod a nemine aliquo modo potest superari. Pomum vero, quod est in capite virgae, similiter asserunt nostram iusticiam designare, quia, sicut suavitate eius odoris infirmi sanantur, lapsi recreantur, famelici et sitibundi saturantur, ita et iusticia nostra. Et, quod plus est, ea homines amplius et diutius vivunt. Alii autem dicunt [praedictam] arborem mundum significare. Per virgam namque nostram assignant [pariter] personam, quia, sicut arbor virgae, ita universus [orbis seu] mundus nostrae subiacet personae. Pomum vero, ut dictum est, nostram iusticiam significat.

D oo

D pp

D qq

D rr

D ss

Habemus aliud palacium, quod fuit Pori, regis Indorum, de stirpe cuius omnis terra nostra et progenies descendit. In quo quidem palacio multa sunt humanis mentibus penitus incredibilia. Ibi [namque] sunt quingentae columpnae aureae cum capitellis aureis, et vites aureae dependent inter ipsas columnas, habentes folia aurea et ramos, alios de cristallo, alios de saphiris, alios ex margaritis, alios ex smaragdis; et parietes eius sunt vestiti laminis aureis ligatis, quae sunt grossae ad modum humani digiti. Qui parietes eius sunt ornati ex margaritis [carbunculis] et omni lapide precioso. Fores eiusdem palacii sunt eburneae et laminis aureis undique vestitae. Camerae sunt de lignis cethim et omni opere, quod umquam potest fieri de auro

mundo não tem semelhante nem igual. Do madeiro, que está no alto dessa árvore, dizem que representa o nosso poder porque, tal como essa árvore é alta e forte, assim também o nosso poder é [alto, ou antes é] tão alto e forte que não pode ser superado por nenhum outro. Por seu lado, do pomo, que está na extremidade do madeiro afirmam, igualmente, que corresponde à nossa justiça, porque, tal como com a suavidade do seu aroma os enfermos são curados, os abatidos recuperam, os esfomeados e sequiosos são saciados, assim é com a nossa justiça. E, o que é mais, os homens vivem melhor e mais tempo. Outros, porém, dizem que a [sobredita] árvore significa o mundo. Porém, o madeiro representa [igualmente] a nossa pessoa porque, assim como a árvore está abaixo do madeiro, assim todo o [orbe ou] mundo está abaixo da nossa pessoa. Mas o pomo, como foi dito, significa a nossa justiça.

D oo

D pp

D qq

D rr

D ss

Temos ainda outro palácio que pertenceu a Poro, rei dos indianos, de cuja stirpe toda a nossa terra e geração descende. No qual palácio muitas coisas há completamente incríveis para a mente humana. Aí, [com efeito], erguem-se quinhentas columnas de ouro e capitéis de ouro e videiras de ouro pendem entre essas colunas, ostentando folhas e ramos, uns de ouro, outros de cristal, outros de safiras, outros de pérolas, outros de esmeraldas e as suas paredes estão revestidas de lâminas de ouro, com a espessura de dedos humanos. As suas paredes são ornadas de pérolas, [carbúnculos] e todas as pedras preciosas. Fora do palácio estão colunas de marfim totalmente revestidas com lâminas de ouro. As câmaras são de madeira de cedro e ornadas, com

- D tt et argento et omni lapide precioso ornatae. In aula huius palatii sunt XX magnae statuae aureae, et infra ipsas sunt totidem magnae arbores argenteae velut lucernae lucidissime lucentes, in quibus resident omnia genera avium aurearum, et unaquaeque habet colorem secundum genus suum, et sunt ita per artem musicam dispositae, quod, quando Porus rex volebat, omnes simul cantabant secundum suam naturam aut unaquaeque per se singulariter. Similiter praedictae statuae musicae ita sunt aptae, quod ad voluntatem regis dulcius et suavius, quam credi potest, cantabant. Et, quod mirabilius est omni mirabili more histrionum videntur modis diversis iocari et hinc illinc torqueri.
- D uu Quas nempe statuas et aves tam in yeme quam in aestate, quando placet nostrae celsitudini, facimus cantare et iocari, dulcedo et suavitas cuius cantilenae talis et tanta est, quod auditores incontinenter obdormire facit et quodammodo extramentes efficiuntur.
- D vv
- E 36 Adhuc de cibo, quo nostra vescitur sublimitas, tuae dilectioni aliquid volumus significare. «Aliquid» dicimus, quoniam, cum multifariam multisque modis ipse noster cibus conficiatur, longum quidem esset per singula enarrare. Hoc unum ad praesens scias, quod noster cibus ad ignem non coquitur, ne fumo aut caliginibus seu cineribus aut etiam carbonibus aliquo modo possit commaculari. Habemus namque quendam lapidem, qui
- E 37
- E 38

toda a arte, como jamais pode ser encontrada, de pedras preciosas. Na grande sala desse palácio estão vinte grandes estátuas de ouro e por baixo delas estão outras tantas grandes árvores de prata, como lanternas brilhando intensamente, e nelas estão pousadas aves de ouro de todas as espécies, e cada qual tem as cores segundo a sua espécie e estão dispostas consoante a arte da música, porque, quando o rei Poro desejava, todas em simultâneo cantavam segundo a sua natureza ou então cada uma por si só. Semelhantemente, as ditas estátuas são também aptas para a música, de tal maneira que, segundo a vontade do rei, cantam tão doce e suavemente quanto pode imaginar-se. E, o que é maravilha entre as maravilhas, parecem, à maneira dos histrões, dançar de modos diversos e exercitar-se em contorciosismos, daqui e dali. A essas estátuas e essas aves, tanto no inverno como no verão, quando apraz a Nossa Alteza, mandamo-las cantar e dançar, e a doçura e suavidade de seus cantos é tal e tanta, que imediatamente os que os ouvem adormecem como se ficassem fora de si.

D tt

D uu

D vv

Neste ponto, queremos dizer-te, para tua informação, alguma coisa acerca do alimento de que se sustenta a Nossa Sublimidade. Apenas «alguma coisa» diremos porque o nosso alimento é confeccionado com tanta variedade e tantas técnicas, que seria longo descrevê-las em pormenor. Neste momento saibas apenas que o nosso alimento não é cozinhado ao fogo para que não seja conspurcado nem pelo fumo nem pela fuligem nem pelas cinzas ou até pelo carvão. Possuímos, com efeito,

E 36

E 37

E 38

- dicitur zimur, qui inciditur de quodam monte, qui vocatur eodem nomine zimurc, qui sua natura est ita calidissimus, quod certe nullus mortalium aliquomodo posset eum contingere, nisi suis manibus gestaret ferrea tenacula. De quo quidem lapide fiunt vasa intus deaurata, in quibus noster cibus sine igne coquitur. Habemus eciam quendam fontem, qui continue bullit et inremissibiliter et naturaliter ita semper est calidus, quod ad eius calorem non minus nec peius sed longe melius et purius quam ad ignem cibus percoquitur. Huius aquae nempe talis et tanta est virtus, quod, si de fonte levatur, semper bullit et semper fit calidior, et quanto longius portatur, semper bullit et sic semper de caliditate fit calidissima. De hac quippe aqua implentur magnae conchae aureae sive deaurata dolia, in quibus mittuntur magni tripodes aurei. Super quemlibet ponuntur praedicta vasa lapidea, in quibus noster cibus tam calore aquae quam vasorum sine igne, sine fumo delicate coquitur.
- E 39
- E 40
- E 41
- C 97
- Quando vero equitamus, de hac aqua cum hiis vasis nobiscum satis ferri facimus, ut, ubicunque simus, noster cibus sic pareatur, ut dictum est superius.
- Si iterum quaeris, cum creator omnium fecerit nos praepotentissimum et gloriosissimum super omnes mortales,
- Quare sublimitas nostra digniori quam presbiteratus nomine nuncupari se non permitat, non debet prudentia tua admirari.

uma certa pedra, chamada «zimur», que existe num monte que tem o mesmo nome de zimurc que, por sua natureza é quentíssimo de tal modo que, sem falha, nenhum mortal pode tocar-lhe, a menos que leve nas mãos tenazes de ferro. Dessa pedra, na verdade, são feitos vasos dourados no seu interior, dentro dos quais o nosso alimento é cozinhado sem fogo. Possuímos também uma fonte sempre efervescente e que permanece naturalmente e definitivamente quente a cujo calor é cozinhado não menos nem pior mas melhor e com mais pureza do que ao fogo. Decerto, a virtude dessa água é tal e tanta que, se é recolhida, continua efervescente, tornando-se cada vez mais quente e para quanto mais longe é levada quanto mais efervescente e mais quente se torna. Por isso, enchem-se grandes conchas de ouro ou potes dourados os quais se colocam em grandes tripés de ouro. Sobre eles se colocam então os ditos vasos de pedra, nos quais o nosso alimento quer com o calor da água quer dos vasos sem fogo, é cozinhado requintadamente, sem fumo. Sempre que cavalgamos, mandamos que levem connosco dessa água com esses vasos para que, onde quer que estejamos, o nosso alimento seja preparado assim como acima foi dito.

Se de novo perguntares por que razão o Criador de todas as coisas nos fez o mais poderoso e o mais glorioso de todos os mortais, responderei que,

Porque a Nossa Sublimidade não permite assumir um título mais digno do que o de Presbítero não deves, por prudência, admirar-te.

98 Plures enim in curia nostra ministeriales habemus, qui digniori nomine et officio, quantum ad ecclesiasticam dignitatem spectat, et etiam maiori quam nos in divinis officiis praediti sunt. Dapifer enim noster primas est et rex, pincerna noster archiepiscopus et rex, camerarius noster episcopus et rex, marescalcus noster rex et archimandrita, princeps cocorum rex et abbas. Et icirco altitudo nostra non est passa se nominari eisdem nominibus aut ipsis ordinibus insigniri, quibus curia nostra plena esse videtur, et ideo minori nomine et inferiori gradu propter humilitatem magis elegit nuncupari.

C 99 De gloria et potentia nostra non possumus ad praesens satis tibi dicere. Sed cum veneris ad nos, dices, quia vere sumus dominus dominantium universae terrae. Hoc tantillum interim scias, quod

Extenditur terra nostra in partem unam fere ad quatuor menses in amplitudine, in altera vero parte nemo potest scire quantum pro-
100 tendatur dominium nostrum. Si potes dinumerare stellas caeli et harenam maris, dinumera et dominium nostrum et potestatem nostram.

D xx Data [in nostra civitate] Bibrice XV Kalend. Aprilis anno LI nativitatibus nostrae.

De confirmatione: omnia quae superius dicta sunt, quasi incredibilia, verissima esse, quidam cardinalis, Stephanus nomine, sub pollicitatione suae fidei dicebat et omnibus palenter pronunciabat.

Temos, com efeito, na nossa corte, ministros com título e cargo mais honroso no que respeita à dignidade eclesiástica e também maiores do que nós nos officios divinos. O nosso mordomo-mor é primaz e rei, o nosso copeiro é arcebispo e rei, o nosso camareiro é bispo e rei, o nosso marechal é rei e arquimandrita, o chefe dos cozinheiros é rei e abade. E por isso a Nossa Alteza não consente ser nomeada pelos mesmos nomes nem designada pelos mesmos cargos de que a nossa corte parece estar cheia e, por isso mesmo e em sinal da humildade, prefere assumir um título menor e um grau inferior.

Acerca da nossa glória e poder não podemos, ao presente, dizer-te mais. Mas, quando vieres até nós, verás que na verdade somos o Senhor dos Senhores de toda a terra. Por agora, saibas apenas este pouco, a saber que

A nossa terra [se] estende para um lado até à extensão de quatro meses em largura, e para o outro lado ninguém pode saber até onde se dilata o nosso domínio. Se podes contar as estrelas do céu e as areias do mar, então poderás contar os nossos domínios e o nosso poder.

Feita [na nossa cidade de] Bibrice no dia 15 das Calendas de Abril do ano 51 do nosso nascimento.

Como confirmação: todas as coisas que acima são ditas, por incríveis que pareçam, são verdadeiras: por isso, o cardeal, de nome Estêvão, as afirmava sob juramento de sua fé, e anunciava-as publicamente a todos.

E 42
Explicit liber sive Istoría presbiteri Iohannis, quae translata fuit
de Graeco in Latinum a Christiano Maguntino archiepiscopo.
Iste Christianus superpositus fuit Chunrado archiepiscopo. Iste
Manuel regnavit in Graecia ab anno domini 1144 usque ad
annum domini 1180.

Trata-se do Livro ou História do Preste João, que foi traduzida E 42
do grego em latim pelo arcebispo Cristiano de Mogúncia.
Este mencionado Cristiano foi o arcebispo Conrado. O refe-
rido Manuel reinou na Grécia desde o ano do Senhor de 1144
até ao ano do Senhor de 1180.

NOTAS

- §1. *Presbiter Iohannes [rex regum et] dominus dominantium*. O título do Preste João, análogo ao do autor do Apocalipse canónico (*Presbíteros Ioannis*), evoca o carácter sacerdotal da sua soberania imperial. Ele é «Senhor dos Senhores» e «rei dos reis», como Cristo ressuscitado (*Apocalipse*, XVII, 14; XIX, 16).
- Emanueli, Romeon gubernatori*. Trata-se provavelmente do soberano bizantino Manuel I Comeno, imperador romano do Oriente (entre 1143-1180), e contemporâneo das primeiras versões conhecidas da *Carta*; o título fictício de «governador dos romanos», aqui atribuído a Manuel I Comeno, é usado no *Romance de Alexandre* para designar Ptolomeu, o sucessor do Macedónio.
- §2. *Per apocrisiarum nostrum*. Certos autores notam que o termo *apocrisarius*, «mandatário» ou «embaixador», surge pelo menos nove vezes na *Historia de proelis*, a versão latina do *Romance de Alexandre*. Tratar-se-ia de um sinal (entre muitos outros) de que o *Romance* inspirou directamente a composição da *Carta do Preste João*.
- §4. *Graeculi tui Deum esse existimant*. O modelo de soberania sacerdotal bizantina, o designado cesaro-papismo, é na *Carta* questionado e implicitamente contraposto ao modelo utópico indiano (ver adiante §98.).
- §6. *Ierarcham*. Trata-se, muito provavelmente, do hierácio, um colírio ou unguento antigo produzido a partir da leituga (planta do género *Hieracium*), para prevenir doenças oculares; era favorecido como presente entre soberanos. *Hieracium* deriva do gr. *hierax*, «falcão»; na tradição dos bestiários, os falcões bebem o suco desta planta para fortalecer a sua visão (relacionar com a referência à pedra «midriosis»: cfr. nota ao §27).
- Lechito* designa um pequeno jarro para guardar unguentos.
- Tigna*, aqui conjecturalmente traduzido por «diadema», é possivelmente uma corrupção do termo de origem grega *diadema*.
- §8. *Memorare novissima tua...* Cfr. *Ecclesiastes*, VII, 40.

- §9. *Septuaginta duo reges*. O cristomimetismo da figura do Preste João é aqui sublinhado pelo simbolismo numérico: Jesus Cristo enviou os seus setenta e dois discípulos para evangelizar as setenta e duas nações da ecúmena; o Preste João reina portanto sobre uma nação que espelha, em microcosmos, o reino de Cristo (ver também §13).
- §11. *Visitare spulchrum domini*. O voto aqui expresso é também reportado noutros textos contemporâneos, a propósito de figuras de soberania identificáveis com o Preste João, ou de informações sobre a expansão dos mongóis khara-kitai no Médio Oriente (em particular, sobre a guerra contra os turcos seldjúcidas). *Inimicus crucis Christi*. Este desejo reflecte um apelo à aliança cruzadística entre os soberanos cristãos orientais e ocidentais, que merece ser lido no âmbito da preparação da segunda cruzada, liderada por Frederico II Barbaruiva (note-se que a proveniência provável da *Carta do Preste João* é a corte imperial alemã); a sugestão, de tons apocalípticos, de existência de um rei-sacerdote oriental que, pela conquista de Jerusalém, inauguraria o milénio, constitui a base ideológica do texto.
- §12. *In tribus Indiis*. A tradição cosmográfica europeia antiga e medieval distingue três Índias, de contornos pouco precisos: a Índia ultra-gangética, o território que medeia entre o Indo e o Ganges, e uma «terceira» Índia, ocidental, que em certas cosmografias chegava a estender-se mesmo até à Etiópia. *Corpus Sancti Thomae apostoli*. A tradição literária nestoriana explorou profundamente a associação de São Tomé ao Oriente, como evangelizador da Índia. O texto da *Carta do Preste João* incorpora vários elementos dessa tradição: não apenas as referências ao corpo incorrupto de São Tomé, mas também ao patriarcado cristão na Índia (§74.), ao palácio celeste «construído» pelo apóstolo para o rei indiano Gundoforo (§56), entre outras. A referência ao túmulo de São Tomé deve ser articulada com as tradições cristãs sobre a transladação do seu corpo, de Mailapur para Edessa, importante centro cristão cujo patrono era precisamente São Tomé (note-se que a *Carta* surgiu pouco tempo depois da tomada de Edessa pelos exércitos muçulmanos).
- §14. *Methagalinarii, cametheternis, thinsiretae*. Animais fabulosos e quimeras não referenciados na literatura dos *mirabilia*, que são aqui mencionados com a intenção de sublinhar o carácter exótico da fauna indiana: o primeiro termo é possivelmente um neologismo; o segundo parece ser uma corruptela de *chimera triformis*; quanto ao terceiro, certos autores especulam que deriva de [*monstris*]

Circie terrae («monstros da terra de Circe», título de um capítulo do *Monstris et belluis*, um bestiário medieval bastante vulgarizado). É de notar a mudança de registo da Carta: a partir daqui, o texto assume durante vários parágrafos o tom de catálogo de maravilhas orientais, resumindo listas enciclopédicas (de Plínio, de Júlio Solino, de Isidoro de Sevilha...) sobre a fauna e as populações humanas maravilhosas e monstruosas da Ásia.

Lamiae. O termo designa habitualmente um vampiro ou coruja fantásticos (também usado como sinónimo de «bruxa»).

§[D]a. *Canes magni agrestes*. O texto refere que os cães selvagens são «humanizados», o que pode significar o mesmo que «domesticados» mas também que a interpolação [D] introduz elementos descritores de uma população monstruosa frequentemente referenciada na literatura clássica e medieval: os cinocéfalos (homens com cabeça de cão), mencionados em §14. O método de aprisionamento dos cachorros evoca as descrições dos bestiários medievais sobre o roubo das crias de tigres.

§[D]e. *Formicae magnitudine catulorum*. A versão mais antiga da conhecida descrição das formigas gigantes escavadoras de ouro surge nas Histórias de Herodoto (III, 102-105).

§[C]16. *Gog et Magog*. A lista de povos malditos de hábitos corrompidos e alimentação impura, onde se incluem os demoníacos Gog e Magog, mencionados no *Apocalipse segundo S. João* (XX, 8) e referidos por vários autores, de Flávio Josefo a Pedro Comestor, evoca uma lista equivalente, oriunda das *Revelações* do Pseudo-Metódio, e integrada em versões medievais do *Romance de Alexandre*. Aliás, a indicação, na *Carta do Preste João*, de que o Macedónio enclausurou estes povos entre montanhas é consistente com as informações do *Romance*. Aqui, Alexandre ordena que os portões sejam cobertos de asbesto ou amianto, cuja associação com a «película» incombustível fabricada pelas salamandras é clara; é a partir desta película que são tecidas as roupas do Preste João (cfr. §42-43). O texto da *Carta* sugere, por uma associação metafórica de evidente fundo milenarista, que o soberano indiano tem a função, herdada de Alexandre, de reter os povos apocalípticos nos confins da Ásia, até à vinda do Anticristo.

§21. *Terra nostra melle fluit...* A Índia é assimilada à «terra prometida» do *Antigo Testamento* (cfr. *Êxodo*, III, 8; *Deuterónimo*, XXVI, 9). A ausência de animais venenosos e ruidosos e a quase anulação do poder do Mal, numa região próxima do Paraíso terrestre, sublinha o carácter utópico da sociedade governada pelo Preste João (cfr. nota ao §45).

Ydonus. O rio Idono é assimilado ao Fison, o primeiro dos rios que, no *Génesis*, fluem do Paraíso, e em cujo leito se encontram pedras preciosas que dali provêm (*Génesis*, II, 10-14).

§22. *Herba, quae vocatur assidios*. Erva de etimologia desconhecida. As propriedades que lhe são atribuídas identificam-na, na opinião de certos autores, com o absinto (gr. *apsinthion*, lat. *absinthium*).

§24. *Piper nascitur et collegitur*. A descrição da colheita da pimenta, e da combustão das serpentes, constitui uma transformação das descrições clássicas da colheita dos aromatos (cardamomo, incenso, etc.). Em termos simbólicos, a resistência da pimenta ao fogo terrestre é formalmente análoga à incombustibilidade das roupas do Preste João – como este, a pimenta exprime uma natureza quente e «elevada», oposta à natureza fria e «baixa» das serpentes.

§27. *Unde fons perspicus oritur*. A descrição desta fonte situada no sopé do monte Olimpo – por vezes identificado com os Himalaias – evoca directamente o motivo maravilhoso da fonte da eterna juventude, no *Romance de Alexandre* e nas lendas artureanas. A atribuição de um aspecto correspondente ao de um homem com 32 anos de idade sugere uma associação adicional ao *Romance*: Alexandre teria morrido precisamente com essa idade. Além desta, o texto refere ainda uma fonte maravilhosa no interior do segundo palácio do Preste (§[C]79), e outra numa ilha meridional, habitada por populações utópicas (§[E]3).

Lapilli quae vocatur midriosi. As pedras que possibilitam simultaneamente invisibilidade e uma visão sobrenatural, interligam os motivos da fonte da eterna juventude e o da águia, animal de visão penetrante e representação de Cristo. O sentido da sua presença no reino do Preste João deve ser buscado em correlação com outros motivos codificadores de uma simbologia da visão mística (a torre do espelho que permite a omnisciência, por exemplo; cfr. §68-72). Segundo vários autores, *midriosi* constitui uma corrupção de *nidosi*, evocando-se referências frequentes na literatura dos bestiários e lapidários a pedras presentes nos ninhos das águias, responsáveis pela regeneração e fortalecimento das suas capacidades visuais. Na versão da *Carta do Códice alcobacense* (da Biblioteca Nacional de Lisboa) lê-se *nidosi*, em vez de *midriosi*.

§[E]1. *Copiosissime pluit manna*. Ver *Êxodo*, XVI, 15. Esta referência à chuva de maná, que alimenta populações insulares de natureza utópica, com vida prolongada (cuja descrição é evocadora dos brâmanes, mais adiante; §[D] t-u), merece ser lida em articulação com outros motivos que definem, por oposição ao caniba-

lismo e consumo de carne crua por parte de populações monstruosas e não-cristãs, a alimentação «elevada» do Preste João e dos seus súbditos cristãos (o pão-maná proveniente do moinho cósmico, o palácio que alimenta maravilhosamente aqueles que ali entram, o pomo místico, a pedra zimir e a fonte efervescente que cozem sem fogo, etc.; cfr. §[D] v seq, §[B]78, §[E]35, §[E]36 seq.). A descrição destas populações insulares é directamente baseada em passagens comuns a vários relatos enciclopédicos clássicos e medievais, assim como ao próprio *Romance de Alexandre* (ver, em particular, o encontro de Alexandre com os gimnosofos).

§[E]5. *Terra es et in terram reverteris*. *Génesis*, III, 19. Os termos da profecia incluída nesta passagem remetem para o texto do *Apocalipse segundo S. João* (XVI, 4 seq.). De notar ainda, a ideia de imputrescibilidade dos corpos dos mortos depositados na proximidade de árvores odoríferas.

§[E]6. *Caverna draconum*. O motivo dos dragões voadores domesticados deve ser lido nos mesmos termos que a menção aos aliados do Anticristo: estes, sendo prisioneiros do Preste João, são, ainda assim, seus servidores (cfr. atrás, §[C]16). Os emissários do Preste João que percorrem o mundo montados nos dragões voadores para obter informações sinalizam, como o espelho montado sobre a torre, sinais da omnisciência do soberano indiano.

§31. *Harenosum mare*. As ideias de intransponibilidade e de inacessibilidade, expressas nas referências ao mar arenoso e ao rio das pedras, são importantes elementos caracterizadores do reino do Preste João. Em textos que denunciam parentesco com a *Carta*, essas ideias são também sublinhadas: na *Crónica* de Otão de Freising, o soberano dispõe-se a conquistar a Terra Santa mas é impedido por um rio cujo fluxo é intransponível; nas *Viagens* de John Mandeville, a Índia é tornada inacessível devido a uma «terra de escuridão» quase intransponível. Na *Descrição das Maravilhas*, Jordano de Séverac descreve também o mar arenoso, mas a oeste da Índia: este motivo, como o do rio procedente do Paraíso, das montanhas altíssimas ou o da fé cristã do imperador, foi utilizado, a partir do século XV, no processo de «deslocação» do reino da Índia para a Etiópia e de identificação entre o Preste João e o soberano monofisita etíope.

§[C]34. *Lapis admirandae virtutis*. Esta referência a uma rocha de milagrosos poderes curativos deve ser lida em conjunto com a descrição da fonte maravilhosa no segundo palácio do Preste João (§[B]79 seq.). A associação entre cura maravilhosa, prolongamento sobrenatural da vida e incorruptibilidade do corpo

devidas a uma fé cristã imaculada, remetem directamente para as descrições do chamado «milagre póstumo de São Tomé», contidas em textos próximos da Carta (ver a *Carta* de Odo de Rheims, ou o anónimo *Advento do Patriarca à Urbe*, por exemplo).

- §38. *Sub terra fuit rivulus*. O tema do ribeiro que desaparece sob a terra é frequente na literatura de viagens medieval (cfr., por exemplo, as *Aventuras de Sinbad, o marinheiro*); ver também, na cartografia ecuménica, os rios que desaparecem nos desertos africanos.
- §40. *Nutriuntur autem... pueri in aqua*. A passagem evoca as descrições dos pescadores de pérolas, comuns na literatura enciclopédica e de viagens, clássica e medieval.
- §41. *X tribus Iudeorum*. Também recorrente nas descrições do continente asiático (ver, em particular, o relato de Eldad Ah-Dani), a referência às dez tribos perdidas de judeus surge frequentemente interligada com a menção dos povos malditos de Gog e Magog.
- §42. *Vermes qui lingua nostra dicuntur salamandrae*. Como foi anteriormente anotado (nota: §[C]16), a película incombustível produzida pelas salamandras, a partir da qual são fabricadas as roupas do Preste João, constitui uma provável referência ao amianto. Mas é importante notar que o texto da *Carta* omite uma característica essencial da salamandra, presente nas enciclopédias e bestiários: a salamandra é, como réptil ou verme imensamente venenoso, um animal monstruoso associado ao Diabo. A sua associação às «roupas» do soberano sacerdotal semi-divino (isto é, em termos teológicos, a uma corporalidade humana perecível, se bem que sobrenaturalmente preservada), constitui uma referência à sua soberania simultaneamente política e espiritual. A ligação do Preste João às venenosas salamandras é um poderoso elemento de ambigüização da figuração de uma soberania ideal talvez excessivamente cristomimética.
- §45. *Nullus pauper est inter nos*. Como é evidenciado pela ausência de pobreza, de desigualdade, de criminalidade, e quaisquer vícios, ódios ou mentiras (§51-52), a sociedade indiana apresenta-se como um modelo de perfeição sociológica inspirada pela ética cristã (cfr. também notas a §21 e [E]1); em articulação com a descrição do palácio cuja luz interior é mais intensa que a do sol, e da sua fonte dadora de vida (§[B]79, §[B]93), estes motivos evocam directamente a utopia cristológica da Jerusalém celeste do *Apocalipse segundo S. João* (XXI-XXII).
- §46. *Equos paucos habemos et viles*. Informação que, como as que se referem aos brâmanes, aos elefantes amestrados, à abundância de pedras preciosas, etc., era

vulgar em qualquer relato ou descrição da Índia, desde pelo menos Megasthenes ou Arriano.

- §[E]8. *V lapides incredibiliter virtuosos*. A descrição das pedras consagradas e não consagradas do Preste João, com paralelos claros com o *Lapidário* de Marbode de Rennes, contém, tal como o mecanismo do moinho cósmico, por exemplo, fortes conotações alquímicas.
- §47. ... *Ad bella contra inimicos nostros*. Apresentação que espelha a natureza cruzadística do exército do Preste João, sobretudo na referência às treze cruzes (12 + 1: os apóstolos e Cristo), ao lenho da verdadeira cruz, e aos vasos simbolizadores da magnificência e humildade do soberano.
- §53. *Tyros, terrentes*. Tradução aproximativa, dada a impossibilidade de identificar as cobras a que o texto se refere; em certas versões, *terrentes* é substituído por *thinsiretae* (cfr. nota ao §14).
- §[D] k. *Amazones*. A apresentação das amazonas é, pelo menos em parte, baseada nos relatos clássicos (Herodoto, Plínio, etc.), provavelmente por intermédio do *Romance de Alexandre*, onde é relatado o encontro do Macedónio com a rainha das amazonas. Os «peixes» amestrados a que o parágrafo se refere são, possivelmente, focas.
- §[D] t. *Bragmani*. Assim como na menção às amazonas, a *Carta* segue, na descrição do *comptentus mundi* dos brâmanes, o texto do *Romance de Alexandre* (cfr. o encontro de Alexandre com os gimnosofos, cuja ilha renuncia a conquistar).
- §56. *Palatium*. Na concepção deste primeiro palácio do Preste João, e dos seus outros dois (§[B]76, [D]kk), é notável a importância atribuída à sua arquitectura mística, parcialmente inspirada nos modelos do palácio e templo de Salomão (*Reis*, I, 7; *Crónicas*, II, 3) e da Jerusalém celeste do *Apocalipse* (nomeadamente nas referências a materiais de construção e decoração). De evidenciar a associação da concepção do primeiro e segundo palácio à literatura profética: explicitamente, no segundo caso – o pai do Preste João, Quasedeus, constrói o palácio na sequência de um sonho profético –, a associação é implícita no primeiro. Com efeito, o texto anuncia que o primeiro palácio foi edificado à imagem do palácio do rei Gundoforo: este é o rei indiano que, nos *Actos de Tomé*, é convertido pelo apóstolo ao cristianismo depois de visitar o céu e confirmar que aí se encontra o palácio cuja existência aquele havia profetizado. Esta referência, assim como a descrição do segundo palácio, acentuam o carácter «celeste», «elevado», do reino do Preste João. Esta caracterização é aliás consentânea com a sua localização

oriental, nas imediações do Paraíso: na perspectiva cosmográfica cristã medieval, a Ásia era uma região que se encontrava, ao contrário da Europa e da África, próxima da esfera celeste.

§62. *Corneoleae*. A tradução de *corneoleae* por «cornalinas» parece ser a mais adequada, numa passagem onde são listadas as diversas pedras preciosas e semi-preciosas que decoram o palácio do Preste; no entanto, a tradução alternativa por «pequenos cornos» é igualmente legítima: note-se que no §58 surge uma referência ao «corno de cerasta» que, misturado com sardónica, apresenta uma função equivalente à das *corneoleae*: aquela funciona como preventor da entrada de veneno no palácio, estas funcionam como antídoto contra a «má influência» do ónix.

§64. *Mulieres speciosissimas habemus*. A poligamia do Preste João, ainda que estritamente regulada para fins procriativos e condicionada pela presença do leito de safira («por causa da castidade»), constitui um importante elemento de alteridade numa figura tendencialmente cristomimética (tal como as suas vestes fabricadas pelas salamandras). Na literatura de viagens trecentista e quatrocentista, a poligamia do Preste João começa a ser articulada com uma suposta fé nestoriana, perdendo o soberano, gradualmente, os seus poderes e características semi-divinos (a descrição da Índia nas *Viagens* de John Mandeville é, a este respeito, exemplar).

§65. *In mensa nostra*. Na corte do Preste João, uma comensalidade simultaneamente excessiva (af são, diariamente, alimentadas mais de trinta mil pessoas) e contida (há apenas uma refeição por dia, a mesa de esmeralda impede a embriaguez) exprime a ideia de uma Cocanha paradoxal: a abundância alimentar que não resulta em consumo orgiástico, como a imensa riqueza material numa sociedade igualitária e espiritualizada, são expressão da natureza ambígua da proposta de constituição de um reino ideal entre as esferas terrestre e celeste, entre o humano, corruptível e corpóreo, e o divino, eterno e imaterial – ambiguidade que afecta também, de forma manifesta, o soberano: alimentado a partir do «alto», é vestido por seres ctónicos monstruosos; magnificente rei dos reis é também humilde presbítero.

§[D]v. *Fecimus fieri molendinum*. A concepção do moinho maravilhoso, alquímico, cuja abóbada é o próprio cosmos, e cuja pedra de mó se torna invisível ao girar, convoca a imagem do maná divino, um alimento que, à semelhança de Cristo, é simultaneamente material e espiritual, visível e invisível, frio e quente, alto e baixo, etc. De notar, a riqueza do imaginário arquitectónico e tecnológico aqui expresso.

§[E] 25. *Galli*. A tradução aqui apresentada é literal, e o sentido da passagem é obscuro: não foi possível identificar os «Galos» a que o texto se refere – o mesmo acontecendo com o «sangue de ircino» (§[E]29).

§67. *Speculum praecelesae magnitudinis*. Invisível ao mundo, o Preste João, tal o Cosmocrator, tudo vê e tudo conhece do mundo que senhoreia. Ver atrás, as notas aos §27 e [E]6, a propósito das características omnividentes e omniscientes do espelho mágico (telescópio?) montado sobre uma enigmática torre de colunas (evocativo dos espelhos do *Romance de Eneias* ou do *Parcival* de Wolfram).

§73. *Serviunt nobis reges VII*. Este parágrafo deve ser articulado com o §9, em que o Preste João se auto-denomina Senhor dos Senhores exercendo a sua soberania sobre 72 reis, e sobretudo com o §98: af, onde é explicada a razão do título do soberano indiano – no topo da hierarquia político-administrativa, ele, «por humildade» não pretende mais que o cargo de simples presbítero («um título menor e um grau inferior») – é apresentada uma estrutura de poder onde cargos temporais se entrelaçam com cargos espirituais, que realça o cristomimetismo da soberania ideal indiana (o Preste João é, como Cristo, rei e sacerdote).

§74. *Patriarcham Sancti Thomae*. A referência ao patriarca de São Tomé é um importante elemento da caracterização da soberania indiana: o par rei-sacerdote / patriarca, já presente na parte final do relato dos *Actos de São Tomé*, como parte do processo de cristianização do reino indiano, ressurgiu no século XII, em textos que prefiguram algumas problemáticas da *Carta* (no *Advento do patriarca à Urbe* e na *Crónica* de Otão de Freising). Sendo uma constante na literatura de viagens, a conceptualização da relação entre Preste João e patriarca de São Tomé projecta-se de forma dramática na história da missão jesuíta na Etiópia, onde o soberano, exercendo funções sacerdotais, mantinha também uma relação institucional com o patriarca nomeado pela igreja copta de Alexandria: a substituição do patriarca copta por um patriarca católico nomeado pelo papado, constituiu o cerne do frustrado projecto missionário jesuíta (projecto que implicaria a necessária sujeição do soberano etíope à autoridade de Roma).

Protopapaten... et archiprotopapaten. Termos de provável origem nestoriana que, reportando-se a uma hipotética estrutura eclesial no Oriente conquistado por Alexandre, no *Romance* (Samarçanda, Susa), parecem indicar sobretudo que a *Carta do Preste João* se inspira, parcialmente, em tradições literárias cristãs orientais (nestorianas, edessinas). Outra interpretação possível é que estes termos possam ter sido introduzidos no texto latino da *Carta* para lhe conferir uma

tonalidade oriental (como aliás várias ocorrências helenísticas: *romeon gubernator, rigna, apocrisiarum, ierarcham, lechito*, etc.).

§[B]76. *Habemus aliud palatium*. Este segundo palácio do Preste João, edificado pelo seu pai (o qual ostenta o sugestivo nome de Quasedeus) na sequência de uma revelação divina, é, mais explicitamente que o primeiro palácio descrito, uma representação «pré-apocalíptica» (ou seja, milenar) da Jerusalém celeste: quem aí entra sacia a sua fome, cura as doenças, recebe vida (como no *Apocalipse*, «ninguém, dentro [do palácio], poderá morrer desde o dia em que tiver lá entrado»); a fonte descrita parece ser uma elaboração sobre o motivo da fonte da vida, na Nova Jerusalém (*Apocalipse*, XXII, 1); o palácio é construído numa planície evocativa do Paraíso terrestre, em cujo centro nasce uma «árvore da vida», cujo pomo é uma óbvia simbolização da figura de Cristo ressuscitado (§[E]33); outro indício da fortíssima presença simbólica do *Cosmocrator* neste palácio é a importância atribuída ao carbúnculo (representação de Cristo) na iluminação do palácio (o palácio não tem aberturas para que a claridade dos carbúnculos não seja obscurecida pela do sol; §[B]92). Cfr. ainda a nota ao §56.

Quasideus. O termo remete possivelmente para a forma latina do nome do segundo soberano indiano convertido por São Tomé, nos *Actos de São Tomé*: *Misdeus* (derivado do síriaco *Mazdai*) é, na segunda parte dos *Actos*, o rei que ordena o martírio do apóstolo e cujo filho, *Vizan*, convertido ao cristianismo, se torna um soberano sacerdote (o apóstolo confere-lhe, precisamente, o título de presbítero); vários autores sugerem uma ligação temática e etimológica entre *Visan* e o [*Presbíter*] *Iohannes*; por outro lado, o sonho de Quasedeus pode ser lido como uma transformação do sonho profético de *Mazdai*=*Misdeus*, nos *Actos*.

§[D]aa. *Habemos capellam vitream*. A capela de cristal, de fabricação maravilhosa, representação da essência trinitária da divindade, é o corolário da natureza mística e cosmológica do segundo palácio do Preste João; a própria presença desta capela sublinha, no entanto, os limites da identificação apocalíptica do segundo palácio do Preste João: ao contrário deste, na Nova Jerusalém do *Apocalipse*, não há templos, «pois o seu templo é o Senhor» (XXI, 22).

§[D]ee. *Capellani ... omnes dementulati sunt*. Tendo em atenção o contexto frásico, optou-se por traduzir *deme[n]tulati* por «escolhidos», assumindo-se que se trata de uma forma corrompida do verbo *demetere* (colher, seleccionar). O desnudamento e o uso de «admiráveis e indescritíveis vestes» no interior da capela, pelos capelães «escolhidos no ventre das mães», é uma importante referência à

problemática dualista das «vestes imundas» vs. «vestes de glória», que subjaz ao tema da crucificação e da entronização celeste de Cristo. Esta passagem é um sinal adicional de identificação do palácio como representação milenar da Nova Jerusalém, onde só entram, «trajados com vestes brancas», «os que estão inscritos no livro da vida», «os que lavam as suas vestes» (*Apocalipse*, VII, 13; XXI, 27, XXII, 14); cfr. nota ao §42.

§[D]kk. *Stintockin*. Termo não referenciado. A árvore que produz esta resina miraculosa possivelmente evocativa do incenso, simbolizando o próprio Preste João, constitui mais uma equivalência à figura de Cristo crucificado/entronizado.

§[D]qq. *Palatium, quod fuit Pori*. Poro é o rei dos indianos contra o qual Alexandre Magno combate e vence, no *Romance*. Neste palácio merece atenção, sobretudo, a referência aos autómatos que, no *Livro de Marco Polo*, o viajante veneziano encontra na corte chinesa.

§[E]38. *Zimur*. Cfr. notas a §[E]1 e §65.

§97. *Presbiteratus nomine*. Cfr. nota ao §73.

§98. *Sumus dominus dominantium universae terrae*. Esta referência explícita melhor o conteúdo do parágrafo inicial, atribuindo-se aqui ao Preste João, inequivocamente, características de *Cosmocrator*, resultantes da mescla de duas figuras ecuménicas do poder, Alexandre e Jesus Cristo (note-se que os textos sobre os quais a Carta se inspira mais directamente são precisamente o *Romance de Alexandre* e a parte final do *Apocalipse segundo S. João*); cfr. nota ao §1.

§[E]42. *Si potes dinumerare stellas caeli*. Cfr. Génesis, XV, 5.

§[E]42. *Christiano Maguntino*. Segundo vários autores, este arcebispo ligado à política imperial alemã e próximo do erudito e influente tio de Frederico Barbarruiva, o bispo Otão de Freising, foi emissário imperial à corte bizantina de Manuel Comeno, onde se teria familiarizado com tradições cristãs orientais relacionadas com São Tomé (de Edessa, em particular). Cristiano, sucessor de Conrado no arcebispado de Mogúncia (Mainz), teria sido o escritor da Carta, ou então o alvo de um processo difamatório que o ligava a este texto (a associação surge numa interpolação textual relativamente tardia).

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

a «versão original» e as reconstruções da Carta do Preste João	7
BIBLIOGRAFIA	21
NOTAS À INTRODUÇÃO	23
CARTA DO PRESTE JOÃO DAS ÍNDIAS	51
NOTAS	127

LISTA DAS ILUSTRAÇÕES

1. Códice Alcobacense: *De India et ejus mirabilibus*. Biblioteca Nacional de Lisboa, Ms. alc. 380 fol. 41 (fotogr. B. N. L.)
2. Ilustração de Hartmann Schedel, *Chronicarum liber*, Nuremberga, 1493; reprod. in: François Garnier, *Thesaurus iconographique. Système descriptif des représentations*, Paris, Le Léopard d'Or, s.d., p. 116 (fig. 230)
3. Ilustração do *Zu Konzil zu Konstanz*, de Ulrich Richental - pormenor do fol. 130 (Constância, 1465); Konstanz, Rosgartenmuseum, Hs. I, fol. 130 (fotogr. Rosgartenmuseum - Konstanz)
4. Ilustração do *Evangelário de Otão III* (Reichenau, 997-1000); Staatsbibliothek, München (Clm. 4453, fol. 23v, 24r) (fotogr. Max Hirmer)
5. Mosaico na absida da igreja de San Vitale, em Ravenna (fotogr. Max Hirmer)
6. Frontispício do poema em rima oitava de Giuliano Dati, *La Gran Magnificencia del Prete Ianni Signore dell'India Maggiore e della Ethiopia* (Florença, fim do século VX). Reprod. in: Leo S. Olschki, *Storia letteraria delle Scoperte Geografiche*, Studi e Ricerche, Firenze, Leo S. Olschki Editore, 1937
7. Pormenor do *Atlas* catalão de Abraão Cresques (1375); Bibliothèque Nationale de Paris, Ms. espagn. 30 (fotogr. B. N. P.)
8. Ilustração do *Bestiário de Oxford* (séc. XIII); Oxford, Bodleian Library, Ms. Ashmole 1511, fol. 8 3r (reprod. in: *Ediciones de Arte y Bibliografía*, Madrid 1983, p. 281)
- 9/10. Ilustração das *Travels of John Mandeville*, episódio incluído no *Livre des Merveilles* de Marco Polo (1410); Bibliothèque Nationale de Paris, Ms. fr. 2810, fol. 211v (fotogr. B. N. P.)
11. Ilustração do *Livre des Merveilles*, de Marco Polo (1410); Bibliothèque Nationale de Paris, Ms. fr. 2810, fol. 84r (fotogr. B. N. P.)
12. Ilustração das *Esopi apologi sive mythologi cum quibusdam carminum et fabularum additionibus Sebastiani Brant*, Basel, Jacobus de Photzheim, 1501, fol. 158v; Bibliothèque Universitaire de Bâle, AN VI. 198 (fotogr. B. U. - Bâle)
13. Pormenor de um mosaico da nave central da catedral de Otrante, anterior a 1165 (fotogr. Gabinete Fotografico Nazionale - Roma)
14. Ilustração do *Romançe de Alexandre*; Bibliothèque Nationale de Paris, Ms. fr. 20125, fol. 235 (fotogr. B. N. P.)
15. *Mapa-mundo* "Saltério" (meados do século XIII); The British Library, Add. ms. 28 681, fol. 9 (fotogr. B. L. - London)
16. *Mapa-mundo* incluído nas *Etymologie*, de Isidoro de Sevilha (Augsburg, 1472); The British Library - Department of Manuscripts
17. Pormenor da *Carta marítima da Europa ocidental e da África do norte*, de Mecia de Viladestes (1413); Bibliothèque Nationale de Paris, C. Pl. Rés. Ge. AA. 566 (fotogr. B. N. P.)
18. Pormenor do *Planisfério* de Juan de la Cosa (1500); Madrid, Museu Naval (fotogr. Oroñoz)
19. Ilustração do *Wappenbuch* de Conrad Grünenberg (Constância, 1480); München, Bayerische Staatsbibliothek, Cgm. 145, p. 53 (fotogr. Bayerische Staatsbibliothek - München)
20. Pormenor do *Mapa-mundo* catalão (Modena, 1450-1460); Modena, Biblioteca Estense, inv.: C.G.A.I. 1 (fotogr. Menil Foundation / Hickey & Robertson)
21. Mapa do Oceano Índico Ocidental, *Atlas* de Diogo Homem, de 1558; The British Library - Map Library, K50735 (fotogr. B. L. - London)
22. Pormenor do mapa de Pierre Desceliers (Dieppe, 1550); The British Library - Map Library (fotogr. B. L. - London)
23. Pormenor da *Carta Universal* de Sancho Gutiérrez (1551); Staatsbibliothek, Wien (fotogr. Staatsbibliothek - Wien)
24. *Atlas Vallard* (1547); Huntington Library, HM29(4) (fotogr. Huntington L. - London)
25. Pormenor do portulano da família Maggiolo (1563); Bibliothèque Nationale de Paris (fotogr. B. N. P.)
26. Imagem de rosto da 1ª edição da *Verdadeira informação das terras do Preste João das Indias*, do P.º Francisco Álvares, Lisboa, impress. Luis Rodriguez, 1540 (fotogr. Col. particular)
27. Frontispício da 1ª edição da *História de Ethiopia a Alta ou Preste Joam, e do que nella obrarari os Padres da Companhia de Jesus*, versão do P.º Baltasar Teles, Coimbra, por Manuel Dias impress. da Universidade, 1660 (fotogr. Col. particular)
28. Frontispício da *Relation (Voyage) Historique d'Abysinie du Pere Jerome Lobo de la Compagnie de Jesus*, traduzido pelo Abade Joachim Legrand, Paris, 1728 (fotogr. Col. particular)
29. Frontispício do livro de John Camden Hotten, *Abysinia and its People; or, Life in the Land of Preter John*, London, 1868 (fotogr. Col. particular)
30. Ilustração do *Bestiário* de Oxford (século XIII); Oxford, Bodleian Library, Ms. Ashmole 1511, fol. 8v (reprod. in: *Ediciones de Arte y Bibliografía*, Madrid 1983, p. 290)
31. Ilustração de um *Bestiário* da British Library; The British Library, Department of Manuscripts, Ms. Harley 3244, fol. 59b (fotogr. B. L. - London)
32. Ilustração do *Horus sanitatis de Johannes Cuba*, de 1491; reprod. in: François Garnier, *Thesaurus*

- iconographique. *Système descriptif des représentations*, Paris, Le Léopard d'Or, s.d., p. 116 (fig. 229)
33. Ilustração do In *Apocalypsin*, do Beato espanhol (Península Ibérica, fim do século X); John Rylands University Library, Ms. In *Apocalypsin*, fol. 14r (fotogr. J. R. U. L. - Manchester)
34. Ilustração do *Bestidrio* de Oxford (século XIII); Oxford, Bodleian Library, Ms Ashmole 1511, fol. 79r (reprod. in: *Ediciones de Arte y Bibliografía*, Madrid 1983, p. 285)
35. Ilustração do *Bestidrio* de Oxford (século XIII); Oxford, Bodleian Library, Ms Ashmole 1511, fol. 60v (reprod. in: *Ediciones de Arte y Bibliografía*, Madrid 1983, p. 278)
36. Ilustração do *Bestidrio* de Worskop (século XII); New York, Pierpont Morgan Library, Ms. M. 81, fol. 35r (fotogr. Pierpont Morgan Library - N. Y.)
37. Ilustração das *Esopi apologi sive mythologi cum quibusdam carminum et fabularum additionibus Sebastiani Brant*, Basel, Jacobus de Photzheim, 1501, fol. 182v; Bibliothèque Universitaire de Bâle, AN VI. 198 (fotogr. B. U. - Bâle)
38. Ilustração do *Bestidrio* de Oxford (século XIII); Oxford, Bodleian Library, Ms Ashmole 1511, fol. 59r (reprod. in: *Ediciones de Arte y Bibliografía*, Madrid 1983, p. 276)
39. Ilustração do *Bestidrio* de Oxford (século XIII); Oxford, Bodleian Library, Ms Ashmole 1511, fol. 43v (reprod. in: *Ediciones de Arte y Bibliografía*, Madrid 1983)
40. Nestor, *Ménologe* de Basílio (Constantinopla, 976-1025); Vaticano, Biblioteca Apostolica Vaticana, Vat. gr. 1613, fol. 93 (fotogr. B. A. Vat. - Vaticano)
41. *Apocalipse* ilustrado; Madrid, Real Academia de la Historia (Codex Aemilianensis 33, fol. 15) (fotogr. Zodiaque)
42. Ilustração do *Wappenbuch* de Offenbach (Renânia, 1440); Hamburg, Staats- und Universitätsbibliothek Hamburg, Cod. 90b in scrinio, fol. 51. (fotogr. Staats- und Universitätsbibliothek - Hamburg)
43. Ilustração do *Evangelidrio* de Cambridge (1130-1140); Fellows of the Pembroke College, Cambridge (fotogr. F. P. College - Cambridge)
44. Ilustração do *Salterio* de Branca de Castilha e de São Luís, cerca de 1230; Paris, Bibliothèque de l'Arsenal, Ms. 1186, fol. 9v (fotogr. B. Arsenal - Paris)
45. Santa Hildegarda de Bingen, *Liber Divinorum Operum* (meados do século XIII), Lucques, Ms. 1942, fol. 9r (fotogr. Lercoq)
46. Ilustração de um manuscrito de Wolfenbüttel (1235); reprod. in: Jurgis Baltrus Šaitis, *Le Moyen âge fantastique. Idées et exotismes dans l'art gothique*, Paris, Farnmarion, 1981, p. 13 (fig. 5)
47. Ilustração de Ap. 21, 10-11; *Apocalipse* francês comentado por Berengaudus (Normandia, 1320); Metropolitan Museum, Cloisters, fol. 36 (fotogr. Metropolitan Museum - N. Y.)
48. Inicial zoomórfica, *Pontifical de Chartres* (princípio do século XIII), Bibl. M. d'Orléans, Ms. 144 (fotogr. V. Leroquais)
49. Ilustração de Ap. XII, 21-22; Beato, in *Apocalypsin, liber XII*, (Península Ibérica, meados do século X); Pierpont Morgan Library, Ms 644, fol. 222v (fotogr. Pierpont Morgan Library - N. Y.)
50. O baptismo de Cristo
51. Juan de Flandres, *Tentação de Cristo no Deserto*: óleo sobre painel de madeira (entre 1496-1519); Nacional Gallery of Art, Ailsa Mellon Bruce Fund (fotogr. N. G. A. - Washington)
52. Relevô de um sarcófago paleocristão (século IV); Pontifica Commissione di Archivi Sacra (fotogr. P.C.A.S.)
53. A transfiguração de Cristo
54. A trindade com Cristo crucificado
55. Ilustração do *Genecii* (I, 1); *Bible moralisée, Gen. 1, 1* (Paris, século XIII); Bodleian Library, Ms. 270 b, fol. 1v (fotogr. Bodl. L. - Oxford)
56. Ilustração de Ap. XIII; Beato, in *Apocalypsin, liber XIII*, (Península Ibérica, fim do século X); Museu da Catedral de Seu d'Urgell, ms. 26, fol. 132, v (fotogr. Museo de la Catedral - Seu d'Urgell)
57. Xilogravura das *Legendi di Sancti Vulgari Storiado*, de Santiago de Voragine, Veneza, impress. Capcasa, 1494 (reprod. in: Santiago de la Voragine, *La Leyenda dorada*, vol. I, Madrid, Alianza Editorial Forma, 1987, p. 65)
58. Xilogravura das *Legendi di Sancti Vulgari Storiado*, de Santiago de Voragine, Veneza, impress. Capcasa, 1494 (reprod. in: Santiago de la Voragine, *La Leyenda dorada*, vol. I, Madrid, Alianza Editorial Forma, 1987, p. 46)
59. A incredulidade de S. Tomé
60. Verónica e o lenço com a face de Cristo
61. Cristo com a coroa de espinhos
62. Ilustração do *Livro de Pericopes* de Gero, bispo de Colônia (Reichenau, 969?); Landesbibliothek, Darmstadt (Hs. 1948, fol. 5v) (fotogr. Bildarchiv Foto - Marburg)
63. Mosaico da igreja de Mariorana (Palermo, fund. 1143) (fotogr. Alinari)
64. Frontispício do *Evangelidrio* de Aachen (Aachen, 996); Das Domkapitel, Aachen (fotogr. Ann Munchow)
65. Ilustração do *Evangelidrio* de Wedricus, Abade de Liessies (anterior a 1147); Société Archéologique, Avesnes (fotogr. T. & H. Archive)
66. Art & Language, *Secret Painting*, 1967-1968

- A
- Abade de S. Rémy, Odo de Rheims, 81
- Abcásia, 121
- Abgar, 79, 81, 83, 336
- Addai, 81, 336
- Adriático, 340
- Aeliano, 190, 235-37
- África, 158, 163, 165, 167-68, 173, 178, 358
- hespéria, 167
- oriental, 167, 172
- Aggai, 81
- Agripa, 322
- Água da vida, 264
- Ailly, Pierre d', 119
- Albert, J.-P., 49, 65, 66, 100, 104
- Albuquerque, Afonso de, 168, 171, 173
- Alexandre, o Grande, 7, 8, 10, 60, 67, 87, 99, 105-11, 128, 199, 200, 201, 204, 206, 274, 276, 344, 350
- Alexandria, 322
- Aliança divina, 282, 283, 293, 315, 316, 325, 338
- Alimentação
- alimentação envenenada, 229
- alimento do Céu, 148
- canibalismo, 124, 127, 134, 135, 138
- carne crua, 173, 175
- carne de Pavão, 253
- carne, 203, 210, 235, 236, 246, 262, 285, 286
- contenção alimentar, 135, 138, 213, 219
- cozinha celeste, 91, 143
- cozinha divina, 97, 98
- cozinha terrestre, 143
- maná, 88
- pão levedado, 122, 174
- vegetarianismo, 126
- Almeida, Manuel de, 174, 177, 178
- Álvares, Francisco, 153, 171-75, 177, 179
- Amba Guechem, 164, 173
- Ambiguidade morfológica, 253
- Amis, 350, 351
- Amon, 24
- Anábase, 104, 105, 139
- Andanças e viagens*, 164
- Andersen, Hans Christian, 351
- Animais (ver também «aves», «basilisco», «monstros», «répteis», «salamandra», «seres» e «serpentes»)
- enganadores, 237
- monstruosos, 190, 267
- venenosos, 69, 72, 107, 196, 257
- representantes de Cristo, 240, 242
- representantes do Diabo, 240
- Anjos (ver também «Diabo» e «nomes bíblicos»), 241, 257, 258
- arcanjo Miguel, 300
- de Deus, 127, 257
- pecadores, 259
- Antecos, 132
- Anticristo (ver «Diabo»), 87, 89, 92, 104, 105, 147, 203, 206, 289, 293
- Antióquia, Inácio de, 81, 305
- aos *Esmirmenes*, 305

Apocripa

Actos de Pilatos, 295, 300-02, 305
Actos de S. João, 209, 340, 347, 348
Actos de S. Tomé, 42, 84, 205, 209-11, 216-19, 220, 221, 226-30, 233, 235, 236, 239, 245-47, 249-52, 257, 271-73, 278, 301, 305, 306, 308, 334, 336, 340, 341, 344, 347
Apocalipse de Baruc, 223
Apocalipse de Nicodemo, 295, 300, 327
Apocalipse do Pseudo-Baruc, 346
Descida de Cristo ao Inferno, 296, 298, 299
Doutrina de Addai, 81, 82, 84, 336
Epístola de Barnabé, 317, 318, 319
Evangelho dos hebreus, 308
Evangelho segundo S. Pedro, 320
Evangelho segundo S. Tomé, 207-10, 264, 334, 335, 339
Livro de Henoch, 297
Pedro, [II], 303
Profecia de Hanan, o filho de Isaac, 103
Proto-Evangelho de Tiago, 334
Vida de Adão e Eva, 108
Ariosto, 104, 166, 344, 345, 347
Aristodemo, 340, 343
Aristóteles, 22, 32, 46, 48, 239, 241, 357
Arménia, 76, 121
Arquelau, 307
Asbesto (*Asynchyton*), 106, 107
Ascensão celeste, 109, 214, 226, 243, 251, 252, 286
Ásia, 82, 118-20, 131, 155, 157, 160, 167, 170, 178, 240
Astulfo, 344-46
Ataque, 196
contra-ataque, 202, 225, 273
de serpentes, 274
fulminante, 201, 203, 224, 279

mutilação «fulminante», 248
Atharva Veda, 11
Atlas Catalão, 167, 165
Aves
águia Yllerion ou Allerion, 72, 89, 90-92
águia, 214, 216, 218, 221, 225, 237, 243, 245, 246, 251, 252, 254, 255
ave de Cristo, 238
ave do Oriente, 10, 188, 189, 196, 201, 202, 241, 243, 244, 245, 254, 274
benu, 244
caládrío, 242
cegonha, 240-42
cisne, 243, 244
fénix, 8, 9, 10, 54, 67, 89, 91, 97, 98, 143, 222, 224, 244, 255, 256
galo, 190, 191, 255
grou, 86, 95, 242
ibis, 242
pavão, 245, 246, 251-55
perdiz, 214, 236, 237, 253, 254
pomba, 214, 236, 238, 241, 282, 285
rola, 214, 236, 238, 241
Aycock, 291

B

Bagrow, L. / Skelton, R.A., 165
Baptismo, 161, 213, 226, baptismo anual, 173, 174
Barbaruiva, Frederico, 57, 61, 63
Barber, R., 223, 244
Barbosa, Duarte, 172, 247-52
Bardesan, 219
Barnabé, 317, 320, 321
Barnes, R., 26, 27, 30, 31
Barros, João de, 169

Bartoli, Antonio, 163
Basileus, 77
Basilisco, 190-204, 206, 255, 271, 274, 276, 277, 295
Beato Espanhol, 187, 188, 196
Beauvais, Pierre, 199, 200, 205, 207, 274, 275
Beauvais, Vincent de, 118, 158, 190
Beckingham, C., 59
Belul Jan, 177
Bem (ver também «mal»), 10, 30, 259, 260, 264
Benim, 169, 172
Bestiários, 73, 197, 200, 203, 223, 237, 238, 241, 242
Bestiário de Amor, 223
Bestiário de Cambridge, 200, 242
Bestiário de Oxford, 238, 239
Bestiário de Phillipe de Thain, 240
Bestiário de Pierre de Beauvais, 243, 274, 276, 295
Bestiário, 89, 197, 199, 205, 239, 253, 275
Bíblia, 281, 329
Antigo Testamento, 277, 279, 291, 292, 311, 350
Apocalipse de S. João, 67, 80, 81, 99, 101, 102, 105, 155, 263, 277-79, 281, 286-88, 293, 295, 296, 298, 322, 340, 344
Bíblia de Jerusalém, 317, 320
Daniel, 277, 284, 288, 297
Deuterónimo, 283, 300, 316, 318, 320
Eclesiástico (Sabedoria de Sirach), 297
Epístola aos hebreus, 258, 262, 310, 316
Epístola I de João, 159
Epístola III de João, 80, 293
Evangelho segundo S. João, 88, 203, 246, 254, 281, 282, 285-89, 308, 314, 317, 320, 321, 333-39
Evangelho segundo S. Lucas, 33, 284-86, 292, 302, 307, 308, 312, 320, 335, 336
Evangelho segundo S. Marcos, 283, 285, 297, 298, 302, 308, 315, 335, 336
Evangelho segundo S. Mateus, 46, 257, 282, 283, 285, 288, 292, 298, 301, 302, 305-09, 315, 319, 335, 336
Êxodo, 283, 317, 318
Ezequiel, 106, 277, 297, 308, 314, 326
Génesis, 67, 258, 263, 292, 300, 310, 311, 323, 324
Isaias, 258, 277, 284, 297, 309, 326
Juízes, 308, 313
Levítico, 311, 315, 317
Livro de Job, 297
Livro de Josué, 283
Macabeus, 297
Novo Testamento, 33, 257, 277, 283, 286, 295, 296, 303, 318, 326, 336, 349
Números, 303, 308, 313, 315
Pentateuco, 283
Profetas Ulteriores, 297
Reis, [I], 326
Salmos de Salomão, 284
Salmos, 297
Samuel, [I], 279, 308, 312, 324, 325
Samuel, [III], 325
Septuaginta, 288, 297
Vulgata, 80, 258
Zacarias, 288, 289, 312
Bingen, Hildegarda de, 196, 254, 256, 192, 193
Bispo de Columbum (Ceilão), 162
Bloch, M., 193, 348
Bracciolini, Poggio, 163, 164
Bredsdorff, E., 351
Breve Notícia, 177, 178, 180

C

Ca'damosto, Alvise, 168
 Caire-Jabinet, M.-P., 49
 Carabas, 322
 Caroll, Lewis, 34
Carta a Aristóteles, 108
Carta a Olímpia, 109
 Carta «caída do céu», 78, 224
Carta das novas do descobrimento do Preste João, 173
Carta de Alexandre a Aristóteles, 107
 Carta de Odo de Rheims, 82, 83, 154, 248
Carta do papa Alexandre III ao Preste João, 158
Carta do Preste João, 9, 11, 34, 35, 41-4, 49, 50-5, 57, 60-86, 92, 93, 95, 96, 98, 99, 100-07, 110, 111, 113, 117, 119-22, 131, 133, 136, 137, 139-59, 162, 164-66, 170-75, 179, 181, 183, 187, 196, 198, 201, 205-07, 211, 217, 218, 221, 223-25, 227, 233, 242, 267, 343, 345-47, 350
Fr:1, 68, 86, 93-5, 100, 110
Fr:2, 68, 86, 88, 90-4, 103, 105, 111
Hebr:1, 96
Hebr:2, 96
Hebr:3, 86, 98
Lat:A, 89
Lat:B, 56, 87, 101
Lat:C, 56, 87-9, 99, 101, 102, 105
Lat:Cambr, 93
Lat:D, 56, 68, 88, 89, 107
Lat:E, 56, 88, 99, 102, 107
Lat:Ur, 42, 53-6, 62, 68-74, 86, 89, 93, 97, 110, 196
Prov., 86, 90, 95
Urtext, 100
Cartas Anuas, 176

380

Cartografia, 165, 168
 Cassiano, 340
 Catábase, 224
 Cataio, 119, 121, 123, 136, 163
 Cerasta, 73
 César Augusto, 308
 Chadwick, 333, 341
Christomimesis, 35, 101, 105, 113, 207, 267, 348, 352
Chronica, 163
Chronicon Turonense, 58
 Cidades
 Adém, 162
 Alves, 146
 Axum, 178
 Babel, 95, 97, 350
 Babilónia, 54, 68, 72, 74, 76-9, 109-10, 190
 Belém, 307
 Bizâncio, 65
 Cadilhhe, 121
 Caesareia Philippi, 349
 Calanok (Indo-China), 126, 133
 Calecute, 172
 Carace, 146
 Cartago, 253
 Cassay, 133
 Chermes, 124, 137
Cidade de Deus, 76, 90, 139, 194, 253, 259, 260
 cidade celeste, 140
Civitas terrena et perversa, 76
 Coilam, 247, 251
 Colombo, 119
 Constantinopla, 61, 82
 Coroan, 146
 Coromandel, 247
 Edessa, 77, 79, 209, 210, 247, 336
 Éfeso, 340, 342
 Hulna, 82, 248
 Jerusalém celeste, 79, 80, 101, 102, 263, 279, 290, 291, 292

ENSAIOS DE MITOLOGIA CRISTÃ

Jerusalém, 70, 76, 77, 79, 82-4, 103, 110, 118-20, 123, 131, 139, 155, 162, 169, 284, 304, 311, 322, 326
 Latoryn, 133
 Mabaron, 124, 126, 133, 134
 Mailapur, 247, 248
 Malpulía, 163
 Manzi, 133
 Mirapolis, 245
 Nazaré, 307-09
 Nise, 122, 123
 Pathen, 126, 133
 Polombe (Quilon?), 126, 133
 Roma, 79, 81, 82, 122, 169, 253, 322, 340
 Ryboth, 257
 Sarchie, 125, 133
 Susa, 123
 Clemente de Alexandria, 340, 347
 Clérigo Eliseu, 57
Colectânea de Solino, 67
Comentário ao Apocalipse, 187, 196, 243
 Concílio de Constantinopla, 259
 Concílio de Éfeso, 172
 Conde Tomás, 81
 Congo, 168, 171, 172
 Conhecimento enciclopédico, 36
 Conhecimento simbólico, 36
 Conrado, 61
 Conti, Nicolò de', 164
 Conti-Rossini, C., 61, 165
Contra as heresias, 258
 Coomaraswamy, A.K., 11
 Cor
 branca, 167, 179, 241, 243, 278
 coloração fenícia, 244
 de fogo, 89, 222
 negra, 166, 170, 245
Corografia, 167
 Covilhã, Pêro da, 169, 177
 Credulidade (ver «incredulidade»), 50, 51
 Crença, 20, 33, 43-46, 49-52, 83
 cismática, 172
 descrença, 21, 42, 44, 50-2
 ver para crer, 254
 verdade, 24, 37, 46-9
 Criador / Criatura, 261
 Cristal, 199, 200-02
 Cristãos, 69, 72, 86, 87, 93, 95, 121, 128, 153, 159, 168, 175, 178, de S. Mateus, 163
 etíopes, 176
 indianos, 150
 nestorianos, 159, 160
 núbios e etíopes, 165
 orientais, 98
 Cristianismo (ver também «religiões»), 71, 84, 104, 124, 162, 163, 172, 226
 em Edessa, 78
 eucaristia, 174
Crónica da Boémia, 163
Crónica de Otão de Freising, 70, 75-9, 82, 83, 161, 163
Crónica dos Feitos da Guiné, 172
 Crossan, J.D., 288, 289, 309, 317, 320-22, 338
 Cruzadas, 65, 103
 aliança cruzadística, 71, 103, 110
 Cusa, Nicolau de, 265, 266

D

D. João II, 169
 D. Pedro de Portugal, 146, 147, 150
Da Ave Fenícia, 222, 223
Da Doutra Ignorância, 265
Da Morte Peregrina, 306
Da natureza dos Animais, 235, 237, 238
Da Paciência, 258
 Dante, Alighieri, 261, 262

ÍNDICE REMISSIVO

381

Dario, 277
 Davis, A.J., 167, 172
 Dawit, 163
Décadas da Ásia, 169
 Delumeau, J., 49, 79, 220
 Descida à cisterna, 295
 Descida ao inferno, 296
 Descida ao mundo inferior, 91
 Descida ao mundo material, 277
 Descobridor, 172
 Descobrimientos, 158, 358
Descrição do Mundo, 159, 161, 245
 Deserto, 33, 72, 124, 284, 285
 Desreumaux, A., 81
 Detienne, M., 8, 10, 23, 36, 48, 198, 222, 223, 346
 Deus, 10, 30, 33, 92, 95, 96, 101, 102, 106, 124, 125, 128, 150, 209, 235, 241, 251, 256, 259, 260, 263, 265, 277, 279, 282, 285, 286, 288, 290-93, 296, 300, 304-07, 311, 313, 316, 318-23, 325, 327, 334, 337, 341-45, 356
 como Pai, Filho e Espírito Santo, 122
 Espírito Santo (Paracleto), 88, 96, 225, 227, 262, 285, 286, 288, 289, 292, 212, 238, 339
 Filho, 255, 262
 Pai, 226, 255, 262
 Trindade, 252
 Devos, P., 248, 251
 Dez Mandamentos, 128
 Dez tribos de judeus, 67, 74
 Diabo (ver também «anjos»), 10, 30, 54, 73, 89, 94, 101, 102, 117, 134, 141, 187, 188, 197, 199, 200, 210, 213, 232, 233, 235, 237, 240, 241, 255, 257-63, 266, 268, 271-73, 278, 285-89, 292, 295, 298, 299, 302, 307, 319, 327, 335, 343, 344, 352, 356
 aliados do Anticristo, 99
 anjo caído, 258
 Belzebu, 292, 301
 besta, 277, 278, 279
 demiurgo, 293
 diabo enganador, 273, 279
 espírito diabólico, 285, 286
 falso profeta, 279
 Lúcifer, 251, 345
 poder do Diabo, 289
príncipe deste mundo, 229, 232, 263, 329
 queda do anjo, 259, 261, 262
 reino do Diabo, 293
 Sarã, 296, 298, 299
 Saranás, 279, 292, 320, 339
 sedutor, 263
 semente material do Diabo, 287, 293
 serpente negra, 271
 Diana, 340
 Diodoro, 47
 Dionísio Aeropagita, 265
Divina Comédia, 261
Do Advento do patriarca da Índia à urbe, 60, 81, 82, 83, 161, 248, 249
Do nascimento, vida e morte dos santos, 340
 Dois gládios, 62, 65, 75, 103
Domesticação do pensamento selvagem, 19
 Domiciano, 340
 Doninha, 10, 190-93, 195, 196, 199, 201, 203, 240, 274, 276
 Donini, 308
Dos Animais e de outros seres, 240, 241, 256
Dos Animais, 190
Dos Principios, 258
 Dragões, 44, 99, 104, 111, 124, 279
 dragões voadores amestrados, 99
 Ducrot, O., 47

Dulcert, Angelino, 165
Dum Diversas, 172
 Dumont, L., 30, 31
 Durkheim, É., 21, 27-33, 193, 194
 Dysmas, 296

E

Ecúmena, 170
 Efraim De Nisiba, 209, 219
 Egípto, 162, 163, 217, 220-23, 227, 229, 231, 283, 284, 304-08, 322, 345
 Eisenman, R., 314
 Eldad Ha-dani, 67, 42
Eneida, 265
 Enganada, 279
 Entorpecimento, 219, 274, 277, 295
 Escatologia, 297
 Escorpões, 54, 69, 108, 278, 279
 Escrita, 19, 20-24, 36, 37, 49, 52
 lógica da, 19
 oralidade, 19, 20
 Escrófulas, 193, 254
 Esfera celeste, 88, 102, 109, 220, 239
 Esfera da Lua, 143
 Esfera terrestre, 102, 220
Etimologias de Santo Isídoro, 67, 167, 190, 237, 238
 Etiópia/Abissínia (ver também «reino etíope»), 17, 42, 105, 119, 121, 124, 155, 157, 161-68, 171-81, 217, 345
 Eulenspiegel, Till, 351
 Europa, 17
 Eusébio, 81, 83, 336, 348
Exempla, 351

F

Fall, Y.K., 165
 Fasilidas, 176, 179, 183

ÍNDICE REMISSIVO

Fedro, 24
 Feitiçaria, 210, 213, 273
 Fénícia, 349
 Filho do Rei, 17, 199, 205, 206, 210, 218, 229, 230, 236, 268, 271-75, 295
 filhos do Rei, 276
 Fílon de Alexandria, 321
Física de Hildegarda de Bingen, 192, 193, 196, 254, 256
Fisólogo, 67, 89, 187, 189, 197, 199, 203, 241, 243
 Físon (Ganges), 124
Flaco, 321
 Fogo, 54, 70, 89, 90, 94, 96, 98, 107, 142, 148, 196-98, 211, 214, 216, 221, 223, 225, 253
 ardente, 105
 ateadado, 92, 93
 celeste, 91, 142, 244, 79
 crónico, 91, 197
 de Deus, 93
 solar, 97
 terrestre, 90, 142, 143, 224, 256
 Fonte de juventude, 54, 91, 96, 110, 126
 Formigas escavadoras, 106, 108
 Formigas gigantes escavadoras, 56, 68, 106, 108, 127
 Franco Júnior, H., 75
 Fraude, 122, 174, 210, 272, 273
 Freising, Otão de, 42, 63, 70, 75, 76, 79, 83, 161, 163
 Frye, N., 35, 37
 Furmann, H., 62

G

Gad, 211-14
 Gaio Cálígula, 322

Gálatas, 82, 305, 316
 Galawdevos, 173
 Galileia, 307-09
 Gama, Cristóvão da, 173
 Gama, Vasco da, 173
 Gâmbia, 169
 Gengis Khan, 159
 Geórgia, 121, 158
Geração de animais, 22, 48, 239, 242
 Globo Terrestre, 138
 Gnose, 207
 Golfo da Guiné, 172
 Gomes da Silva, 21, 23, 30, 31, 194, 256
 Goody, J., 11, 18-20, 24-6, 29, 37
 Gosman, M., 55-9, 61, 62, 68, 75-9, 81, 90, 102, 103
 Grabar, A., 348
 Granhe, 173
 Grão Cataio, 123
 Grão Khan, 123, 141, 159, 160
 Grécia, 48
 Grifos, 54, 95, 109, 110
Guerra do Peloponeso, 49
Guerras Judaicas, 322

H

Habannes, 211
 Haiton da Arménia, 118
 Harpias, 105, 183, 345
 Helinando, 340
 Helleiner, K., 61, 62, 75, 80, 81
 Henocho, 296, 297, 333, 342
 Héritier, F., 194
 Heródoto, 47, 48, 131, 244
 Hertz, R., 27, 28, 29
 Hesfodo, 48
 Hesse, Johannes de, 146, 248
Hierarquia celestial, 265

384

Higden, R., 165
Hino da Pérola, 209, 217, 219-21, 224-36, 274, 275, 278
Hinos sobre o Paraíso, 209
 Hisdesheim, Johannes von, 160
História da Etiópia a Alta, 176, 177
História de Alexandre, 42
História dos Animais, 90
História dos Combates (a versão latina do *Romance de Alexandre*), 60, 108
História dos Mongóis, 159
História dos Quarenta Vizires, 351
História dos Três Reis, 160
História Eclesiástica de Santo Eusébio, 83
História Geral da Etiópia, 174-76
História Natural de Plínio, 67, 107, 189, 191, 237, 244, 253
História Oriental, 158
Histórias de Fortunas Várias, 163, 164

I

Incênumone, 10, 11, 189, 196, 201, 202, 274
 Ideologia da realeza, 35
 Ideologia igualitária, 128, 135
 Ideologia imperial, 62, 65
 Idolatria, 124, 132, 149
 Ilhas, 118, 121, 125, 126-29, 134-37
 Bragman, 127, 128, 135
 Cana, 126, 133, 134
 Ceilão, 245
 Dundeya, 125, 134
 Lamary, 125, 126, 134
 Lava (Java), 125, 133
 Manna, 56
 Melk, 125
 Oxidrace ou Gynoscriphe, 127, 128, 135

ENSAIOS DE MITOLOGIA CRISTÃ

Patmos, 340-42
 Somober (Sumatra), 125, 133
 Taprobana, 127
 Tracota, 125
Imagem do mundo, 119, 200, 253
 Inocorrupibilidade, 93, 219, 287
 Incredulidade, 246, 247
 Índia (ver também «reino indiano»), 10, 57, 66, 68, 74, 81-6, 89, 94, 101, 107, 108, 121, 123-27, 129, 132-42, 145, 148, 151, 158, 162-64, 168, 169, 172, 180, 181, 198, 211, 217, 223, 228, 230, 231, 246, 248, 252, 273, 350
 do Preste João, 121, 122, 132, 139
 Índias, 53, 71, 74, 146
 ou Pentoxera, 129, 131
 três Índias, 119
Indica de Megastenes, 67
 Inferno, 94, 166, 296, 299, 346
 Cheol, 258, 297
 Geena, 296, 297, 298
 Hades, 296, 297, 298, 299
 Pântano de fogo, 296
Informações, 176
Inquérito de Heródoto, 67
Instituições Divinas, 261
Inter Caetera, 172
 Iser, W., 20, 36, 52, 67
 Israel, 54, 303, 304, 307, 313, 314, 317, 324, 326
Itinerário de Jerónimo Lobo, 176
Itinerário de Johannes de Hesse, 146
Itinerário de Wilhelm Ruybroeck, 159
 Iulos, 109

J

Jakobson, R., 11
 Jehuda-Judas (ver «nomes bíblicos»), 304

ÍNDICE REMISSIVO

Jesuítas, 17, 105, 174-79, 182
 Jesus Cristo, 33, 46, 53, 71, 77-9, 81, 101, 103, 108, 111, 113, 147, 150, 157, 160, 174, 176, 187-89, 199-205, 208-11, 216, 222, 223, 226, 227, 230-33, 236, 240-48, 251, 255-58, 261-64, 266, 268, 271-73, 277, 278, 281-87, 291-311, 314-23, 327, 329, 334-43, 347, 349, 350, 356
 baptismo de, 282, 284, 285
 calvário de, 318, 349
 carpinteiro de, 211, 278
 cavaleiro como, 279, 287, 288, 289, 291
 consubstanciação de, 35, 263, 267, 287, 295
 cordeiro de, 278, 284, 288, 289
 corpo de, 285, 286, 289
 crucificação de (ver também «sacrifício»), 278, 286, 287
 Jesus o Nozri, 302
 Messias, 284, 285, 289, 291, 306, 307, 309, 310, 312, 315, 319, 322, 323, 326, 327
 Messias-nazir, 321
 nascimento de, 288
 novo Adão, 291
 paixão, 122, 128, 283, 289, 306, 310, 314, 317, 320, 321, 326, 335, 338
 ressurreição, 91, 222, 223, 244, 246, 278, 286-89, 296
 Salvador, 275, 292
 tentação de, 33, 285
 tentações da carne, 263, 266
 transfiguração de, 282, 285
 trespassado, 237, 239, 245, 246, 251, 252, 279, 289
 trespassamento de, 215, 247, 274
 trespassante, 279, 289, 291

385

Johannes Presbyter, 80, 344
Josefo, Flávio, 309, 310
Judas, 303, 307, 319-22, 327, 336-39
• Judas Iscariotes, 305, 319, 336-39
• Judas «não Iscariotes», 336, 338
Judeia, 307, 308, 322
Juízo Final, 76, 87, 102, 103, 279

K

Kantorowicz, E., 207, 348
Kappler, C., 119
Karish, 211-17, 229, 239, 272, 341, 344, 347
Khosrov, 104
Klijn, A.F.J., 210, 218, 272
Knefelkamp, U., 49, 158
Kosmokrator ou *Endkaiser*, 76, 102, 113

L

Lactância, 223, 261
Lago Tana, 175
Latini, Bruneto, 253
Leach, E., 21, 32, 36, 45, 46, 50, 291
Lecouteux, C., 190
Lenda áurea, 340-42
Letts, M., 58, 59, 61, 63
Lévi-Strauss, C., 7, 11, 12, 22, 24, 25, 29, 33, 36, 42, 194, 357, 358
Lévy-Bruhl, L., 19, 29
Lião, Santo Ireneu de, 258
Licomedes, 209, 347, 348
Livro das Peregrinações, 159
Livro de Marco Polo, 159
Livro do Conde de Lucanor, 351
Livro do Infante D. Pedro, 145-55, 247, 250

386

Livro do Tesouro, 253
Livro dos Monstros dos Diversos Géneros, 196

Livro dos mortos, 244

Lobo, Jerónimo, 176-80

Lógica

alteridade, 104, 170, 261-65, 291
ambiguidade, 20, 24, 33, 73, 99, 100, 112, 137, 155, 170, 173, 189, 194, 195, 211, 213, 232, 241, 244, 255, 257, 262, 265, 273
associação por contrariedade, 22
classificações, 18, 20, 21, 23, 30, 31, 173, 187, 189, 195, 256
combinação, 189
consustancialidade, 29, 33, 247
contradição, 24, 29, 33
contrariedade, 29, 31-5, 193, 255, 264, 265
cúmulo de idêntico, 194, 276
cúmulo de mau cheiro, 202
dualidade, 287
dualismo, 207, 258, 268
englobamento do contrário, 30
hierarquização, 18, 24, 27-31
lógica ambígua, 18, 20, 26
lógica da escrita, 19
lógica dualista, 17, 19, 260, 291
lógica simbólica, 33, 266
mediação, 195, 223, 281
mediador, 98, 109, 198, 224, 239, 257, 282, 286
metafísica, 260, 262
oposição, 28, 32, 260, 265
reversibilidade, 23
simbolismo, 19, 25, 31, 32, 44, 194
transformação, 35, 181, 241, 252, 256, 259, 262
Lógos, 23, 48

ENSAIOS DE MITOLOGIA CRISTÃ

M

Macedónia, 109
Magno, Alberto, 190
Mal (ver também «bem»), 10, 30, 206, 219, 259, 260, 264
Malabar (Maabar/Mobar), 151, 160, 245
Malaxecheverría, I., 190
Malinowski, B., 45, 46
Mandeville, John, 118-43, 148-49, 152, 155, 160, 181, 256
Manuel I Comeno, 51, 57, 98, 141
Mapa anónimo de Florença, 166
Mapa de Andrea Bianco, 165
Mapa de Mecia da Viladestes, 166
Mapa *Kunstman*, 171
Mapamundo de Modena, 165, 166
Mapamundo genovês, 165
Mar Vermelho, 163, 171, 236
Maravilhas descritas, 162
Marco Polo, 117, 159, 161-63, 245, 249
Marignoli, Giovanni de, 163, 245-49
Marin, 322
Mauritânia, 167
Mauss, M., 27, 29
Medeiros, F., 49, 62
Mela, Pompónio, 167
Mendes, Afonso, 174
Metafísica, 22, 357
Metamorfose, 256
Metamorfoses de Ovídio, 189
Metz, Gossouin de, 200, 253
Meyer, M., 52
Migdónia, 211, 213, 216, 236, 239, 272, 273
Mileto de Laodiceia, 81
Minorita, Paulo, 165
Miriam (ver também «Santa Maria»), 304
Mishna, 317
Mithos, 24

ÍNDICE REMISSIVO

Mitismo, 36, 49, 65
Mitologia, 22, 36, 47, 164
Mitologia cristã, 35
Mitologia-quadro, 23
Mogúncia, Cristiano de, 61, 62, 63
Monstros (ver também «animais», «basilisco», «seres», «vermes», «répteis» e «salamandra»), 73, 119, 125, 132, 182, 190-95, 199, 276
venenosos, 192
Montanhas da Lua, 168
Monte Olimpo, 54, 69, 73
Montecorvino, Giovanni de, 159
Morte, 90, 91, 135, 149, 201, 209, 223, 238, 243, 247, 256, 262, 291, 297
morte acidental, 246
morte fulminante, 248
morte natural, 81
Mundo
celeste, 96, 98, 145, 154, 288
ctónico, 198
egípcio, 224
espiritual, 233
hebraico, 261
inferior, 94, 95, 142, 219, 220, 229
Material, 233
subterrâneo, 295
superior, 142, 224, 229
terrestre, 98, 288
Mûthos, 23, 48

N

Nascimento, 203
nascimento monstruoso, 190
Natureza
animal, 137
combinatória, 276
divina, 282

387

espiritual, 137, 230
 naturezas contrárias, 200
 naturezas diversas, 224
 Needham, R., 11, 21, 22, 25-33
Negusa Nagast, 177
 Neoplatonismo, 207, 247, 260
 Nicodemo, 300
 Nissa, Gregório de, 259
 Nomes bíblicos (ver também «santos»)
 Abel, 256
 Abraão, 46, 311, 323
 Absalão, 325, 327, 350
 Adão, 108, 209, 225, 291, 296, 299,
 300, 323, 327
 Ana, 312
 Azazel, 317, 319
 Balaam, 302, 303
 Balac, 303
 Behor/Bosor, 302, 303
 Belshazar, 277
 Betsabé, 324, 325
 Caifás, 300
 Cush, 167
 Daniel, 54, 68
 David, 46, 58, 158, 159, 161, 283,
 285, 307-09, 324-26, 350
 Eli, 312
 Elias, 282-86, 296, 297, 333, 342
 Eliseu, 284
 Esaú, 323, 324
 Ezequiel, 326
 Farez, 324
 Heleazar, 283
 Herodes, 301, 302, 307, 322
 Iahveh, 283, 297, 303, 309, 312, 313,
 317, 318, 323-26
 Isaac, 323
 Isafas, 291, 326
 Ismael, 324
 Jacob, 323, 324
 Jesse, 309
 Joab, 325
 José, 46, 301, 307, 308
 José de Arimateia, 300
 Josué, 283, 284, 289
 Judá, 324
 Lázaro, 281, 296, 315, 334
 Mateus, 163, 165, 284
 Melquisedec, 108, 310-12, 315, 326
 Moisés, 282-85, 303, 316, 318
 Nabucodonosor, 277
 Nazoreu, 308, 309
 Nemrod, 104
 Oseias, 284
 Pilatos, 295, 301, 302
 Salomão, 283, 285, 323-27, 350
 Salomé, 334
 Samuel, 312, 313, 324, 325
 Sansão, 313
 Saul, 324, 325
 Seth, 108, 299, 300
 Tamar, 324
 Zara, 324
 Zebedeu, 333
 Nomes divinos, 265
 Norte, 103
 Núbia, 162, 165-68, 345

O

O homem rico que descobre a Salvação,
 340
 Ocidente, 60, 65, 71, 77-9, 83, 84, 99,
 102, 103, 105, 110, 117, 119, 155,
 198, 204, 211, 216, 220, 231, 241,
 244
 Ohnsorge, W., 61
 Óleo da árvore da vida, 91, 110
 Óleo do crisma, 96, 108
 Olímpia, 109

ENSAIOS DE MITOLOGIA CRISTÃ

Olschki, L., 75, 157
 Ontologia, 32, 33, 207
 Oppert, G., 41
 Orbe, 139
Organon, 22, 357
 Oriente, 50, 52, 54, 66, 68, 74, 77-9, 83,
 84, 89, 99, 103, 105, 106, 109, 110,
 11-21, 125-29, 138, 143, 146, 158,
 169, 179, 182, 198, 204, 207, 210,
 211, 217, 220-23, 228, 230, 24-44
 Orígenes, 258, 259
Orlando furioso, 104, 166, 183, 344-46
 Ostris, 244
 Ostra (ver «pérola»), 236
 Oviedo, André de, 174

P

Pais, Pêro, 174-78
 Paiva, Afonso de, 169
 Palácio, 54, 66, 68, 73, 96, 100, 123,
 146, 147, 154, 176, 211, 218, 220,
 229, 272
 celeste, 100, 176, 211, 213, 251
 cósmico, 101, 104
 de Gundafor, 211
 de Porus, 56
 do Preste João, 73, 211, 233
 segundo palácio do Preste João, 87, 101
 Palut, 81
 Pandera, Josef, 304
 Paneia, 349
Pantokrator, 110, 117
 Papa Alexandre II, 61
 Papa Alexandre III, 57
 Papa Eugénio IV, 98
 Papa Jerónimo, 258, 340
 Papias, 343
 Papini, G., 258
 Paraíso, 54, 87, 96, 98, 100, 105, 109,
 110, 119, 124, 125, 127, 129, 131,
 132, 134-36, 138, 140, 143, 147,
 148, 152, 155, 157, 163, 166, 168,
 179, 182, 208, 209, 220-23, 227,
 233, 256, 258, 279, 296, 299-302,
 323, 346
 muralha do, 142
 celeste, 119
 terrestre, 74, 119, 121, 124, 136, 140,
 145, 162
Partes dos animais, 22
 Páscoa, 315
 Patriarca (ver também «Preste João»), 42,
 151, 153
 católico, 176
 de S. Tomé, 65, 76, 79, 82, 84, 103,
 133, 151-54, 211
 João, 81
 Pausânias, 46, 47, 48, 49
 Pavel, T., 358
 Pedra *midriosis*, 68, 69, 72, 79, 96, 97,
 148, 201
 Pedra *zimir*, 96
 Pensamento
 científico, 25, 28, 29, 47
 domesticado, 19, 25
 hierárquico, 28
 religioso, 27, 28, 29
 selvagem, 25
 simbólico, 17, 19, 33, 193
 Perceval, 357
 Perdrizet, 349
 Periecos, 132
 Pérola, 188, 217-19, 224, 225, 230, 232,
 235, 236
 Pérsia, 76, 119, 121, 123, 136, 158
 Plano Carpini, G., 117, 159
 Plantas
 aromatos, 8, 198, 222, 246, 256

ÍNDICE REMISSIVO

arruda, 191, 192, 199, 203
 árvore da vida, 88, 96, 264
 árvores do Sol e da Lua, 109, 124
 erva *astídios*, 68, 69, 72, 79
 pimenta, 54, 56, 69, 72, 74, 89, 92, 93,
 97, 98, 107, 142, 143, 198, 246
 pistoia, 351
 plantas medicinais, 192
 tronco de árvore, 245, 247
 Platão, 24
 Plínio, 90, 107, 189-93, 196, 237, 244,
 252, 253
 Plotino, 265
 Plutarco, 8, 49
 Poderes sobrenaturais, 100, 281
 Poderes taumatúrgicos, 284
 Poitiers, Ricardo de, 167
 Populações
 antípodas, 120, 123, 131, 133, 137,
 138, 140, 154
 centauros, 86, 149
 egípcios, 224
 etíopes, 168, 177
 gala, 176
 gigantes, 94-7, 100, 105, 109, 147,
 149, 153
 Gog e Magog (ver também «aliados do
 anticristo»), 56, 87, 89, 92-5, 99,
 104, 106, 109, 111, 147, 159, 279
 homens selvagens, 95, 96, 100, 104
 idólatras, 159, 160
 indianos, 252, 272
 judeus, 146, 152
 Meru, 26
 mouros, 146, 175
 muçulmanos, 159, 168
 não-cristãos, 87
 nestorianos, 161, 164
 pigmeus, 54, 86, 95, 129, 147, 149,
 153, 242
 sagitários, 86, 95, 148
 samiardos, 76
 sarracenos, 58, 86, 95, 159
 tártaros, 159, 161, 163
 Pordenone, Odorico de, 118, 160
 Portugal, 171
Potentia absoluta, 265
Presbíteros Ioannis (ver também «S. João
 Evangelista»), 80, 343
 Preste João, 7-12, 17, 35, 42, 51-58, 63,
 65, 66, 68, 69, 71-81, 83-6, 88, 91,
 94, 96-108, 110, 111, 113, 117,
 120-26, 129, 131-52, 154, 155, 157-
 73, 175, 177-83, 187, 196, 198,
 205-07, 211, 217, 223, 267, 342-48,
 350, 357, 358
 aliados do Preste João, 71, 99, 103,
 110, 160
 alianças do Preste João, 71, 103, 110,
 160
 cruz, 122
Johannes Presbyter, 80, 164, 344
 mito do Preste João, 19, 23, 43, 46, 49,
 63
 moinho do Preste João, 56, 88
 presbítero João, 82
 presbítero (ver também «patriarca»), 55,
 83, 91, 96, 103, 133, 137, 142, 150-
 -54, 157, 161, 173
 preste «africano», 117, 169
 preste «indiano», 118
 Primogenitura, 261
 Príncipe de Narsinga ou Bisnagá, 180
 Pseudo-Calístenes, 107
 Pseudo-Hugo de São Victor, 240, 256
 Pseudo-Lactância, 222
 Ptolomeu, 169, 434
 Puech, H.-C., 207, 208, 209, 219, 225,
 275

Q

Quasidens, 56, 101
 Qumran, 309, 314

R

Radcliffe-Brown, A.R., 22
 Rainha Candace, 163
 Randles, W.G., 119, 138, 139, 168, 169
 Realeza
 indiana, 272
 sacerdotal, 34, 35
 sagrada, 111-12
 Reis
 africano branco, 166, 167
 africano negro, 165, 167, 171, 179
 celeste, 104, 112, 278
 cristão, 121-22, 165, 167
 da glória, 296
 das serpentes, 190
 de Espanha, 147
 do Cataio, 138
 dos judeus, 283
 dos reis, 17, 91, 96, 101, 137, 157,
 164, 179, 218-21, 226-29, 278
 egípcio, 219, 220, 224, 230
 etíope, 105, 164, 171, 173, 178, 180
 fabuloso, 180
 Gundafor, 68, 84, 100, 176, 211-14,
 228, 229, 233, 251, 272, 341, 344
 humano, 232
 indiano branco, 166, 167, 230
 indiano, 57, 100, 110, 129, 142, 211,
 272
 João, 160
 Jorge, 159, 163
 magos, 160, 161
 Mazdaí (Misdeus), 211-14, 216, 229,

232, 233, 239, 246, 252, 272, 273,
 344, 347

nestoriano, 76
 ocidental, 84
 oriental, 110, 217
 pagão, 246
 português, 179
 Pórus, 110
 «reab», 180
 rei-juiz, 283
 rei-pontífice, 151
 rei-sacerdote, 75-7, 101-03, 155, 159,
 162, 163, 217
 sagrado, 65
 Sanapo, 166, 344-47
 terrestre, 239
 Ung-Khan, 159, 161
 Reims, Odo de, 60
 Reinos
 celeste, 79, 102, 220
 de Deus, 102, 208
 do Oriente, 220
 dos céus, 278, 283
 etíope, 164, 179
 indiano, 102, 123, 141, 246, 251
 oriental, 231
 pagão, 251
 terreno, 220
Relação de Viagem, 160, 164, 245, 246,
 181
 Religiões (ver também Cristianismo)
 ascetismo, 235
 catolicismo, 159, 177
 cristianismo (anticristãos), 81
 docetismo, 275
 gnosticismo (antignóstico), 207, 226,
 262, 293
 heresias, 161, 176, 247, 259
 Islão, 7
 maniqueísmo, 260, 262, 293

monofisitismo, 172, 176
 Renascimento, 10, 223
 Répteis (ver também «serpentes» e «víboras»), 89, 187, 190, 201, 220, 225
 incombustíveis (ver também «salamandra»), 198
 monstruosos, 110
 sapo, 190, 193
 venenosos, 90, 98, 187
 revelações do Pseudo-Metódico, 105-106
 Rheims, Odo de, 42
 Rios
 Eufrates, 124, 303
 fontes do Nilo, 173, 175
 Gion, 168
 Idono, 69, 71, 74, 87
 Jordão, 283, 284
 Níger, 168, 172
 Nilo (Gion), 124
 Nilo Azul, 175
 Nilo, 164, 166, 168, 172, 345, 346
 Senegal, 168, 169
 Tigre, 70, 77
 Rogers, E.M., 62, 147, 149, 150
Romance de Alexandre, 99, 107-110, 196-99, 204, 276
Romanus Pontifex, 172
 Rombulo, Pietro, 163
 Roux, J.-P., 62
 Roy, B., 194, 195
 Ruybroeck, Wilhelm van, 159

S

S. João Baptista, 161, 283, 299, 312, 313, 323
 S. João Evangelista (ver «Patmos» e «Presbíteros Iohannis»), 81, 161, 209, 282, 301, 333, 334, 339-43, 346-48

S. Judas Tadeu, 78, 336
 S. Mateus, 168
 S. Paulo, 286, 310, 311, 315-18, 349
 S. Pedro, 282, 284, 301, 320, 321, 333, 334, 344, 349
 S. Tiago, 282, 316, 333, 334, 336, 344
 S. Tomás de Aquino, 30, 31, 260, 261, 265
 S. Tomé (ver também «patriarca»), 55, 56, 67, 68, 79, 81-4, 91, 96, 100, 122, 141, 145, 149, 151, 161-65, 168, 205, 207, 210-17, 220, 226-33, 237, 245-52, 257, 267, 271-75, 333-37, 341-44, 352
 corpo de S. Tomé, 74, 124, 126, 141, 149, 160, 247, 248, 252, 254
 gémeo de Jesus, 210, 229, 236, 239, 252, 257, 271
 mão de S. Tomé, 42
 martírio, 96, 211-15, 226, 232, 246, 251
 milagre póstumo de S. Tomé, 60, 57, 248, 252, 254, 251
 S. Judas Tomé (Dídimo), 78, 210, 334, 336, 339
 Sacerdote-profeta, 283
 Sacrifício, 214, 230, 237, 243, 278, 289
 Sacro Império Romano Germânico, 60, 65
 Sacrobosco, 139
 Salamandra (ver também «monstros», «répteis», «seres» e «vermes»), 9, 10, 54, 67, 70, 74, 90, 98, 104, 107, 196, 197, 198, 223, 253, 255, 256
 Samosata, Luciano de, 306
 Sangue, 125, 256, 278, 288
 Santa Maria (Virgem-Mãe), 46, 199, 301, 305, 308
 Santisteban, Gomez, 150-53
 Santo Agostinho, 90, 139, 140, 253, 259, 260

Santo Graal, 357
 Santo Isidoro de Sevilha, 81, 190, 196, 237, 340
 Santo Sepúlcro, 53
 Saussure, F., 11
 Scharfenberg, Albrecht von, 58
Segunda Carta de Jacques de Vitry, 103
 Sémen, 203, 239
 Senhor dos senhores [*dominus dominatum*], 42, 78, 101, 278
 Serapion, 81
 Seres
 celestiais, 241
 «imundos», 73
 Leviatã, 190, 277
 «maravilhosos», 189
 monstruosos, 142
 venenosos, 73, 74, 198, 271
 Serpentes (ver também «víboras»), 10, 11, 54, 69, 72, 89, 92-5, 97, 107, 124, 142, 187, 188, 195, 200-03, 210, 218, 220, 221, 224, 225, 227, 230, 231, 241, 243, 244, 271, 272, 276, 277, 279
 picada de serpentes, 189
 Severac, Jordano de, 162
 Sexualidade
 castidade sexual, 211, 213, 214, 272
 comunidade de mulheres, 126, 125
 continência sexual, 137, 138, 238
 incontinência sexual, 127, 237, 254
 promiscuidade sexual, 134, 138
 Sião, 278
 Sifur, 211, 214, 226, 232, 237, 239
 Simon, M., 312
 Simulação, 271
 Sinédrio, 301, 315
 Sítia, 322
 Sísifo, 345
 Slessarev, V., 56, 59, 60, 61, 77, 82, 211

Soberania
 celeste, 232
 cristã, 82
 divina, 79, 232, 263
 indiana, 154, 228, 232, 233
 magnificente, 228
 sacerdotal, 79, 91
 Sócrates, 24
 Solino, Júlio, 190
Sonho de Karish, 235, 236, 245, 246
Speculum Historiale, 118, 158
Speculum Naturale, 190
 Sperber, D., 23, 44, 45
 Stricker, 350
 Sul, 103, 119, 124, 129, 132, 134, 138, 149, 158
Suma Teológica, 30, 260, 261
 Sumo Pontífice, 154
 Suor, 193
 Susenyos, 173-77, 179

T

Tafur, Pero, 164
Talmud, 302, 303
 Tatiano, 219
 Taylor, E.G.R., 139, 351
 Teles, Baltazar, 174-76
 Templo, 304
 Tenduk, 159
 Teodicião, 288
 Teófrasto, 8
Teogonia, 48
 Teologia, 29, 218, 257
 cristã, 195
 Terra da Escuridão, 121
 Terra Plana, 138
 Terra Santa (ver também «cidades»), 70, 83, 118, 177

Tertã, 211, 213, 236, 239, 272
Tertuliano, 258
Teseu, 46, 47
Thaün, Philippe de, 60, 89, 197, 241
Thom, R., 11
Tiago de Antrióquia, 160
Tibete, 160
Tigre, 124, 200, 205
Toledot Jeshu, 295, 304, 305
Tora, 318
Torre cilíndrica, 97
Torre de Babel, 54
Trasselli, C., 163
Trimurti, 252
Trois-Fontaines, Alberic, 57
Trubetzkoy, N., 11
Tucídides, 46, 49

U

Ullendorf, E., 59
Utopia, 75, 117, 150, 157, 181

V

Velho, Álvaro, 172
Veneno (ver também «seres», «vermes», «monstros» e «répteis»), 73, 94, 98, 187, 195, 196, 201, 256, 272, 276, 277
Verdadeira Informação das Terras do Preste João, 153, 171, 172
Vermes (ver também «salamandra»), 90, 91, 98, 196, 198, 222, 255
pequenos animais da terra, 254
Verónica (Berenice), 349
Vesconte, Pietro, 165
Vestuário, 98, 107, 198, 206, 207, 217
As novas roupas do Imperador, 351

indumentária celeste, 219, 230
indumentária de luz, 224, 226
manto de penas de pavão, 245
roupa de Alexandre Magno, 198
roupa imunda, 206, 289
roupa incombustível, 104, 148, 151, 154
roupas brancas, 282
roupas de glória, 111, 112, 206-09
roupas do Preste João (vestuário do Preste João), 54, 70, 90, 205
roupas incombustíveis (vestuário incombustível), 91, 98, 107, 108, 196, 198
roupas simples, 128
túnica longa, 288
vestes, 91, 264
vestido de glória, 217, 252, 254, 267, 281
vestido de luz, 226, 230, 276
vestido impuro, 218
vestido imundo, 219, 217, 225, 226, 229, 251, 267, 275, 281
vestido incombustível, 141
vestuário celeste, 218
vestuário egípcio, 220
vestuário ígneo, 91
Veyne, P., 46, 47, 48
Viagens de John Mandeville, 119, 120, 124, 129, 139, 140-43, 146, 148, 153, 158, 160
Víboras, 125, 193, 203, 273
cerasta, 73, 104
Vida de Teseu, 49
Visão, 54, 148, 192, 193, 196, 199
aparência, 207, 210, 219, 220, 230-32, 272, 275
escudos, 108, 199, 201, 204, 206
espelho, 55, 97, 110, 148, 199, 200-02, 204, 207, 209, 218, 224, 232, 233, 279

imagem, 201, 207-09, 225, 230, 232, 275, 279
invisibilidade, 148, 224, 274
invólucro espiritual, 232
invólucro transparente, 200, 206, 274
invólucro, 209
olhar fulminante, 191, 196, 199, 201, 276
reflectores, 224, 291
ver para crer, 254
Vitry, Jacques de, 58, 103
Vizan, 212-14, 220, 226-29, 232, 233, 237, 239, 344, 347
Voragine, Giacomo de, 340, 347

W

Waard, R. van, 61
Walperger, A., 165
Warburg, R., 187, 188
Winton, Andrew de, 58

Wittgenstein, L. 43
Wittkower, R., 187, 243, 244
Wolof, 169

Y

Yakob, Zara, 163,
Yule, H., 245

Z

Zambon, F., 89
Zarncke, F., 41, 55-9, 63, 53, 68, 100, 104, 158
Zatloukal, K., 75
Zona tórrida, 70, 74, 124, 125, 129, 134, 140, 142, 158, 196, 198
Zumthor, P., 220
Zurara, Gomes Eanes de, 169, 172

ÍNDICE

<i>Prefácio</i> , por José Carlos Gomes da Silva.....	7
PRÓLOGO, <i>Para além do binarismo opositivo</i>	17
CORRESPONDÊNCIAS MARAVILHOSAS.....	39
1. Problemas heurísticos: ler para crer.....	41
2. Texto e contexto da <i>Carta do Preste João</i>	53
3. Maravilhas da Índia cristã.....	65
4. O patriarca, o rei e o rio	75
5. Uma <i>christomimesis</i> oriental.....	85
6. Instrumentos da vontade divina	99
DAS ÍNDIAS E DAS ÁFRICAS	115
1. Os reis nunca morrem? Viagens asiáticas	117
2. Nus às portas do Paraíso terrestre	131
3. Um presbítero patriarca.....	145
4. <i>Rex, Sacerdos et niger</i>	157
5. «Cegos pelos raios da fé de Roma».....	171
HORIZONTES ORIENTAIS.....	185
1. Ver um espelho e morrer.....	187
2. O rei e o mendigo: incursão pelos <i>apocriphe</i>	205
3. Um hino caído do céu.....	217
4. Das pombas e das serpentes.....	235
5. Um anjo caído é o quê?.....	255
DE JESUS E DO DIABO.....	269
1. O irmão do «filho do rei».....	271
2. Com o Diabo no corpo.....	281
ÍNDICE	397

3. ... <i>E Deus desceu ao inferno</i>	295
4. <i>A morte maldita de Deus</i>	307
EPÍLOGO, <i>Porque é preciso crer para ver</i>	333
NOTA FINAL	353
BIBLIOGRAFIA	359
LISTA DAS ILUSTRAÇÕES	375
ÍNDICE REMISSIVO	377

SETE ESTRELO

1.
O SOPRO DAS VOZES
TEXTOS DE ÍNDIOS AMERICANOS

2.
MITOS E SÍMBOLOS
NA ARTE E CIVILIZAÇÃO INDIANAS
HEINRICH ZIMMER

3.
ZEN
E A ARTE DO TIRO COM ARCO
EUGEN HERRIGEL